

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS – MG
Gestão de Engenharias, Arquitetura e Tecnologia – GET
Curso de Arquitetura e Urbanismo



CENTRO COMUNITÁRIO PITANGUEIRAS:
A IDENTIDADE CULTURAL E RELIGIOSA DE UMA COMUNIDADE TRESPONTANA
Nathália Maria Vicentini Afonso

Varginha-MG
Jun / 2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS – MG
Gestão de Engenharias, Arquitetura e Tecnologia – GET
Curso de Arquitetura e Urbanismo



CENTRO COMUNITÁRIO PITANGUEIRAS:

A IDENTIDADE CULTURAL E RELIGIOSA DE UMA COMUNIDADE TRESPONTANA

Nathália Maria Vicentini Afonso

Projeto de Pesquisa apresentado ao Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS-MG) como pré-requisito para obtenção de créditos na disciplina de TCC I do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Profa. Orientadora D. Sc. Luciana Bracarense
Coimbra

Varginha-MG

Jun /2020

CENTRO COMUNITÁRIO PITANGUEIRAS:

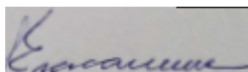
A IDENTIDADE CULTURAL E RELIGIOSA DE UMA COMUNIDADE TRESPONTANA

Nathália Maria Vicentini Afonso

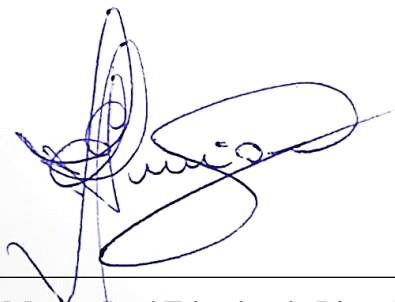
Projeto de Pesquisa apresentado ao Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS-MG) como pré-requisito para obtenção de créditos na disciplina de TCC I do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Profa. Orientadora D. Sc. Luciana Bracarense Coimbra

Aprovado em 04/12/2020



Prof.ª D. Sc. Luciana Bracarense Coimbra (Orientadora)



Prof. Mestre José Edwalto de Lima Júnior



Prof. Mestre Pedro Henrique Melo de Oliveira

AGRADECIMENTO

Começo por agradecer a Deus por, ao longo deste processo complicado e desgastante, me ter feito ver o caminho, nos momentos em que pensei em desistir. Aos professores reconheço os esforços com paciência e sabedoria, foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais a cada dia, em especial minha orientadora Dr. Luciana Bracarense, por além de ser excelente em seu ensino, permitir a inspiração de busca na futura profissão. Honro dona Lucia Borba Caliarí Vicentini, minha vizinha, por ser minha estrutura durante todos esses anos, meus irmãos José Vicentini Brito e Jefferson Vicentini de Oliveira, minha querida mãe Maria Eloisa Vicentini e minha madrinha Ana Terezinha Vicentini por sempre me apoiarem e acreditarem em mim, aos familiares que sempre me instigaram a seguir na Arquitetura e Urbanismo. Aos meus colegas de curso que sofreram tanto quanto eu e que hoje se tornaram meus amigos, presentes esses que a faculdade me proporcionou, vocês Paloma Tavares da Cruz, Diego Luiz da Silva e Alexandre Borges Procópio gostaria de deixar minha gratidão por me ajudar a passar e vencer a cada etapa desse curso. Aos demais amigos que tenho fora da instituição onde buscarei sempre a me motivar a continuar. Obrigada!

“A arquitetura é um fato de arte, um fenômeno de emoção, além das questões de construção.”

Le Corbusier

RESUMO

Este estudo tem como tema a erudição de centros comunitários no meio rural. Mais especificamente, teve-se como objetivo propor um projeto arquitetônico para a implantação de um Centro Comunitário, de caráter religioso, na comunidade Pitangueiras da cidade de Três Pontas-MG. A relevância da pesquisa origina-se no pressuposto social, urbano e moral, sob o ponto de vista físico-territorial da inserção das áreas rurais e suas diversas comunidades nos assuntos e planejamentos das cidades. Isto porque o rural e o urbano de um município estão interligados pela cultura de sua população que também faz parte do conjunto dos cidadãos do município. Tendo como objeto de estudo o espaço da cidade, compreendendo as regiões que consolidam seu território e sua história, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e dos diagnósticos feitos, aborda-se a questão do direito do cidadão à fruição do espaço e da cultura de seu meio com a contribuição que vem da intervenção arquitetônica. Ao identificar modos de vida, expectativas e necessidades da comunidade a “arquitetura para todos” acontece sob a forma de construção de uma resposta projetual coerente com o meio e seus valores, no caso, a religiosidade do lugar. Com isso, elabora-se, ao longo da pesquisa, uma base teórica que defende a proposta de um projeto público que constituirá o Centro Comunitário Pitangueiras: a identidade cultural e religiosa de uma comunidade rural, em Três Pontas-MG.

Palavras-chave: Comunidade; Centro Comunitário; Intervenção Arquitetônica; Planejamento; Identidade.

ABSTRACT

This study has as its theme the erudition of communitycenters in rural áreas. More specifically, the objective was to propose na architectural Project for implantation of a Community Center, of a religious nature, in the Pitangueiras community in the cty for Três Pontas-MG. The relevance of the research originates from the social, urban and morel assumption, from the playsical-territorial point of view of the insertion of rural áreas and their diverse commuties in the subjects and plans of cities. This is because the rural and urban áreas of municipality are interconnected by the culture of is history, sapace of the city, understanding the regions that consolidate is territory and its history, through bibliographic, documentar resarch of its environment whit the contribution that citizen's right to enjoy the space and culture of its envrionment with the contribution that comes from architectural intervention. When identifying ways of life, expectations and needsof the community, "architecture for all" takes formo f building a projetoct response coherent with the environment and its values, in this case, the religiousness of the place. With this, a theoretical asis is elaborated throughout the research that defends the proposal of a public Project that will constitute the Pitangueiras Community Center: the cultural and religious identity of rural community, in Três Pontas-MG.

Palavras-chave: Community; Community Center; Architectural Intervention; Planning; Identity.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Obras de Peter Zumthor | 20 |
| Figura 2 - Capela Fazenda Santa Helena - Bom Despacho, MG | 22 |
| Figura 3 - Mapa Conceitual / Capela Santa Helena, Bom Despacho - MG | 23 |
| Figura 4 - Refúgio e Centro Comunitário Rural - Pohegaon, Índia | 24 |
| Figura 5 - Refúgio e Centro Comunitário Rural - Pohegaon, Índia | 25 |
| Figura 6 - Mapa conceitual / Refúgio e Centro Comunitário Rural, Pohegaon - Índia.. | 26 |
| Figura 7 - Capela San Alberto Magno - Vilaparaíso, Chile | 27 |
| Figura 8 - Mapa conceitual / Capela San Alberto Magno, Vilaparaíso - Chile..... | 28 |
| Figura 9 - Centro Comunitário de Fa Chang – Heyuan , China | 30 |
| Figura 10 - Mapa conceitual / Centro Comunitário de Fa Chang, Heyuan - China | 31 |
| Figura 11 - Pavilhão de Verão – Londres, Inglaterra | 32 |
| Figura 12 - Mapa conceitual / Pavilhão de Verão da Galeria Serpentina, Londres - Inglaterra..... | 33 |
| Figura 13: Localização Pitangueiras..... | 34 |
| Figura 14 - Distribuição de produção na comunidade..... | 36 |
| Figura 15 - Mapa de condicionantes do local..... | 37 |
| Figura 16 - Divisão de áreas | 38 |
| Figura 17 - Mapa de utilização do solo | 39 |
| Figura 18 - Construções existentes..... | 40 |
| Figura 19 - Terreno..... | 40 |
| Figura 20 - Mapa de acessos principais..... | 41 |
| Figura 21 - Topografia do terreno | 42 |
| Figura 22 - Planta baixa terreno | 42 |
| Figura 23 - Mapa conceitual – Centro Comunitário..... | 45 |
| Figura 24 - Croquis..... | 46 |
| Figura 25 – Tons e Materiais..... | 47 |
| Figura 26 - Maquete volumétrica | 47 |
| Figura 27 – Cortes esquemáticos..... | 48 |
| Figura 28 - Organograma | 50 |
| Figura 29 - Fluxograma | 50 |
| Figura 30 – Setorização | 51 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Procedimentos e Técnicas de Pesquisa | 15 |
| Quadro 2 - Quadro botânico | 38 |
| Quadro 3 - ZRU – Zona Rural..... | 43 |
| Quadro 4 - Programa de necessidades | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 Tema | 11 |
| 1.2 Problematização..... | 13 |
| 1.3 Justificativa..... | 13 |
| 1.4 Objetivos..... | 14 |
| 1.4.1 Geral | 14 |
| 1.4.1 Específicos..... | 14 |
| 1.5 Metodologia..... | 14 |
| 2 REVISÃO DE LITERATURA | 16 |
| 2.1 Panorama atual sobre os Centros Comunitários | 16 |
| 2.2 Arquitetura rural no Brasil..... | 17 |
| 2.3 Arquitetura e imaterialidade | 18 |
| 3 REFERÊNCIAS PROJETUAIS | 21 |
| 3.1 Capela na Fazenda Santa Helena..... | 21 |
| 3.2 Refúgio e Centro Comunitário Rural..... | 23 |
| 3.3 Capela San Alberto Magno..... | 26 |
| 3.4 Centro Comunitário de Fa Chang..... | 28 |
| 3.5 Pavilhão de Verão, Serpentine Gallery..... | 31 |
| 4 DIAGNÓSTICO | 34 |
| 4.1 Desenvolvimento Econômico..... | 34 |
| 4.2 Condicionantes ambientais | 36 |
| 4.3 Áreas Verdes..... | 37 |
| 4.4 Uso e Ocupação do Solo..... | 39 |
| 4.5 Hierarquia Viária | 40 |
| 4.6 Topografia | 41 |
| 4.6.1 Aspectos Físicos | 42 |

| | |
|--|-----------|
| | 10 |
| 4.6.2 Impactos ambientais | 43 |
| 4.7 Legislação aplicada à área de estudo | 43 |
| 5 OBJETO DE ESTUDO | 44 |
| 5.1 Conceito..... | 44 |
| 5.2 Partido arquitetônico e volumetria | 45 |
| 5.3 Volumetria..... | 47 |
| 5.4 Programa de necessidades | 48 |
| 5.5 Organograma e fluxograma | 49 |
| 5.6 Setorização..... | 51 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 52 |
| REFERÊNCIAS..... | 53 |
| APÊNDICE A | |
| ANEXO 1 | |

1 INTRODUÇÃO

Nesta introdução apresenta-se o tema, problematização, justificativa objetivos e metodologia do trabalho em desenvolvimento. Trata-se da elaboração do projeto arquitetônico de um Centro Comunitário, de caráter religioso, no meio rural da cidade de Três Pontas-MG.

1.1 Tema

Desde sua fundação, há 162 anos, o Município de Três Pontas, localizado no Sul de Minas Gerais, sempre mostrou um grande desenvolvimento urbano e social. Em Três Pontas existem dois processos relacionados a personalidades religiosas que beneficiaram a sociedade por meio de ações que, segundo a fé presente no município, tiveram caráter milagroso: o processo de beatificação de Madre Teresa, conhecida carinhosamente como nossa Mãe: Responsável por fundar o Carmelo São José em Três Pontas, o mosteiro tornou-se cada vez mais um ponto de referência para os fiéis da região. Muitos procuravam a Nossa Mãe para pedir conselhos, orientação espiritual e ajuda. Logo as pessoas, como sinal de veneração e afeto começaram a chamá-la de Nossa Mãe, e devido suas ações e graças alcançadas através de suas orações, hoje possui o processo de beatificação pela igreja e o processo de canonização de Pe. Victor, que teve uma vida dedicada aos pobres: Logo que assumiu seus trabalhos na Paróquia, visitava doentes, amparava os inválidos, zelava pela infância desvalida, atendia a população em suas necessidades.

A sua dedicação, as suas virtudes o fizeram admirado por todos, pois assumiu a direção da Paróquia, com zelo e carinho, colocando-se, assim, acima de todas as críticas principalmente por ser filho de escravos na época quando foi aceito em 1848 pelo Bispo Dom Antônio Ferreira Viçoso, o que levou com suas atitudes na canonização pela igreja nos dias atuais.

. Por consequência ao reconhecimento da grande religiosidade desses servos e a elevação de santidade de ambos, Três Pontas tornou-se uma cidade mundialmente conhecida através da religião, trazendo visitantes para o município.

Além da população urbana o município abriga diversas comunidades rurais, a maioria relacionada ao perímetro dos limites da extensão da cidade. Essa população rural de Três Pontas não deixa de conter a mesma cultura, sendo fortemente religiosos. Mesmo encontrando grandes dificuldades para a prática de suas crenças, a população se reúne para realização de cultos, missas, celebrações, elevando sua fé.

O projeto diz respeito a um Centro Comunitário Religioso na comunidade Pitangueiras que, mesmo não contendo uma edificação religiosa específica no local, praticam a sua fé independente da composição do espaço atual. As principais diretrizes para a criação deste projeto contemplarão a relação do homem com a arquitetura, no sentido de como a religiosidade e o espaço físico podem alimentar a espiritualidade do indivíduo, o que evidencia quando o próprio espaço e usuários pedem a intervenção arquitetônica. Este centro comunitário terá como resultado um edifício religioso, buscando a imaterialidade que se revela na dimensão material da edificação, além de sala para as crianças terem aula de catequese. Será mantido o campo de futebol já existente, utilizado pela comunidade para lazer; um barzinho onde poderão servir refeições em datas comemorativas e celebrações, resultando em uma estrutura projetada adequadamente para atender às atividades que acontece naquele local.

A origem da imaterialidade não é exata, pois não se sabe ao certo quando começou a ser estudada, mas quase sempre sua associação é feita com seu oposto, a materialidade. Na conceituação mais simples, imaterialidade é aquilo que não tem matéria, o impalpável; o que não tem consistência material; o espírito, portanto, é imaterial. Sua complexidade aparece tanto na arquitetura, assim como na ciência, debates filosóficos, estudo sobre a arte e na literatura.

A ligação desta imaterialidade está no modo de construir a arquitetura, a delimitação do espaço material, as percepções visuais e sensoriais, a composição deste ambiente criado para a ligação do indivíduo com a arquitetura, o que depende muito do entendimento deste conceito. Tal conceito precisará ser transposto para a forma arquitetônica a ser projetada, ou seja, fundamentará uma projeção além do concreto, buscando algo imaterial. Mesmo sendo ligado à desmaterialização, projetar o espaço coordenado, ligado a este conceito, se encontra na forma bruta, na forma retangular de um concreto, em uma simbologia religiosa mais forte do que o próprio espaço, trabalhando a junção do interno com o externo.

A criação do projeto deste centro se funda nesse conceito de imaterialidade que se soma ao diagnóstico, de modo a atender à necessidade daquele local. A compreensão e percepção que se deu por meio do estudo do espaço, conduz à ideia de um abrigo para trabalhadores, com recintos para atividades e refeições tranquilas. Além disso, a composição de um ambiente múltiplo, mas com suas delimitações específicas, permitirá usos diferentes, cuja interseção acontecerá com o encontro entre a arquitetura e o entorno, um refúgio para acolher os visitantes.

1.2 Problematização

Ainda que Três Pontas possua essa cultura muito forte ligada à religião e as paróquias da cidade serem responsáveis pelas comunidades rurais, a população desta zona não possui fácil acesso à área urbana do município, fazendo com que não possam participar frequentemente das atividades de suas paróquias. Assim sendo, foram elaborados programas de atendimento para realização de missas pelo menos uma vez ao mês nessas regiões e algumas celebrações em datas consideradas importantes para os cristãos.

Com essa programação, nota-se a necessidade da existência de um espaço físico onde o indivíduo possa elevar seu espírito e ter seu contato com Deus, além de uma infraestrutura apropriada para abrigar e oferecer conforto a essa comunidade nas realizações de suas atividades religiosas, ou seja, é preciso ter acesso a um espaço que seja planejado de acordo com a cultura do lugar.

Pergunta-se então, qual a importância de resgatar o sagrado em edifícios religiosos? Qual a verdadeira função do arquiteto no que se refere ao sagrado, no resgate e preservação da cultura? E como ele pode desempenhá-la? De que forma um projeto arquitetônico pode ser uma ferramenta de reafirmação da identidade de uma comunidade?

1.3 Justificativa

Minas Gerais é um estado que se difere em muitos aspectos de outros estados. A religiosidade de sua população evidencia de modo inextinguível essa identidade cultural frente à nação, o que se compreende a partir de estudos sobre a formação de Minas Gerais.

Devido ao modo com que Três Pontas foi se desenvolvendo, a maioria da população é católica; existem muitas igrejas e capelas espalhadas por toda a cidade e também pela zona rural, ocorrendo muitas festividades religiosas na cidade.

A paróquia Nossa Senhora D'Ajuda é a mais antiga da cidade, abrangendo também as comunidades rurais. A paróquia Nossa Senhora Aparecida foi criada em 1959 e atualmente é composta por 22 comunidades das quais quatro estão na zona urbana e as demais, que são a sua maioria, estão localizadas na área rural da cidade. É a Paróquia Nossa Senhora Aparecida que dá suporte à comunidade Pitangueiras, local do projeto proposto neste trabalho.

Essa cultura nasceu com a história do município e foi sustentada com a ajuda dos missionários redentoristas, enviados pelos párocos das paróquias que as comunidades faziam parte. A primeira manifestação física desta cultura são os surgimentos dos

cruzeiros, que representam a fé e a crença do local. Após esse feito, algumas comunidades já possuem sua própria capela, um local onde podem exercer suas crenças e ter seu momento de paz de espírito.

A comunidade Pitangueiras possui o mesmo perfil de cultura religiosa do município. Os indivíduos começaram se reunindo em garagens das casas dos moradores para a prática de sua fé e em prol da construção de uma cobertura para celebrações, além de servir como suporte para aulas de catequese e local para refeições. O que mostra que independente do auxílio que possuem, e a escassez da estrutura apropriada para essas atividades, a comunidade não deixa de exercer tanto sua fé, como as suas atividades culturais.

A importância deste projeto está totalmente ligada em mostrar como a intervenção de uma arquitetura no espaço pode trazer melhorias para aqueles usuários e, além de tudo, manter a identidade cultural do local.

1.4 Objetivos

1.4.1 Geral

Desenvolver um projeto arquitetônico de um Centro Comunitário Religioso na comunidade Pitangueiras, de Três Pontas-MG, com múltiplas funcionalidades.

1.4.1 Específicos

- Compreender e caracterizar como os centros comunitários, ligados à religiosidade, estão presentes na vida da comunidade.
- Caracterizar o funcionamento de um centro comunitário.
- Identificar necessidades da comunidade e a identidade cultural dos usuários.
- Analisar projetos capazes de referenciar a construção de espaços arquitetônicos baseados no conceito de imaterialidade.
- Propor um projeto de centro comunitário religioso.

1.5 Metodologia

Este projeto será apoiado em estudos bibliográficos para embasamento teórico, acrescidos com a coleta de e pesquisa de campo. Serão utilizados materiais publicados como artigos, dissertações e teses, principalmente por livros, além de materiais disponibilizados na internet, o que norteará esta discussão e o objeto de estudo.

Para o levantamento de dados, em relação aos usos e atividades desta comunidade, serão feitas visitas, registros e conversas informais com os moradores que

residem ali, além da aplicação de questionários e formulários, que resultarão em respostas de pesquisa quantitativa e qualitativa em relação ao comportamento dessa população que serão os principais usuários da edificação.

Na fase preliminar, para se chegar ao conceito e partido do projeto, será feita ainda uma análise das referências projetuais, cumprindo-se, também, todo o processo de diagnóstico da área de intervenção, legislação pertinente além da identificação e estudos dos impactos sociais e urbanísticos da construção no local onde a mesma vai se dar. No quadro 1, a seguir, apresentam-se os procedimentos e técnicas de pesquisa correspondentes a cada um dos objetivos específicos a serem alcançados.

Quadro 1 - Procedimentos e Técnicas de Pesquisa

| Objetivos Específicos | Procedimentos e técnicas de pesquisa |
|--|--|
| Compreender e caracterizar como os centros comunitários, ligados à religiosidade, estão presentes na vida da comunidade. | Pesquisas em livros, teses e artigos, além de informações disponíveis em meios digitais; |
| Caracterizar o funcionamento de um centro comunitário. | Contribuir para facilitar a todos, o acesso à assistência necessária diversas, por meio de localização estratégica dentro da comunidade e garantir o acesso as pessoas com mobilidade reduzida, fora do meio urbano; |
| Identificar necessidades da comunidade e a identidade cultural dos usuários. | Buscar através dos órgãos públicos locais, ações diretas e indiretas para a comunidade, indicando as características deste setor. Ida a campo, conversas e diálogos com os responsáveis a assistência do local e os cidadãos. Reuniões e conversas informais para estabelecer a funcionalidade de curto e longo prazo do centro comunitário, perguntas internas à Igreja que auxilia a comunidade e documentos que indicam a necessidade do espaço. Elencar expectativas e interesse que deverão estar na base da proposta do projeto. |
| Analisar projetos capazes de referenciar a construção de espaços arquitetônicos baseados no conceito de imaterialidade. | Manuseio, interpretação e crítica de referências projetuais. |
| Propor um projeto de centro comunitário religioso. | Leitura da topografia do local, utilizar o programa de necessidades como norteadora do processo dimensional do espaço, definir conceito e partido que uma as características da população ao espaço edificado. |

Fonte: Projeto de pesquisa da autora, 2019

2 REVISÃO DE LITERATURA

Deste capítulo constam uma visão geral acerca dos centros comunitários, sua concepção e histórico. Aborda-se, também, questões relativas à arquitetura em área rural e à imaterialidade na concepção arquitetônica com a finalidade de fundamentar a proposta de um centro comunitário religioso coerente com necessidades e a identidade cultural e religiosa de uma comunidade denominada Pitangueiras no Município de Três Pontas - MG.

2.1 Panorama atual sobre os Centros Comunitários

Centro Comunitário é um espaço de uso comum; às vezes, eles podem ser abertos para toda a comunidade ou para um grupo específico em maior número, onde diversas pessoas podem compartilhar de algum tipo de serviço ou atividade. Podem ser de natureza religiosa ou até mesmo de temas variados, como esporte, educação, saúde, apoio social, entre outros. Esses centros geralmente executam multifunções em sua comunidade de inserção, como um local para celebrações, abrigo e refúgio para a população, partes religiosas, atividades voluntárias, atividades em prol deste grupo, encontros, reuniões e eventos locais.

Em todo o mundo há três maneiras comuns pelas quais existem a organização e operação para criação de centros comunitários. Monteiro (2015) afirma que o modelo “Centro Comunitário Propriedade da Comunidade” é um centro onde a propriedade e a administração do local é pertencente à própria comunidade; pode obter financiamentos governamentais, com o consentimento de todos que o desejarem. Já no modelo “Propriedade do Governo” o centro passa ser um espaço público do governo, mesmo sendo usado na maioria das vezes para atividades de função não governamentais, podendo ser monitorado por um líder eleito pela comunidade local de acordo com a Constituição Federal. O centro de origem “Patrocinado” é um espaço doado por um cidadão financeiramente favorável, que passa ser de uso social para a comunidade que se encontra no local, afirma Kunsch (2016).

Os primeiros edifícios a terem a função de centros comunitários surgiram em 1880, pois até essa denominação, os edifícios que cumpriam este papel eram edificações em desuso, doadas para ações sociais e prédios com mais de umas das funções interligadas à comunidade, com papel similar ao que se chama atualmente de Centros Comunitários.

2.2 Arquitetura rural no Brasil

As pesquisas sobre arquitetura rural no país têm seguido um nível de evolução nos últimos anos totalmente ligadas à lógica das intensas mudanças por que passa o ambiente rural do Brasil. Segundo Ferrão (2004) ao se focar a arquitetura rural, remete-se logo à ideia de uma paisagem singela, compostas por pequenos sítios ou enormes glebas sem a necessária infraestrutura física capaz de dotar o território de elementos que otimizem a produção e ao mesmo tempo a qualidade de vida dos trabalhadores e moradores locais. No entanto, com tal evolução, os estudos já apontam que arquitetura rural vai muito além disso porque, ao se tratar dessa arquitetura, se discute sustentabilidade do país, política, economia e cultura, envolvendo bem mais assuntos do que já são rotulados na percepção da população.

Ao se estudar a arquitetura rural é preciso enfoque transdisciplinar e visão em processos, com base no planejamento do espaço físico, as propriedades agrícolas, e os valores que se podem agregar aos processos do país, tanto relacionados ao da sustentabilidade de produções como ao histórico inserido na área. Em relação aos valores de desenvolvimento, afirma-se que:

Regiões históricas, repletas de tradições culturais, ou dedicadas a produtos típicos fortemente vinculados ao território onde são produzidos, a ponto de caracterizarem sua paisagem e serem reconhecidos por ela, numa relação intrínseca entre processo produtivo e organização territorial, podem ser consideradas como unidades de análise ou planejamento integradas por suas características culturais (FERRÃO, 2004, p. 1033)

Por isso, as áreas rurais são de fundamental importância reconhecer como espaço para se produzir e pensar arquitetura. Trata-se de um o espaço relacionado ao resgate e valorização da memória e cultura não só local, mas para o país, com a inserção de uma a arquitetura para todos, com base no reconhecimento e análise da paisagem cultural da região.

A valorização dos recursos locais vinculados ao patrimônio cultural consiste em contrapartida em inúmeros planos de desenvolvimentos que obtiveram sucesso na Europa e nos Estados Unidos (SABATÉ E SCHUSTER, 2011).

Pode-se dizer que o valor patrimonial natural, correlacionando locais cívicos, religiosos, eventos, festivais tradicionais, sítios, memória da arquitetura, produtos típicos (artesanato), a própria cultura e identidade local, caracteriza-se como elemento de valor intrínseco de uma comunidade, a ser transcrita por meio da arquitetura, afirma Ferrão (2004).

No Brasil, atualmente concentra-se mais de 84% de sua população em área urbana, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Este fenômeno cria populações cada vez menos solidárias ou um grupo de vizinhos que se ajudam, atitudes cada vez mais escassas na sociedade. No registro histórico das evoluções da sociedade, são nas comunidades rurais que o sentido de ajuda plena se expõe, com reciprocidade nas ações, e sua materialização para a comunidade mediante aos mutirões. Brandenburg (2010) procura explicar, por que o ambiente rural, dada a sua estrutura, é mais sujeito a essas relações, entre elas:

E, se, por um lado, a sociedade ou o poder público não provê o meio rural de condições infra estruturais para se desenvolver melhores condições de vida, a exemplo da vida urbana, por outro, a busca por melhores condições de sobrevivência faz com que se desenvolvam ações coletivas visando à construção de igrejas, escolas, pontes (BRANDEMBURG, 2010, p.420).

De fato, as comunidades rurais são mais propícias ao trabalho coletivo, o que contribui para a formação de uma teia social de compartilhamento e união em grupos onde os indivíduos possuem objetivos similares; essa união os mantém fortes para que tenham acesso a tudo que uma cidade pode oferecer do modo que seja possível.

Na maioria das vezes os centros comunitários são desenvolvidos em áreas rurais justamente por esse fato citado. A arquitetura tem como objetivo levar por intermédio da construção do centro, um apoio, refúgio, um espaço multifuncional para que a comunidade possa ter um suporte maior e melhoria de vida. Por isso a arquitetura rural torna-se algo surpreendente e de uma importância sem igual, pois compreende uma identidade brasileira e abre os olhos para uma parte da população, transcrevendo na arte de criar arquitetura o que ela é para aquele espaço que a pede, independente dos usuários e localização.

2.3 Arquitetura e imaterialidade

A origem da imaterialidade não é exata, pois não se sabe ao certo quando começou a ser estudada, mas quase sempre sua associação é feita com seu oposto, a materialidade. Na conceituação mais simples, tem-se como “aquilo que não tem matéria; o impalpável; o que não tem consistência material; o espírito, portanto, é imaterial.”¹ Sua complexidade aparece tanto na arquitetura, assim como na ciência, debates filosóficos, estudo sobre a arte e na literatura.

¹Define-se Imaterialidade como – “Que não se consegue tocar, impalpável; o que não é corpóreo, espiritual; o que não tem consistência material”. DICIONÁRIO ONLINE PORTUGUÊS. Acesso em 10 de out. 2019.

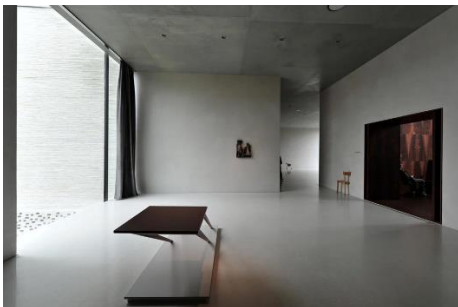
Qualquer obra arquitetônica pode ser compreendida e observada para além de materialidade física, pois, em seu estado original, a obra é oriunda de um pensamento do autor que gerou uma identidade e se projetou com base em croquis e anotações, e parte para a construção que traz a realidade da ideia. Mesmo quando finalizada, a obra possui um abstrato que determina suas formas de exposição, ou seja, a matéria do ‘não construído’ ainda vive na mente do arquiteto e estabelece essa outra essência da arquitetura.

Além do espaço e do abrigo das múltiplas atividades humanas, por meio da sua construtividade, a arquitetura pretende ainda atender às expectativas e demandas de outra ordem, originadas de outros objetivos, chamadas aqui de dimensão imaterial. Pode ser traduzida na ausência da materialidade, mas não necessariamente por meio dela. Sob o ponto de vista de Hill (2006), a dimensão imaterial deve ser tratada de modo que estabeleça que a arquitetura imaterial deve ser trabalhada como a ausência percebida da matéria, e não ausência real desta, focada na criatividade do usuário que, ao se deparar com a obra, seja estimulado a buscar outros sentidos. Portanto, esta é a tarefa do arquiteto: ser promotor desta experiência, pois não cabe a ele decidir o que é imaterial, mas, sim, ao usuário.

O sentido e a dimensão da imaterialidade não podem ser separados de sua materialidade que é inerente à arquitetura. O que significa que os temas não são tratados de forma oposta, pois observa-se que, em obras referenciais de arquitetura, existe a conciliação entre o material e o imaterial, tal como descreve Kahn (2010), “Um grande edifício deve começar no imensurável, passa por meio mensurável quando a ser projetado e, no final deve ser imensurável” (KAHN, 2010, p. 25).

Com base nessa lógica exemplifica-se com obras do arquiteto suíço Peter Zumthor (1943), como segue abaixo na figura 1. Sua teoria consiste em não falar sobre forma, mas, sim, sobre construção, ciência, sentimentos, e também que a criação se inicia quando se dispõe de materiais a fim de se obter uma reação, que é o sinônimo da criação arquitetônica.

Figura 1 - Obras de Peter Zumthor



(a) Museu Kolumba



(b) Capela São Bento



(c) Capela de Campo Brader Klaus



(d) Pavilhão de Verão da Serpentine Gallery

Fonte: Archdaily, 2018.²

Zumthor buscou, por meio da criação de suas obras, uma relação imediata do homem, obra e meio inserido, criando aos usuários a possível experiência, do relacionamento emocional com o espaço material.

A busca por este conceito é exatamente trazer para o objeto proposto, depois de muito estudos e concepções sobre o tema, atentar ao uso e escolhas dos materiais, especificamente aos detalhes de sua aplicação e construção, para que seja possível, como dito anteriormente, buscar essa vivência dos usuários, para que assim tragam e sintam o imaterial na obra arquitetônica.

²Disponível: <https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/bl-arquitetura-capela-bom-despacho-mg>. Acesso em 17 de fev 2020.

3 REFERÊNCIAS PROJETUAIS

3.1 Capela na Fazenda Santa Helena

3.1.1 Ficha Técnica

- Arquitetos: Eduardo Beggiato e Edwiges Leal.
- Localização: Bom Despacho/MG.
- Área: 150m².
- Ano do projeto: 2010.
- Material: Pedra, Concreto, Madeira e Vidro.
- Condição: Construído.

3.1.2 O Projeto

Este projeto, localizado em Bom Despacho-MG, foi construído com a função de um pequeno templo, contendo uma área de 150m² na zona rural da Fazenda Santa Helena. A ideia da construção surgiu em 2010, quando os atuais donos receberam as terras de seus pais, com intuito da edificação trazer um lugar de paz para os visitantes e familiares naquele local.

O projeto nasceu de duas retas verticais e uma horizontal, como observado na figura 2, configurando um espaço de formas límpidas, sendo edificado a partir de pedra, concreto e madeira de demolição. A escolha desses materiais se deu na tentativa de relatar o contato com o divino e trazer momentos de paz aos usuários. Com o resultado final, que aconteceu em 2012, é notável a expressividade que o edifício possui, o que mostra que foi possível manter a essência desejada pelos arquitetos, no espaço que compõe a capela.

Figura 2 - Capela Fazenda Santa Helena - Bom Despacho, MG



(a) área interna da capela



(b) área externa da capela

Fonte: Arcoweb, 2015.³

A Fazenda é maior produtora do país do capim Tifton 85, utilizado na forragem para alimentação bovina; este cultivo proporciona um maravilhoso visual, de extensas planícies de capim em meio de uma imensidão esverdeada. A escolha por formas puras e despidoradamente simples, tem uma forma que valoriza a exuberante paisagem circundante, assim decidida justamente por trazer essa conectividade esperada no edifício.

Foi através da ideia de exaltar a simplicidade e a natureza, que nasceram as superfícies delineadas por materiais como concreto e pedra; com eles foram construídos os muros que guardam lembranças das fazendas e vilas coloniais e, a esses dois, somou-se a madeira. A pedra e a madeira foram de demolição, foram empregados por aludirem às tradições religiosas, e nessa busca de remeter ao divino, criaram-se as proporções arquitetônicas, que limitam o espaço, junto à opção de um ambiente aberto, de acesso restrito, devido localizar-se em uma área particular.

Mesmo sendo de pequena dimensão, o volume único permitiu a proposta de rasgo nas paredes e no teto que compõe o edifício, para entrada de luz natural, em seu resultado final, essas aberturas em conjunto ao espelho d'água, conduzem ao acolhimento de introspecção, sentimento praticamente inerente aos momentos de oração.

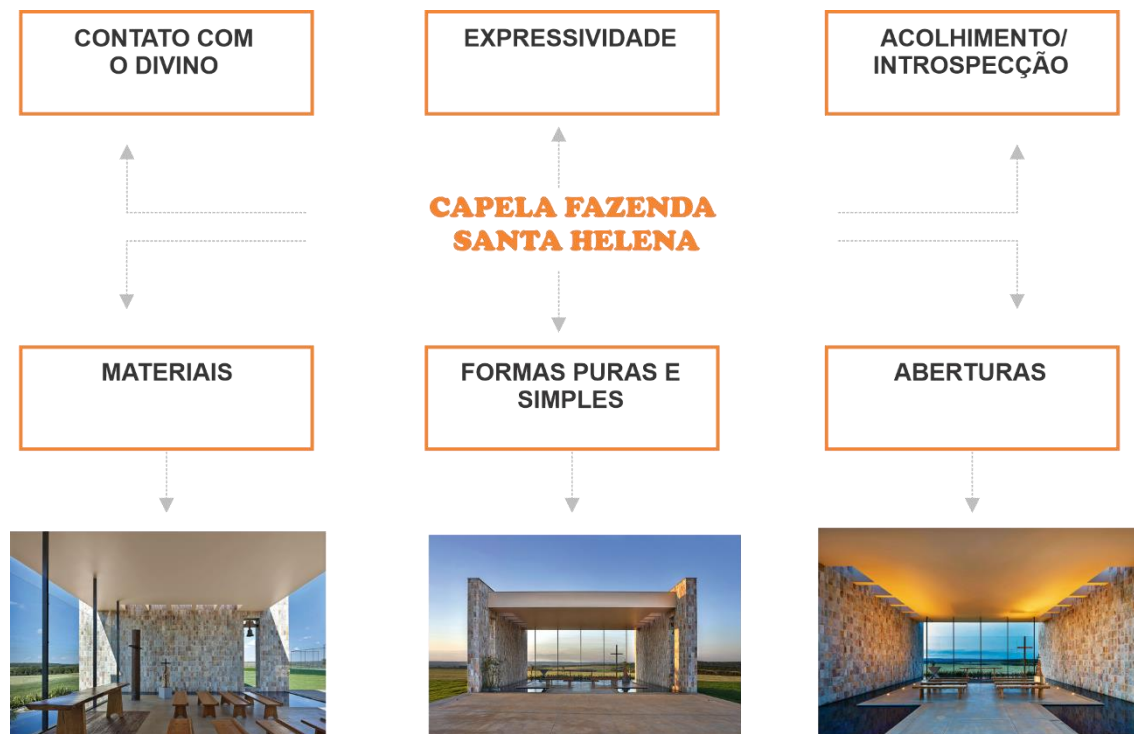
3.1.3 Análise do Projeto

Sabe-se que, ao pensar em um projeto, é necessário compreender qual será seu volume final e o que irá compô-lo. É muito importante a compreensão da ligação entre o espaço edificado, o não edificado e sua função, para que a arquitetura aconteça no seu espaço de inserção. E é este o fator relevante deste projeto: a forma com que foi criado o ambiente, a ligação possível alcançada entre o espaço materializado e o divino.

³Disponível: <https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/bl-arquitetura-capela-bom-despacho-mg>. Acesso em 17 de fev 2020.

Outro fato interessante a ser considerado é a escolha dos materiais e o que ele representa, ao mesmo tempo que ele traz aconchego e paz aos seus visitantes, ele contém relatos de memórias nos materiais que em conjunto a sua forma, se faz presente no edifício, como conceituado na figura 3.

Figura 3 - Mapa Conceitual / Capela Santa Helena, Bom Despacho - MG



Fonte: A autora

3.2 Refúgio e Centro Comunitário Rural

3.2.1 Ficha Técnica

- Arquitetos: Atelier Shantanu Autade.
- Localização: Área Rural de Pohegaon, Ahmednagar de Maharashtra, Índia.
- Área: 37m².
- Ano do projeto: 2018.
- Material: Concreto, Material Metálico e Zinco.
- Condição: Construído.

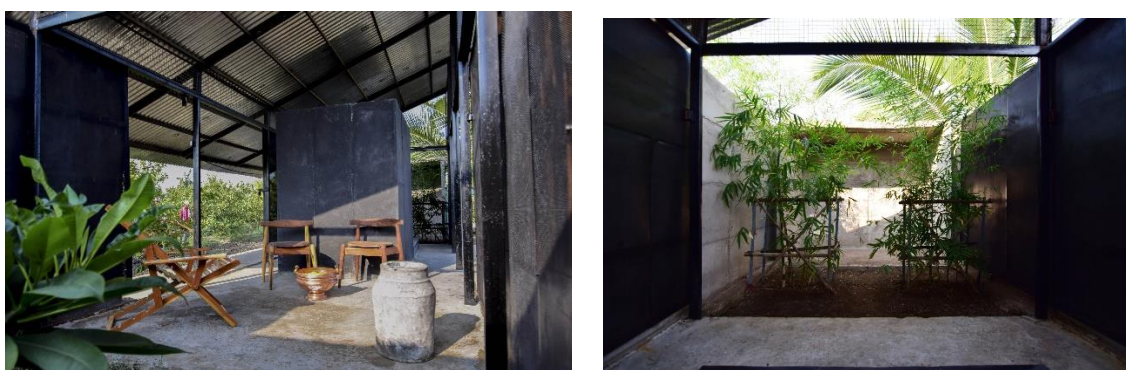
3.2.2 O Projeto

O projeto do Refúgio e Centro Comunitário Rural, localizado no distrito de Ahmednagar foi planejado em busca de conceber um lugar, um refúgio onde os trabalhadores pudessem repousar e fazer suas refeições diárias tranquilamente. Após um amplo levantamento das tipologias residenciais construídas ao redor, criou-se o centro,

porém não se trata apenas de uma casa de campo, mas sim de um edifício de múltipla função, que atende a necessidades daquela área, além de servir como abrigo temporário para aqueles que possuem trabalhos temporários nas fazendas.

A ideia iniciou-se a partir da conclusão após os estudos da tipologia; tratava da tradicional construção de Dhaba (laje de barro), casas com varandas, majoritariamente construídas em paredes de concreto e cobertura metálica. Depois dessa busca pelo conhecimento da técnica construtiva do local, nasceu o refúgio com finas paredes de concreto e um esqueleto metálico que suporta a leve cobertura de zinco, como mostra a figura 4.

Figura 4 - Refúgio e Centro Comunitário Rural - Pohegaon, Índia



(a) Cobertura e estrutura

(b) Varanda

Fonte: Archdaily, 2019.⁴

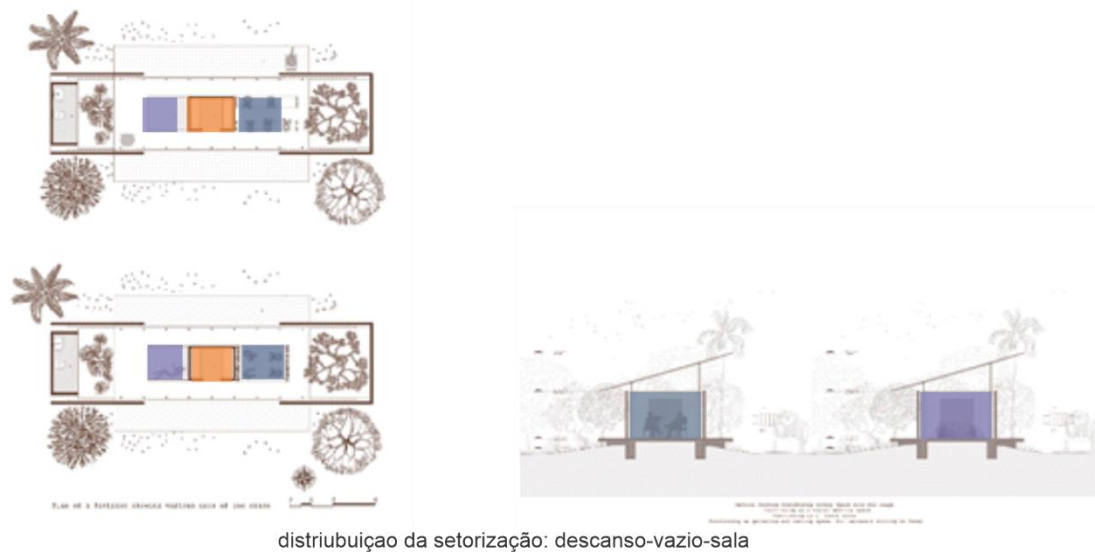
A disposição dos edifícios no local se depara com a seguinte configuração: um espaço de estar fechado e um espaço semiaberto, não contendo conectividade, com isso, buscaram através desse projeto, propor um edifício diferente, onde existisse a intercessão entre os dois programas propostos social e íntimo.

O projeto é composto por uma base (plataforma), um esqueleto (estrutura metálica), uma cobertura (chapa ondulada) e uma envoltória (envelope de concreto). Em busca da integração entre os ambientes, o edifício foi cortado ao meio, sendo possível assim, separar e ao mesmo tempo conectar os dois ambientes, como exemplificado na figura 5. O vazio criado bem no meio do pavilhão, permite a conexão visual entre seus lados opostos, assim como para a paisagem que o local possui. Este fechamento se dá através de uma grade metálica vazada, impedindo a criação de bloqueios das vistas, ventilação e iluminação natural. O coração desta obra é onde seus múltiplos usos se

⁴Disponível: <https://www.archdaily.com.br/br/914474/refugio-e-centro-comunitario-rural-atelier-shantanu-autade>. Acesso em 17 de fev 2020.

encontram criando novas conexões e experiências. A intersecção dos programas acontece onde a arquitetura e a paisagem se encontram, um refúgio que acolhe os visitantes assim como a arquitetura acolhe o seu meio.

Figura 5 - Refúgio e Centro Comunitário Rural - Pohegaon, Índia



(a) Planta baixa

(b) Cortes ambientes

Fonte: Archdaily, 2019⁵

3.2.3 Análise do Projeto

A integração entre ambientes, passou a fazer parte dos projetos arquitetônicos há algum tempo, mas nem sempre encontramos isso nas obras. O ponto relevante deste projeto, levantados na figura 6, são as diversas funções que ele comporta e as propostas inteligentes que possui para que aconteça essa intersecção dos programas dentro do edifício.

⁵Disponível: <https://www.archdaily.com.br/br/914474/refugio-e-centro-comunitario-rural-atelier-shantanu-autade>. Acesso em 17 de fev 202

Figura 6 - Mapa conceitual / Refúgio e Centro Comunitário Rural, Pohegaon - Índia



Fonte: A autora

3.3 Capela San Alberto Magno

3.3.1 Ficha Técnica

- Arquitetos: José Requesens Aldea e Juan Pavez Aguilar.
- Localização: Campus Carauma PUCV, Vilaparaiso, Chile.
- Área: 320m².
- Ano do projeto: 2014.
- Material: Concreto Armado e madeira.
- Condição: Construído.

3.3.2 O Projeto

Localizada no centro do Campus Carauma PUCV, o projeto desta obra diz respeito a uma capela oferecida para a comunidade da Paróquia San Pablo de Placilla, destinada tanto a essa comunidade, como à população da cidade de Carauma e aos universitários do Campus.

A capela se encontra em um espaço público, com múltiplos acessos através de percursos que convergem a ela. Com um total de 320 m², sua forma parece com um cubo de concreto armado pousado sobre uma base de madeira; já seu exterior é orientado por sua diagonal, cobrindo a máxima distância e configurando três naves divergentes,

uma central e duas laterais. Sobretudo, o interior conta com entrada de luz zenital em seu altar, eixo central, o Santíssimo, o Patrono, confessionário e Sacristia, permitindo a suspensão de signos religiosos sob a luz, como demonstrado na figura 7.

Figura 7 - Capela San Alberto Magno - Vilaparaíso, Chile



(a) Composição da forma



b) Entrada de Luz

Fonte: Archdaily, 2019.⁶

3.3.3 Análise do Projeto

Como apresentado na figura 8, nota-se, nesse projeto, a expressividade com que sua forma traz em conjunto com a função que o edifício possui. O simples fato de parar e observar, torna possível sentir o que o ambiente projetado busca trazer para seus usuários. O fator mais relevante deste projeto é, justamente, o fato da excepcional composição de forma, onde basta apenas olhar para sentir. Isso é possível encontrar tanto no seu resultado final externo, quanto no ambiente interior devido às suas composições e aberturas, sendo possível esse alcance.

⁶Disponível: archdaily.com.br/br/769440/capela-san-alberto-magno-juan-pavez-aguilar-plus-jose-requesens-aldea. Acesso em 17 de fev 2020.

Figura 8 - Mapa conceitual / Capela San Alberto Magno, Vilaparaíso - Chile



Fonte: A autora

3.4 Centro Comunitário de Fa Chang

3.4.1 Ficha Técnica

- Arquitetos: CCDI Dongxinying Atudio.
- Localização: Heyuan, China.
- Área: 300m².
- Ano do projeto: 2018.
- Material: Madeira, Tijolo, Vidro e Concreto.
- Condição: Construído.

3.4.2 O Projeto

O município de Heyuan é composto por uma série de vilarejos, caracterizado por pequenos povoados. Com o êxodo rural, o número dessa população fica cada vez menor, contendo poucas edificações que auxiliam esse público. O Centro Comunitário de 300m², foi construído no intuito de manter viva e unida, cada vez mais, essa pequena comunidade no sul da China.

O terreno possui uma forma trapezoidal, circundado por casas agricultáveis; em sua direção noroeste, a paisagem se abre em direção às montanhas, e seu acesso se dá

por meio de uma estrada rural que conecta os dois vilarejos existentes no local. Contendo uma configuração de uma série de espaços abertos e permeáveis, o edifício conta apenas com um muro perimetral de tijolos no seu limite leste e sul, enquanto os demais lados, se abrem plenamente em direção à montanha (figura 9), além de contar com uma área ao ar livre que fornece alguns eventos nos finais de semana para a comunidade.

O principal edifício foi projetado em cima de um platô, mas contém a configuração acessível, considerando que o maior número de usuários é composto por idosos e crianças pequenas. Circundando o volume que compõe o edifício, há a existência de um amplo *deck* de madeira que define os limites dos espaços, que se esparrama sobre o lote, dando a sensação de amplitude. O volume do edifício é definido por uma malha estrutural ortogonal de módulo 4x4 metros e um pé direito livre de 3 metros de altura. A partir das aberturas criadas a defasagem dos módulos de cobertura, o espaço interior possui uma iluminação difusa que cria uma atmosfera agradável e aconchegante ao longo de todo ano. Um generoso balanço, criado em uma das esquinas que localiza o projeto, define a entrada principal de acesso ao edifício, enquanto grandes beirais juntos às fachadas oeste e sul criam um espaço semiaberto de transição entre o espaço interior e o jardim. Junto à fachada sul citada, o ponto mais baixo da cobertura define uma linha horizontal que emoldura tanto as vistas do edifício para o bambuzal existente ao redor, que está em primeiro plano da visão, quanto para as montanhas mais ao fundo.

Pensando na implementação do projeto, ao meio da natureza desse cenário, os materiais utilizados foram os não industrializados, como a madeira serrada e o tijolo de barro, buscando inspiração nas características locais, com o comprometimento de elaborar um projeto em que se encontra ressonância nas memórias e na cultura de seu povo. A maior parte dos fechamentos do edifício foi feita com portas de madeira e vidro.

Figura 9 - Centro Comunitário de Fa Chang – Heyuan , China



(a) Muro entorno



(b) Iluminação ambiente

Fonte: Archdaily, 2019.⁷

3.4.3 Análise do Projeto

A busca da identidade da comunidade do local é aparentemente percebida, por meio da composição e projeto arquitetônico fornecido, destacando que o projeto citado foi planejado para atender uma comunidade que faz parte de uma cultura na qual já não é mais a maioria da população do local, mas que possui um acréscimo insubstituível a história do município. Esse ponto de buscar a identidade das pessoas e transformar em arquitetura, é o ponto mais relevante ao estudar esse projeto, pois além da intenção de unificar e se fazer vivo esse meio cultural, transcreve a identidade desses usuários através do volume arquitetônico, como levantado na figura 10.

⁷Disponível: <https://www.archdaily.com.br/br/921084/centro-comunitario-de-fa-chang-ccdi-dongxiying-studio> . Acesso em 20 de fev 2020.

Figura 10 - Mapa conceitual / Centro Comunitário de Fa Chang, Heyuan - China



Fonte: A autora

3.5 Pavilhão de Verão, Serpentine Gallery

3.5.1 Ficha Técnica

- Arquitetos: Peter Zumthor.
- Localização: Londres, Inglaterra.
- Área: 38m².
- Ano do projeto: 2011.
- Material: Concreto.
- Condição: Desmontado.

3.5.2 O Projeto

O Pavilhão apresentado por Peter Zumthor, esteve aberto para o público em 1º de Julho e 16 de Outubro para exibição. Tratava-se de um espaço contemplativo, um jardim dentro de outro jardim, onde os visitantes poderiam se extrair do mundo exterior sem tráfego, ruídos ou cheiros que fazem parte das ruas de Londres, sendo um lugar feito para sentar, relaxar, caminhar, observar e experimentar uma sensação intensa e memorável.

Tal como é habitual nas obras de Zumthor, o arquiteto enfatiza através do pavilhão, os aspectos sensoriais e espirituais da arquitetura, desde sua composição mais simples e presença dos materiais, até ao tratamento da escala e dos efeitos da luz.

Os visitantes entravam em um caminho, que por meio do jogo de luz e sombra existente, fornecia uma escuridão, onde iniciava-se a transição de ambientes. Ao chegar no jardim central, deparavam-se com um jardim composto por plantas do mundo todo, rodeados por pequenos espaços cobertos, com bancos disponíveis, fornecendo um espaço sereno e contemplativo para observar (figura 11).

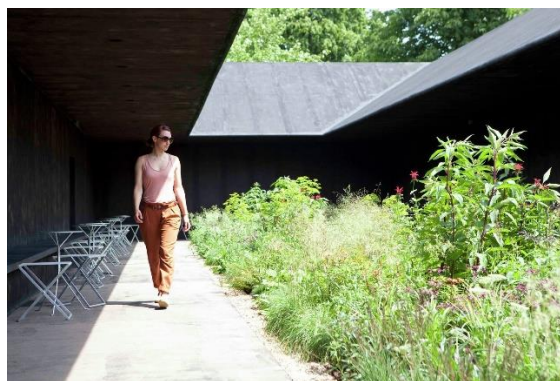
Zumthor disse sobre o edifício que criou que ele “tem como objetivo ajudar o seu público a tirar um tempo para relaxar, observar e depois, talvez, começar a voltar a falar outra vez, ou talvez não” (Zumthor 2011).

O edifício desenhado era uma estrutura física monumental e simultaneamente um local emocional, tornando uma experiência para quem visitava o pavilhão algo intenso e memorável, assim como os próprios materiais, cheios de memórias e tempo.

Figura 11 - Pavilhão de Verão – Londres, Inglaterra



(a) Entrada



(b) Espaço Central

Fonte: Archdaily, 2011.⁸

3.5.3 Análise do Projeto

O projeto todo trata da ligação entre o indivíduo e a arquitetura, as escolhas dos materiais para que a presença imaterial seja notada: a importância de mostrar o que a arquitetura pode ocasionar em seus usuários, a partir de como você a compõe, para que o próprio particular, ou seja, o que o público contém em seu interior, faça todo o resto. A existência dessa conectividade é essencial que aconteça, quando se cria algo com uso

⁸Disponível: <https://www.archdaily.com/146392/serpentine-gallery-pavilion-2011-peter-zumthor>. Acesso em 17 de fev 2020

determinado, e isso é exatamente o que acontece com a proposta projetada através deste pavilhão.

Outra ressalva a se fazer, é a proposital intenção que o projeto traz de desconectar-se com o que acontece fora dali, em busca de trazer para seus visitantes um momento relaxante, de descanso, refúgio do seu dia a dia, onde poucos ambientes, é capaz de oferecer esta função às pessoas (figura 12).

Figura 12 - Mapa conceitual / Pavilhão de Verão da Galeria Serpentina, Londres - Inglaterra



Fonte: A Autora.

4 DIAGNÓSTICO

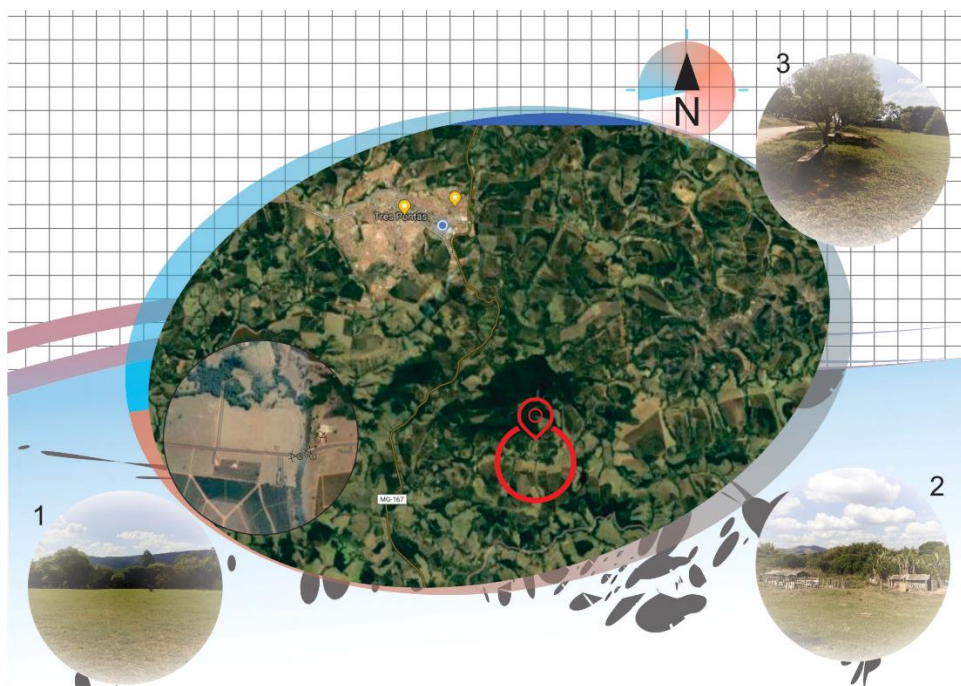
Neste capítulo, apresenta-se, a área de intervenção do Centro Comunitário na Comunidade Pitangueiras, no município de Três Pontas/MG, incluindo fatores do seu contexto, como sua abrangência espacial, descrição e análise dos pontos primordiais para a implantação do projeto.

4.1 Localização

O estudo contextualiza-se na comunidade Pitangueiras no município de Três Pontas, a cidade possui uma área territorial de 689 km², localizado na região Sul de Minas Gerais a 295,8 km de Belo Horizonte, o município de Três Pontas limita-se ao norte com os municípios de Campos Gerais e Santana da Vargem, ao sul com os municípios de Varginha, Elói Mendes e Paraguaçu, a leste com os municípios de Nepomuceno e Carmo da Cachoeira e a oeste com o município de Campos Gerais.

A comunidade por sua vez, conta com uma área total de 3,89 km², limita-se por acessos como o da MG 167, saída da cidade de Três Pontas/Carmo da Cachoeira e acessos rurais (figura 13). O público que o projeto alcançará será de aproximadamente 500 pessoas abrangendo as comunidades: Comunidade Pitangueiras - Comunidade Bananeira - Comunidade Rancho Grande - Comunidade Brejão - Comunidade 7 Cachoeiras (anexo A).

Figura 13: Localização Pitangueiras



Fonte: Editado pela Autora, com base no GOOGLE EARTH.

4.2 Desenvolvimento Econômico

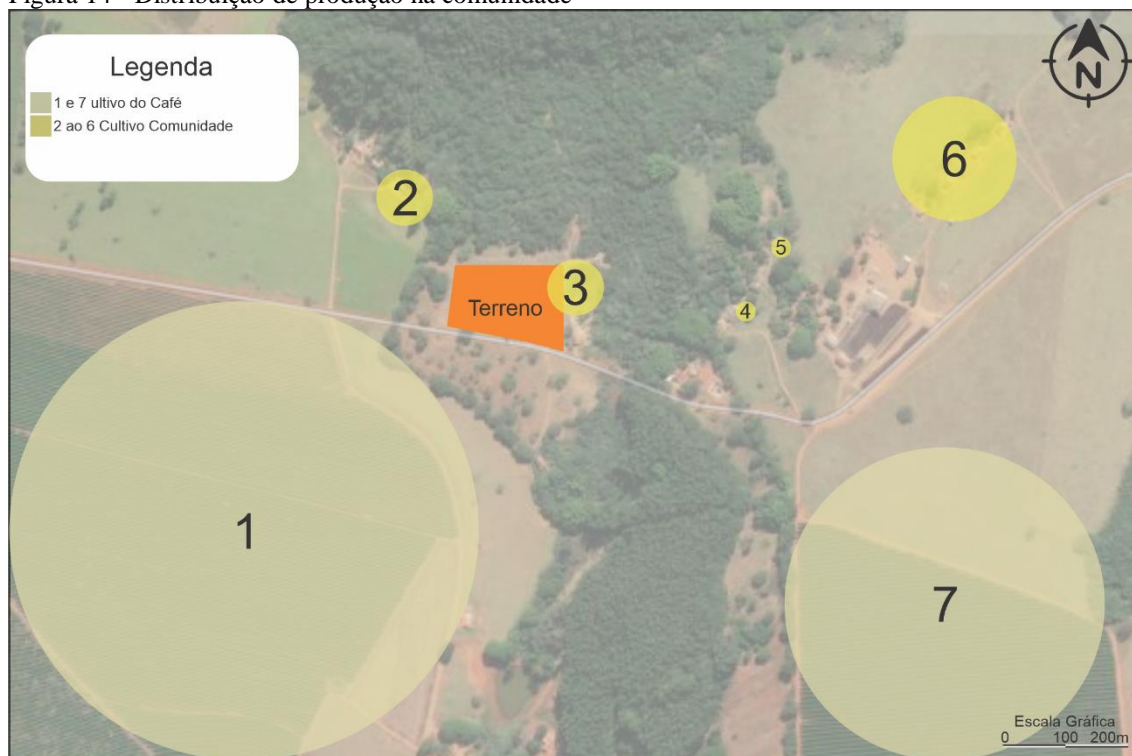
A economia da comunidade rural se apresenta por meio de uma estrutura piramidal, sob a forma de prestação de serviços para produtores de café, que possuem o cultivo ao redor, criação de gados e aves, produção de leite e derivados e hortas sem uso de agrotóxicos, tanto para venda quanto para consumo próprio, além de seu próprio pomar, explorado pela comunidade.

Essas estruturas cresceram ao longo dos anos de acordo com a necessidade da própria população que reside ali. Como a maioria das famílias cresce e se desenvolve dentro da comunidade, o interesse dos produtores, referente à contratação de serviços, para manutenção de suas lavouras, cresce cada vez mais. A população também se desenvolve nessa produção nos arredores de Pitangueiras, o que gera uma ampliação dos empregos e resulta em uma melhoria social estrutural e econômica da comunidade.

Outro tipo de renda são as criações de gado que gera a produção de leite e seus derivados, consumidos pela população urbana. Mesmo não sendo o principal fator de renda das famílias, essas vendas de leite de vaca e derivados ajudam na economia das casas dessa comunidade. As aves, como frangos caipiras, também fazem parte desse cenário, pois além de consumirem entre si, eles vendem no mesmo meio citado anteriormente, o que também vale para as hortaliças cultivadas em suas hortas (figura 14).

Nesse contexto, o Centro Comunitário apresenta-se como um refúgio para essas famílias que saem cedo de suas casas e, ao retornarem, poderão ter uma estrutura para abrigá-los, independentemente de suas condições, sem precisar ir até a cidade, já que nem todos possuem meio de transporte próprio para sua locomoção.

Figura 14 - Distribuição de produção na comunidade



Fonte: A Autora

4.3 Condicionantes ambientais

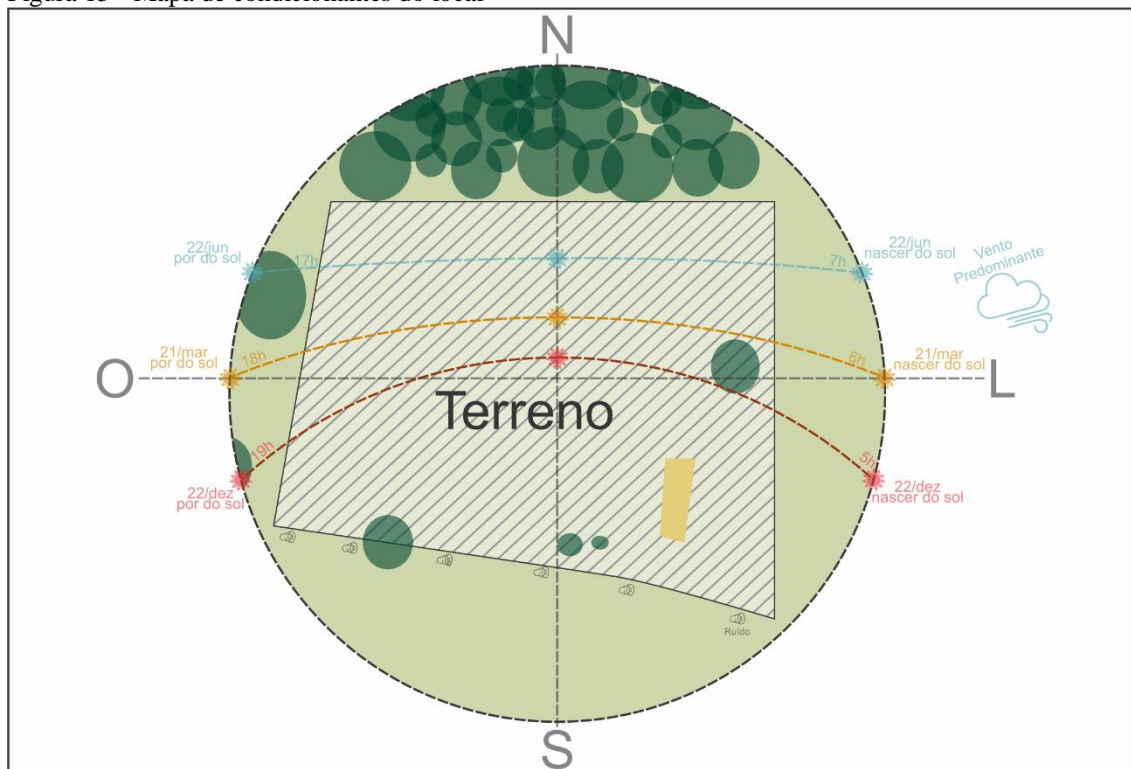
Os principais acessos são pelas estradas MG 167 e estrada rural na saída de Três Pontas; nesses pontos acontece o maior fluxo veicular dentro da área, o que os tornam principais polos geradores de ruídos; além disso, trata-se também de acesso utilizado pelas máquinas que transitam no espaço. Porém, há uma minimização desse polo, devido à massa de arborização presente no local, mesmo que exista essa constante movimentação.

Como sua localização está em uma área rural, vê-se pela figura 15, que o terreno não possui nenhum obstáculo que impeça a circulação de vento. Pelo contrário, existe uma grande área de vegetação, bem agradável de se estar mesmo sem nenhuma edificação presente, o que torna favorável uma construção que terá esse acesso de ventilação de ambos lados.

Com a incidência solar permanente ali, será necessária uma estratégia de construção para que a luz natural entre, já que o terreno o permite e, ao mesmo tempo, para que a luz natural seja barrada nos horários de raios solares muito fortes.

Nesse sentido, o Centro Comunitário reforça o pensamento das pessoas em permanecer na comunidade e preservar o meio natural que as rodeiam.

Figura 15 - Mapa de condicionantes do local

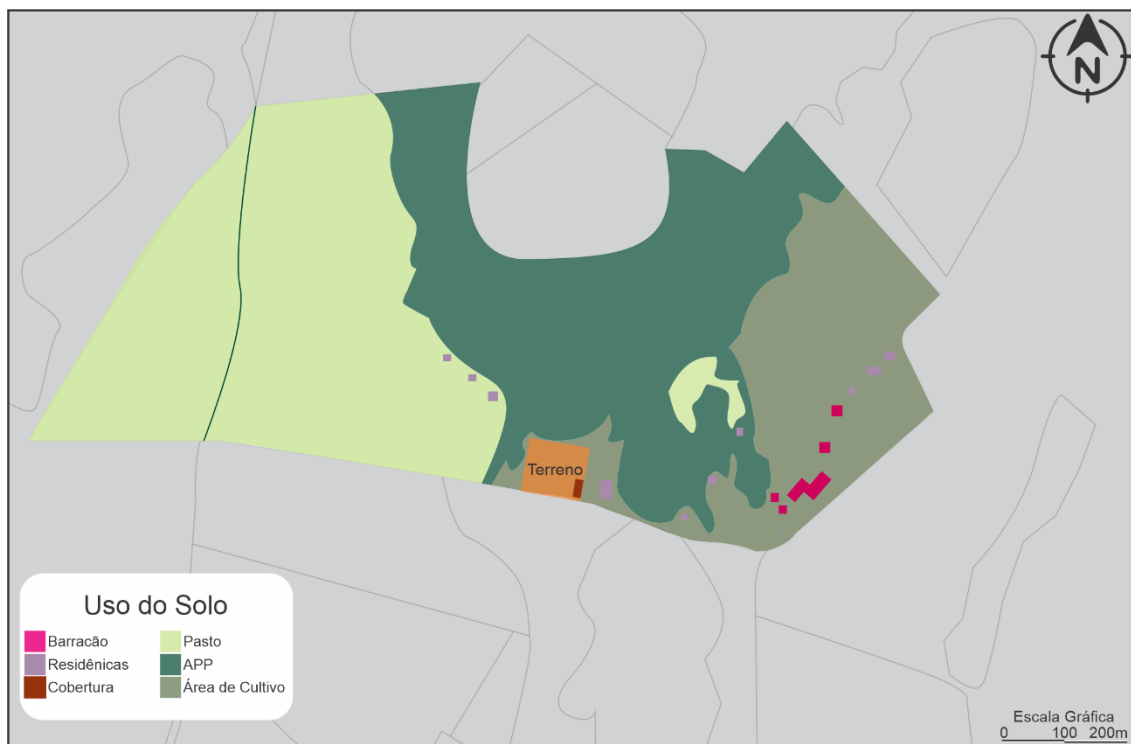


Fonte: A Autora

4.4 Áreas Verdes

As áreas verdes do local são divididas pela seguinte utilização: uma ampla área de APP em aproximadamente 21,92 km, com uma botânica bem diversificada, divisões de pastos para a criação que o ambiente possui, e não menos importante, as áreas para cultivo (figura 16).

Figura 16 - Divisão de áreas



Fonte: Editado pela Autora, com base no Google Maps.

A área escolhida para o desenvolvimento do Centro Comunitário possui uma imensa variedade de vegetações no seu entorno, como apresentado no quadro 2. Essas informações contribuirão na utilização da própria paisagem que o terreno já oferece, na composição do projeto, com intuito de fazer com que quem esteja ali, sinta mais pertencente à construção possível, em qualquer estação do ano.

Quadro 2 - Quadro botânico

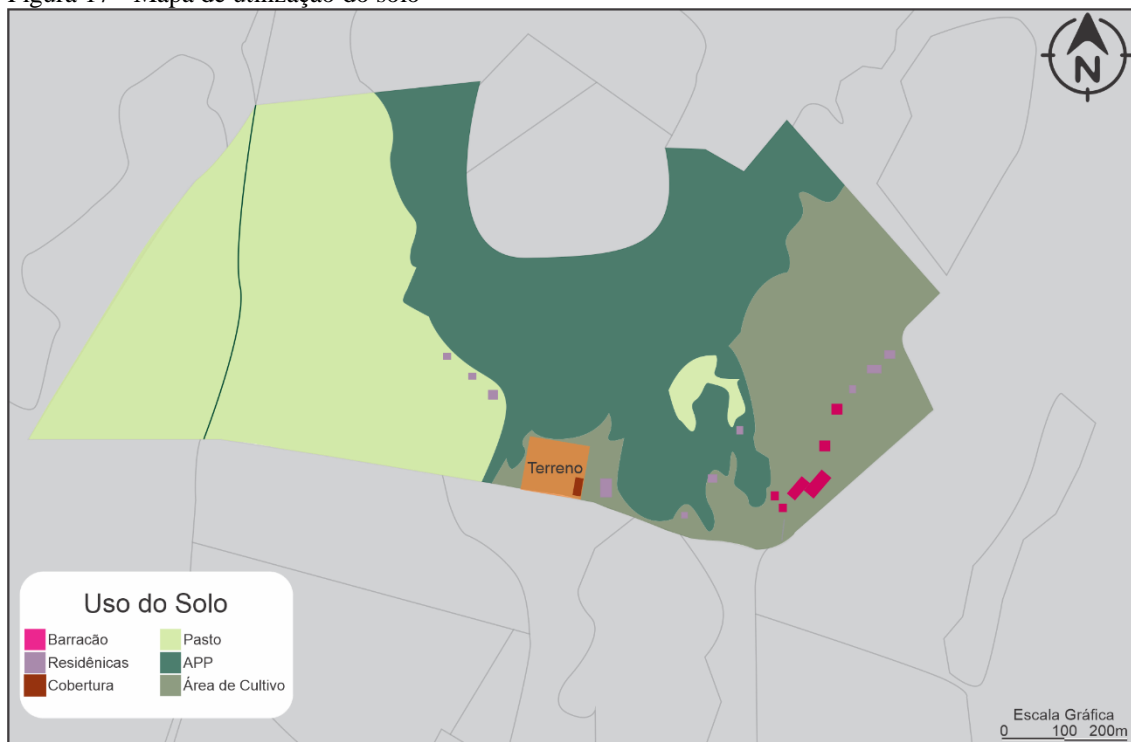
| Tabela de Árvores | | | |
|-------------------|------------------------|------------------|----------------------------|
| Código | Nome Científico | Nome Popular | Diâmetro Médio da Copa (m) |
| CAPL | Caesalpinia pluviosa | Sibipiruna | 5 |
| CASP | Cassia Spectabilis | Cassia | 3 |
| CHSP | Chorisia speciosa | Paineira Rosa | 7 |
| EULE | Euphorbia Leucocephala | Noivinha | 8 |
| EUUN | Eugenia uniflora | Pitangueira | 5 |
| HAAL | Handroanthus albus | Ipê Amarelo | 5 |
| JAMI | Jacaranda mimosifolia | Jacarandá Mimoso | 6 |
| LAIN | Lagerstroemia Indica | Resedá | 3 |
| MASP | Magnólia Spp | Magnólia | 7 |
| PLTR | Plinia trunciflora | Jabuticabeira | 5 |
| SPCA | Spathodea campanulata | Espatódea | 5 |
| TAAV | Tabebuia Avellanede | Ipê Roxo | 5 |
| TIGR | Tibouchina granulosa | Quaresmeira | 5 |
| TIMU | Tibouchina mutabilis | Mananca da Serra | 5 |

Fonte: A autora, com base na botânica brasileira.

4.5 Uso e Ocupação do Solo

A área de estudo é predominantemente residencial de até um pavimento, suas tipologias correspondem às construções de classe baixa; em sua maioria, não possuem nenhum detalhamento projetual (figuras 17,18,19).

Figura 17 - Mapa de utilização do solo



Fonte: Editado pela Autora, com base no Google Maps.

Os demais gabaritos, se dão por galpões, para uso de armazenagens ou responsáveis por algum tipo de processo na produção de café, possuindo um pé direito mais elevado, devido sua função, o que é permitido pela legislação do município.

A única construção fora desses parâmetros, é uma pequena cobertura, feita para abrigar a população para cerimônias religiosas ou atividades sociais após o futebol, mas que não foge do gabarito residencial. A infraestrutura dessa área conta com esgotamento sanitário, luz, água e telefone em alguns pontos específicos.

Figura 18 - Construções existentes



(a) Residências



(b) Cobertura

Fonte: A autora

Figura 19 - Terreno



(a) Terreno



(b) App ao fundo

Fonte: A autora

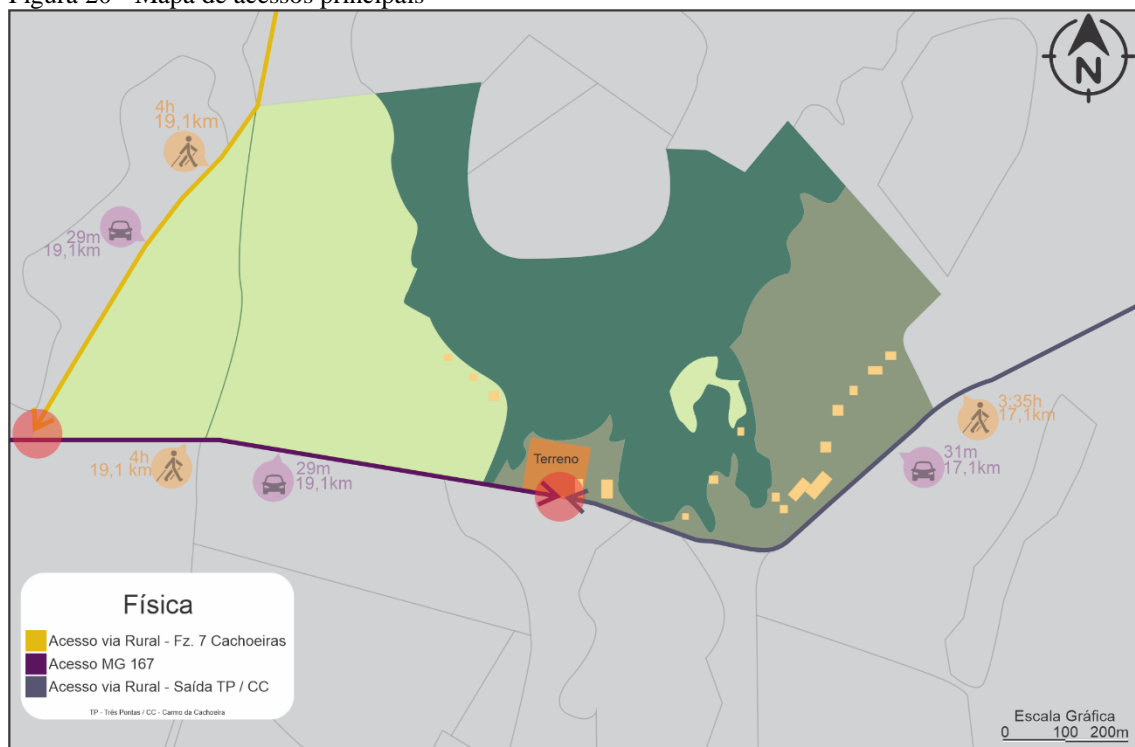
4.6 Hierarquia Viária

Os acessos da área de estudo possuem o fluxo para os dois sentidos da estrada larga e com uma estrutura que permite a passagem de dois veículos. Este fluxo veicular se divide em dois tipos, físico e funcional, sendo físico os de acessos da rodovia para dentro da comunidade e funcional, os de circulação própria, sendo somente de quem já está dentro da área (figura 20).

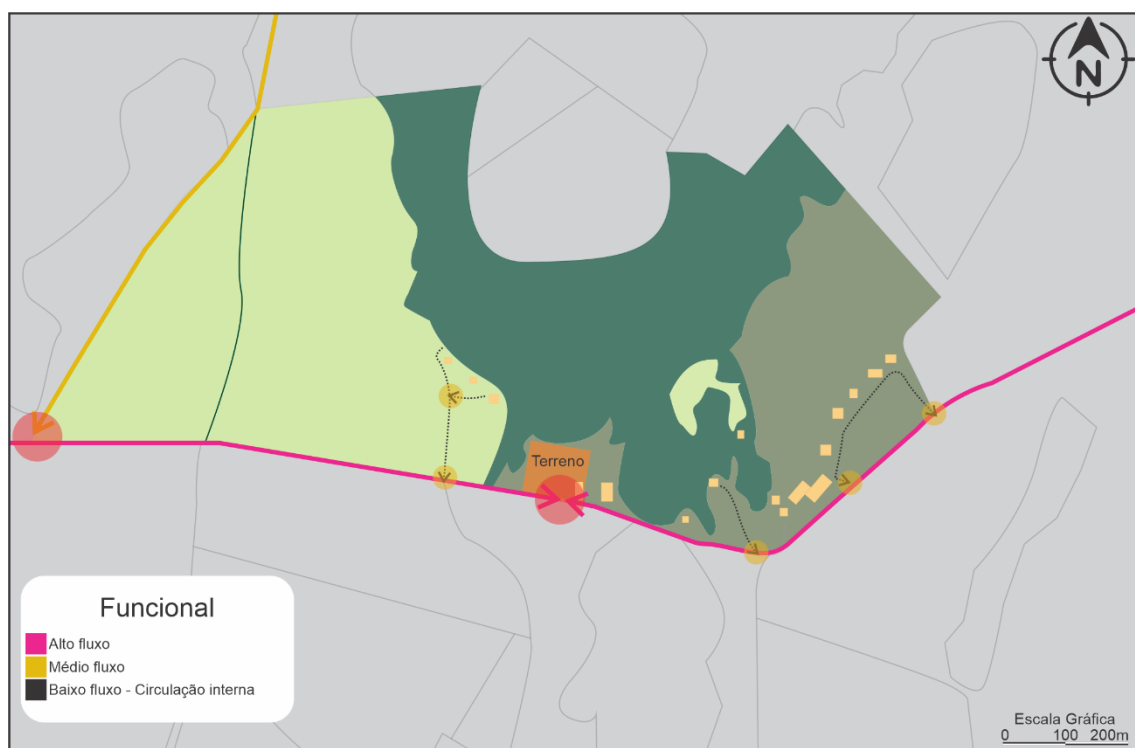
O fluxo constante se mantém na parte da manhã e no final do expediente, iniciando às 06 h da manhã e finalizando às 16 h no período da tarde. No restante do dia o fluxo se mantém praticamente parado, o que é atrativo apenas para lazer e repouso. Não existe projeto de transporte público para o local.

Acredita-se que a implantação de um Centro Comunitário favoreça permanência da população no local, oferecendo um lugar de abrigo e descanso para as pessoas que ali habitam.

Figura 20 - Mapa de acessos principais



Distância a pé Distância de carro Interseção entre vias



Interseção entre vias Interseção circulação interna

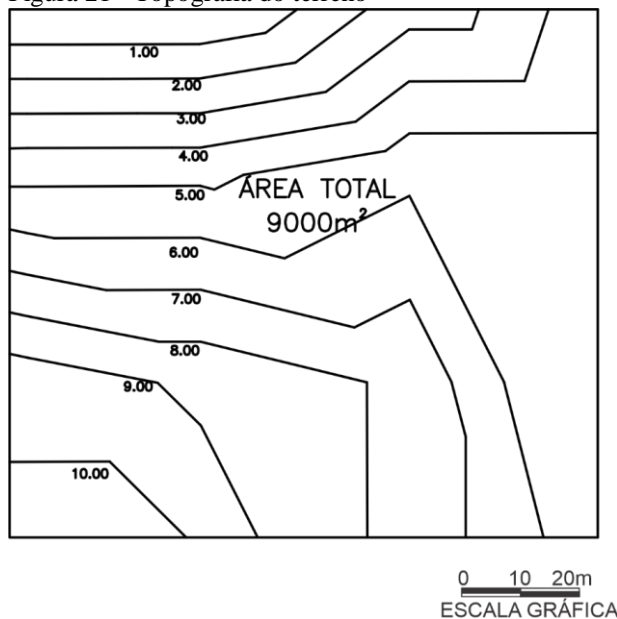
Fonte: Editado pela Autora, com base no Google Maps.

4.7 Topografia

O acesso ao terreno se dá por três entradas. O terreno na direção do acesso da MG 167/Acesso Rural, possui um pequeno desnível. O declive presente na área

acontece de 1 em 1 metro em suas curvas de níveis, ocorrendo do sentido sul para norte, conforme apresentado na figura 21.

Figura 21 - Topografia do terreno

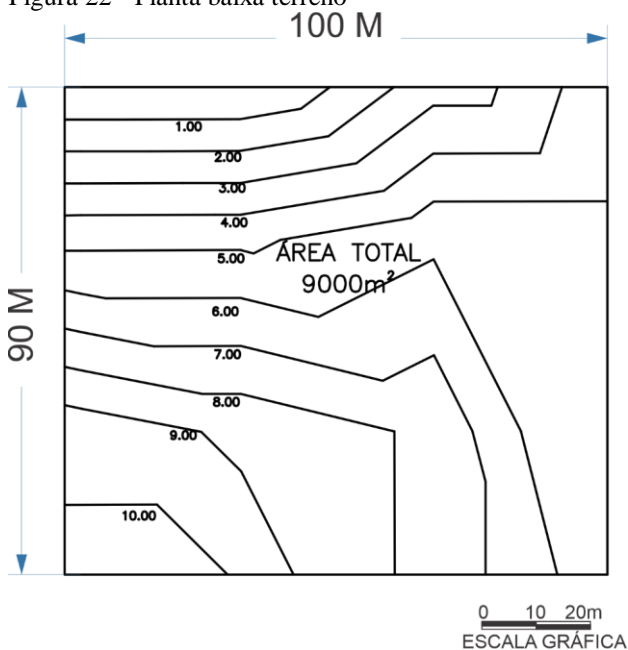


Fonte: Editado pela Autora, com base na topografia Google Earth 2019.

4.7.1 Aspectos Físicos

- Área total: 9000 m²
- Dimensão: Confronta pela frente, em seu lado sul, a extensão de 100 metros; no lado leste da área conta com 90 metros; o lado oeste possui a extensão de 90 metros e o lado norte do terreno conta com a extensão de 100 metros (figura 22).

Figura 22 - Planta baixa terreno



Fonte: Editado pela Autora, com base na topografia Google Earth 2019.

4.7.2 Impactos ambientais

A evolução urbana trouxe consequências para as cidades, algumas positivas e outras nem tanto como, por exemplo, a aglomeração de pessoas em zona urbana e a inexistência de projetos rurais. Com isso houve muito abandono de áreas rurais, o que levou à ausência de arborização e à falta de vegetação nos ciclos das cidades, fazendo com que na maioria dos municípios, o meio rural não fosse visto como um espaço que necessita de planejamento. Como consequência, isso resultou em falta de assistência nesses locais; como o município de Três Pontas conta com uma área quase totalmente rural, ele possui um elevado número de comunidades rurais (Anexo A).

Nesse sentido, o Centro Comunitário Pitangueiras torna-se uma estratégia de longo prazo a fim de incentivar e dar suporte para as pessoas que residem ali, visto que a tendência atual e futura, é cada vez mais a inexistência de elaborações e projetos para esse tipo de espaço. Uma forma de voltar novamente o pensamento de que planejamento arquitetônico e urbanístico se faz necessário em todos os tipos de extensões.

4.8 Legislação aplicada à área de estudo

O terreno que será utilizado para a proposta de Centro Comunitário está localizado em uma área rural do município de Três Pontas/MG (ZR). Para a construção de edifícios nessas zonas é necessário obedecer alguns parâmetros. No quadro a seguir, estão indicados os usos permitidos, recuos, dimensionamentos, área permeável e aproveitamento máximo do lote permitido nesse tipo de projeto (quadro 3).

Quadro 3 - ZRU – Zona Rural

| ZRU – Zona Rural | |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| Recuo Frontal | Mínimo: 3,0m |
| Recuo Lateral | Mínimo: 1,5m |
| Recuo Fundo | Mínimo: 20% da profundidade do lote |
| Taxa Ocupacional (TO) | 80% |
| Taxa permeável (TP) | 10% |
| Coeficiente de Aproveitamento (CO) | 1,5 |
| Gabarito | 9,0m |

Fonte: Editado pela Autora, baseado na Lei nº 1.288.

5 OBJETO DE ESTUDO

5.1 Conceito

Busca-se a composição de um edifício que contenha uma conexão entre a arquitetura e seus usuários, com conectividade suficiente para produzir a sensação de pertencimento. O terreno localiza-se em uma área rural da Cidade de Três Pontas, o que fornece um visual incrível, de modo a influenciar na composição do projeto, iniciando aqui a conexão entre o espaço interno com o externo. A escolha por formas simples e puras, mas que ao mesmo tempo seja uma forma composta de modo a valorizar essas questões circundantes, foi o resultado da tentativa de mostrar essa conectividade esperada no edifício, com a identidade do local, de modo que seu resultado final conduza a sensação de acolhimento, onde os visitantes acolhem a arquitetura, e a arquitetura acolhe seu meio, sendo fornecedora de momentos para seus usuários, como afirma Pavese (1938), não nos lembramos de dias, lembramo-nos de momentos.

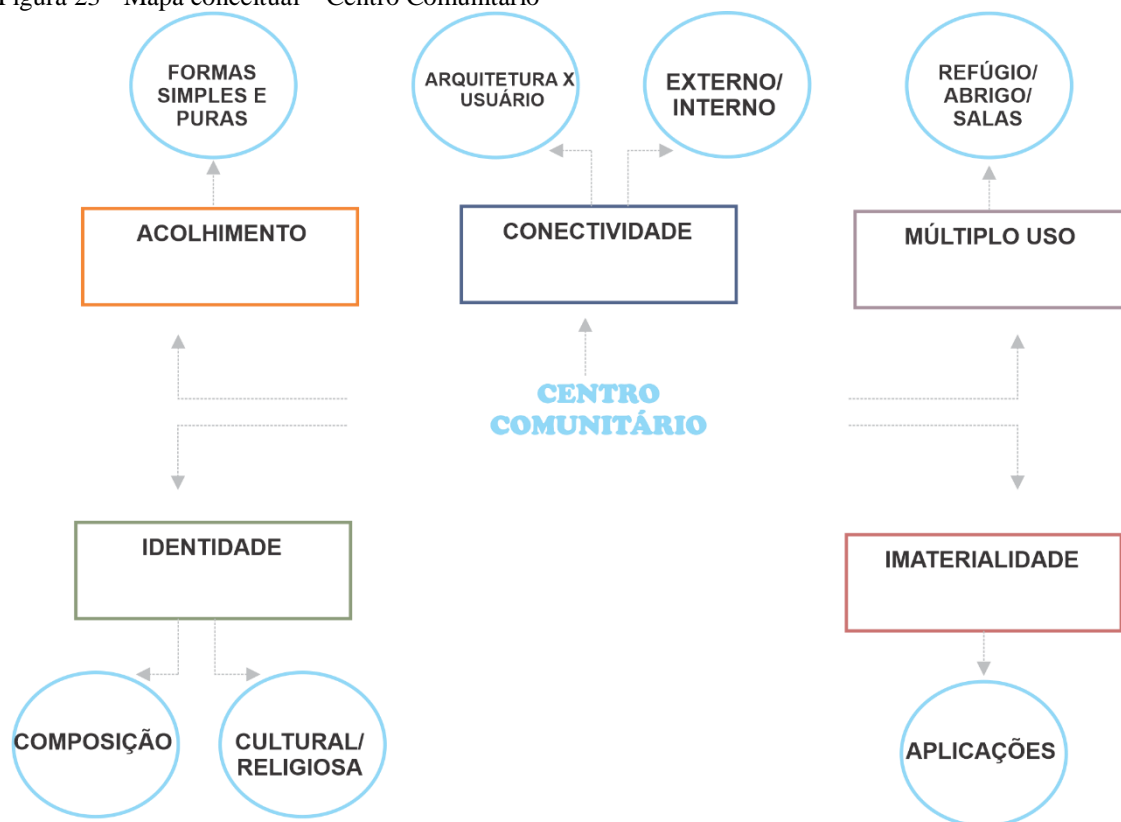
O conceito de múltiplo uso, torna-se a ponte para o processo de percepção projetual. A ideia consiste em mostrar o convívio existente, as crenças exercidas e a permanência dessas pessoas no local, vivenciando sua cultura: área rural, celebrações, eventos, esportes, cultivo, entre outros. Uma essência que não precisa ser modificada, muito menos a projeção de um edifício que será isolado da realidade encontrada. É necessária a composição de algo que seja um complemento ao seu local de implantação, transcrevendo a identidade do seu público nessa composição de múltiplo uso do projeto.

A identidade se evidencia na sua relação com o entorno no qual se inserem seus usuários, ou seja, a integração da implantação projetual, com sua área de inserção, além de seu público. Toda intenção proposta, consiste na formação de uma identidade formal para que, assim, seja possível observar e compreender a obra arquitetônica. Busca-se, como resultado, a composição de um objeto e suas setorizações, que permite aos seus usuários identificarem-se e se integrarem ao seu entorno, sem mimetizá-lo. Esse aspecto de buscar a identidade das pessoas e transformar em arquitetura, é um dos pontos mais relevantes desse projeto, pois além da intenção de unificar e se fazer vivo esse meio cultural, transcreve a identidade desses usuários por meio do volume arquitetônico.

Além de todos esses objetivos supracitados, complementando o conceito, como toda obra é contemplada de modo particular por seus visitantes, a imaterialidade, se torna presente, mediante os materiais escolhidos para construção do centro, sua

aplicabilidade e sua ausência na volumetria, fazendo com que, ao presenciarem a obra, desfrutem da sensação do imensurável, como conceituado no diagrama da figura 23.

Figura 23 - Mapa conceitual – Centro Comunitário

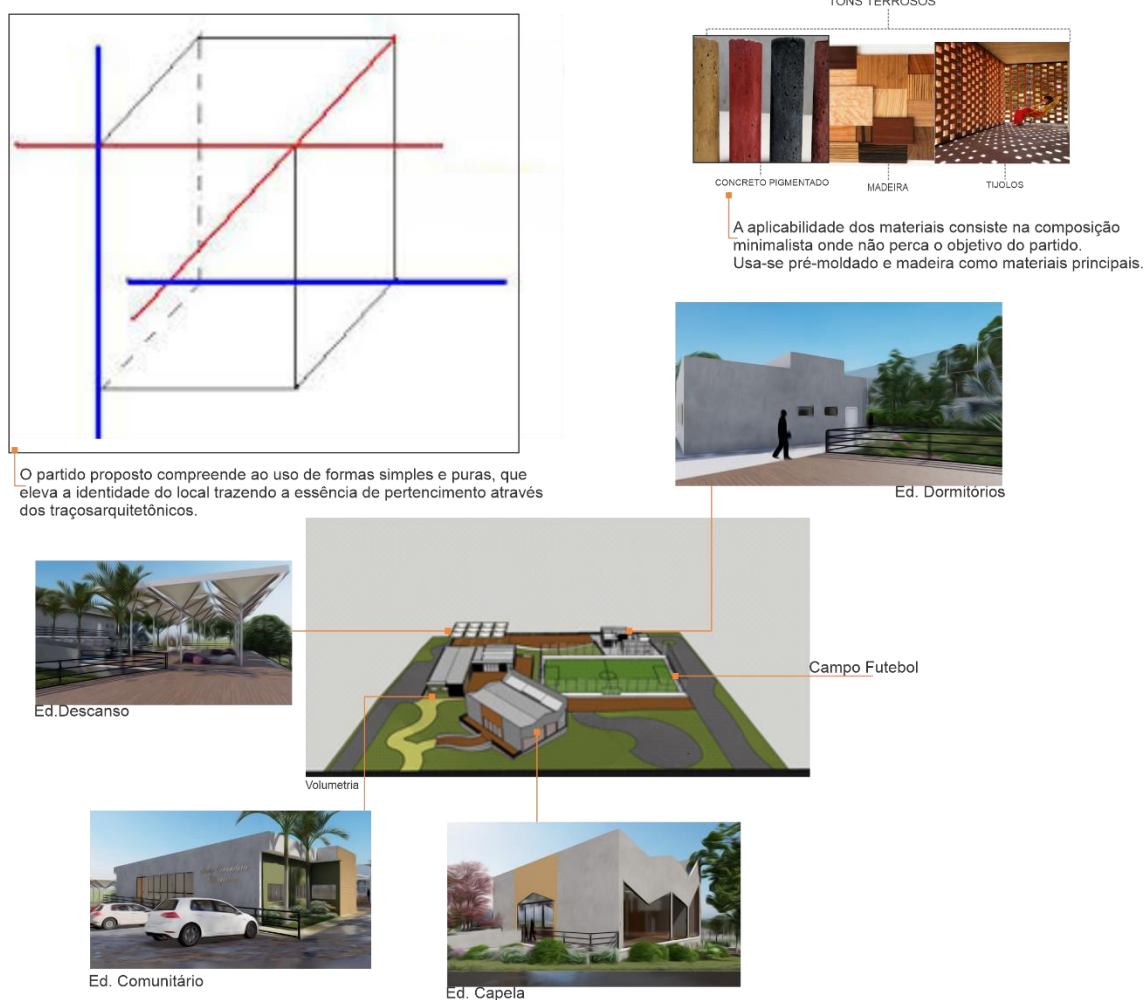


Fonte: A autora.

5.2 Partido arquitetônico

O objetivo consiste na idealização de edifícios compactos e bioclimáticos que possam estimular os usuários com espaços livres dentro de suas dependências e não mais importante com a qualidade visual e volumétrica. A preocupação com as fachadas, identidade e a descompactação do tradicional Centro Comunitário, são os postos-chaves na elaboração desta proposta e aplicação dos materiais (figura 24).

Figura 24 - Croquis



Fonte: A autora.

O Centro Comunitário será edificado em concreto pré-fabricado, visando os benefícios de tal técnica construtiva possui: mais praticidade, menos desperdício, flexibilidade de layout e sua combinação harmônica com o outro método construtivo que será a madeira. A madeira também tem suas ressalvas, como por exemplo, reduzir o tempo de obra, a diminuição de resíduos nos canteiros de obras, além do efeito visual diferenciado que proporciona às estruturas que compõe. As escolhas desses materiais também foram influenciadas pela tentativa de agregar mão de obra da própria comunidade.

Então na escolha de uma composição minimalista, onde seja possível criar uma atmosfera mais limpa e atemporal, definido pela formalidade da volumetria, pela pureza das cores e materiais, os equipamentos definidos para compor essa estrutura foram qualificados justamente por atenderem a intenção projetual proposta (figura 25).

Figura 25 – Tons e Materiais



Fonte: A autora.

5.3 Volumetria

A Volumetria, com predominância de forma pura, possui internamente espaços distribuídos de forma com que a circulação e os usos aconteçam de maneira visível externamente, onde acontece a interação com o entorno.

As fachadas, compostas por vãos e pórticos, compõem a arquitetura de forma limpa do centro comunitário, dando a conectividade desejada, junto ao aproveitamento da luz natural e ventilação e, ao mesmo tempo, os pórticos servem como *brises* para incidência solar. Além de agir estrategicamente os vãos são utilizados para a conexão entre a arquitetura, usuário e entorno (figura 26 e 27).

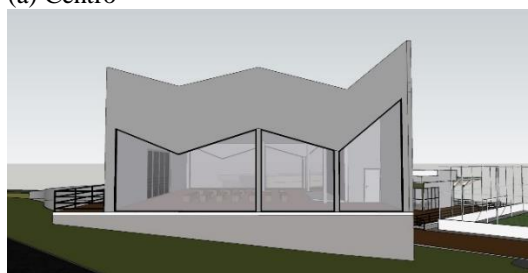
Figura 26 - Maquete volumétrica



(a) Centro



(b) Centro



(c) Capela



(d) Espaço para descando



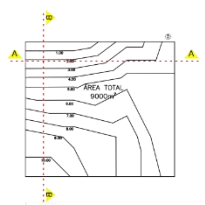
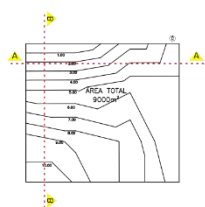
(e) Dormitório



(d) Vista geral

Fonte: A autora.

Figura 27 – Cortes esquemáticos



Fonte: A autora.

5.4 Programa de necessidades

Os resultados obtidos por meio de pesquisa teórica e acontecimentos realizados na comunidade, induzem à reflexão de como os espaços funcionam. A necessidade de trazer algo novo ao âmbito preexistente, também possibilitará traçar diretrizes essenciais para o projeto proposto para esse trabalho.

O Projeto pretende atender à necessidade das pessoas que fazem e/ou vão fazer parte desse setor cultural, onde poderão desfrutar também da cultura como um todo

por meio de contato com os usos do centro comunitário: desde as salas e área para refeição, até a capela, as atividades de lazer, área de repouso e os próprios ambientes de convivência. O quadro 4 indica os componentes para o programa de necessidade.

Quadro 4 - Programa de necessidades

PROGRAMA DE NECESSIDADES

| Capela | | Nº DE USUÁRIOS | |
|---------------------------|-------------------|-----------------------------|--------------------------------|
| | | GERAL: 100 | EVENTO: a partir de 400 |
| AMBIENTES | QUANTIDADE | ÁREA APROXIM. | |
| Nave | 1 | 262,41 m ² | |
| Altar | 1 | 16,19 m ² | |
| Área reservada | 1 | 15,20 m ² | |
| Banheiro | 1 | 4,00 m ² | |
| Total | | 297,98 m² | |
| Centro Comunitário | | Nº DE USUÁRIOS | |
| | | GERAL: 100 | EVENTO: a partir de 400 |
| Sala catequese | 1 | 15,71 m ² | |
| Sala leitura | 1 | 15,71 m ² | |
| Sala evento | 1 | 28,00 m ² | |
| Salão | 1 | 106,49 m ² | |
| Atendimento | 1 | 14,88 m ² | |
| Cozinha Industrial | 1 | 154,80 m ² | |
| Banheiros | 2 | 8,00 m ² | |
| Total | | 343,49 m² | |
| Área de Servir | | Nº DE USUÁRIOS | |
| | | GERAL: 100 | EVENTO: a partir de 400 |
| Salão | 1 | 58,20 m ² | |
| Atendimento | 1 | 16,20 m ² | |
| Banheiros | 2 | 8,00 m ² | |
| Total | | 82,40 m² | |
| Área de Descanso | | Nº DE USUÁRIOS | |
| | | GERAL: 50 | EVENTO: 100 |
| Compartimento descanso | 1 | 294,00 m ² | |
| Total | | 294,00 m² | |
| DORMITÓRIOS | | Nº DE USUÁRIOS | |
| | | GERAL: 10 | EVENTO: até 15 |
| Quarto | 2 | 70,00 m ² | |
| Banheiros | 4 | 19,80 m ² | |
| Total | | 89,80 m² | |

Fonte: A autora.

5.5 Organograma e fluxograma

Para melhor entendimento, o organograma, a seguir, demonstra a forma hierárquica e a distribuição dos setores, bem como a comunicação entre eles. Logo após, o fluxograma completará a compreensão das informações de forma rápida e

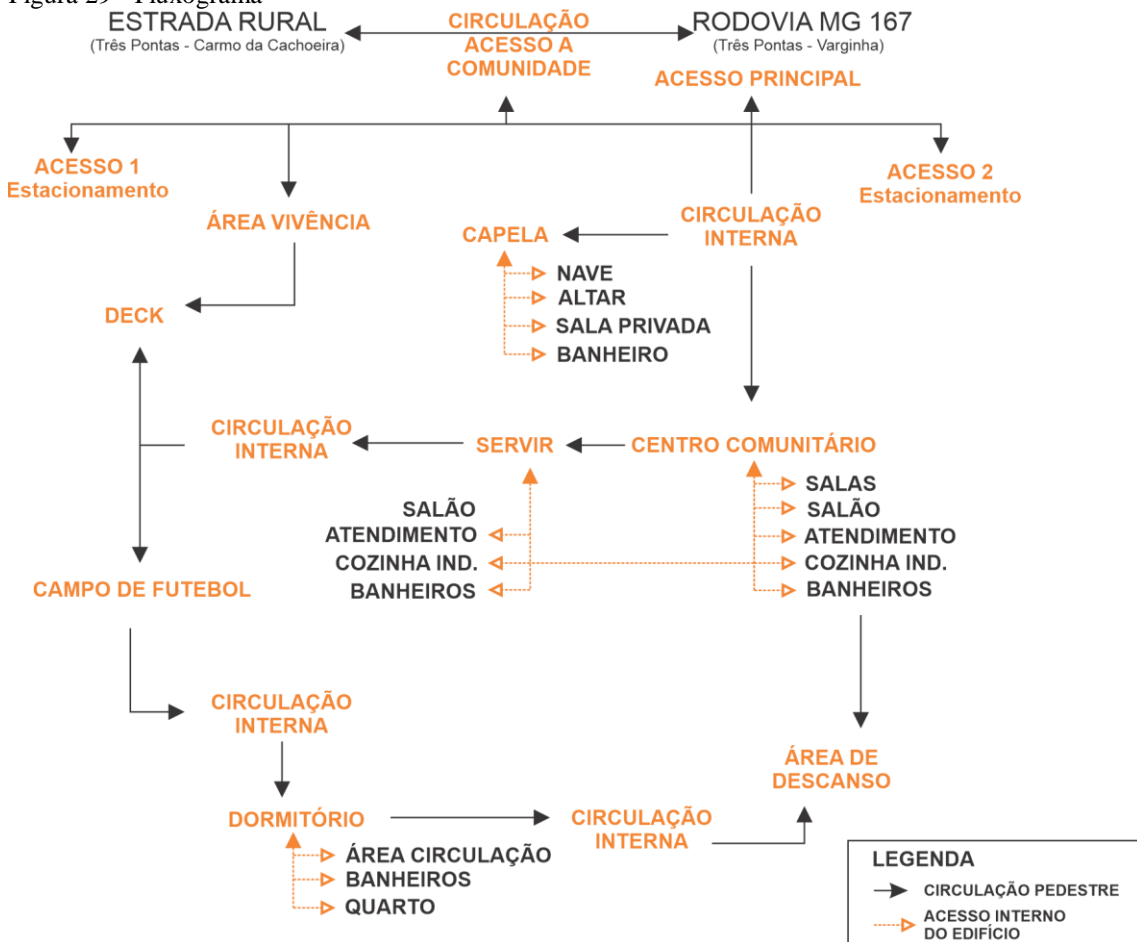
descomplicada das ações em processo. Com isso, por meio destas representações gráficas é possível compreender a transição de informações entre os elementos (figura 28 e 29).

Figura 28 – Organograma



Fonte: A autora.

Figura 29 - Fluxograma

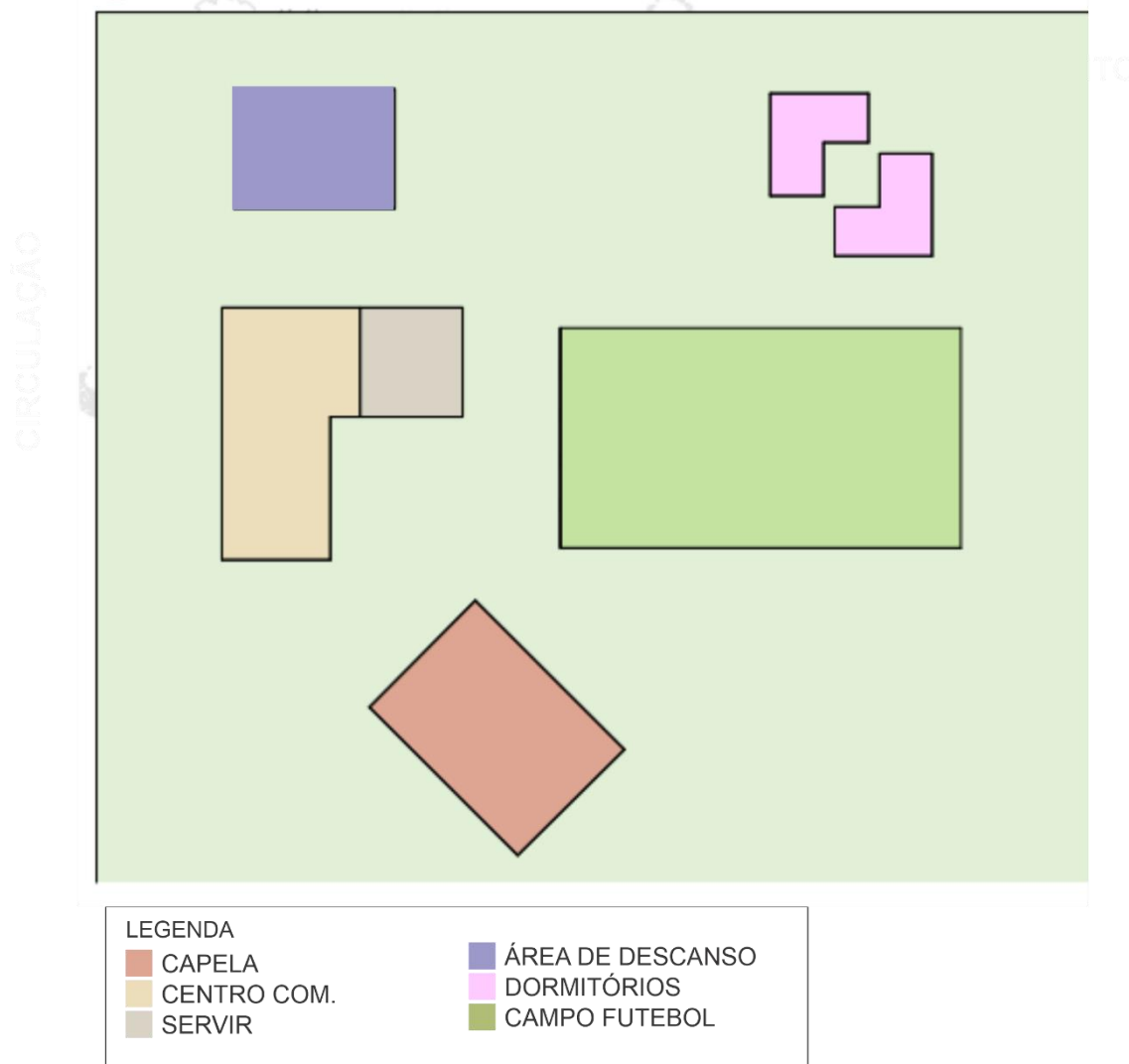


Fonte: A autora.

5.6 Setorização

A posição dos setores que formam o centro comunitário, portanto a serem inseridos no terreno, conduz à de “setorização”, norteadora do início da concepção que, assim, permite compreender a composição do espaço como um todo, conforme figura 30.

Figura 30 – Setorização



Fonte: A autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a arquitetura atua como um grande indutor social, afinal, as edificações constituem uma das necessidades básicas de todo ser humano e são elas que marcam a época e a identidade cultural de um determinado tempo.

Por meio de pesquisa teórica e de campo acerca do tema, compreendeu-se a importância de entender os indivíduos no meio coletivo e social na construção de um município. Assim sendo, foi possível reconhecer que na comunidade Pitangueiras da cidade de Três Pontas-MG é imprescindível a existência de um equipamento que atenda à população daquele espaço, pensado para eles e que, há bastante tempo tem sido ocultado pelo o contexto urbano de uma cidade.

A arquitetura e identidade destas comunidades tem sua beleza significativa e histórica em cada região que faz parte. Hoje, os projetos voltados para estes espaços, muito das vezes, são vistos como pensamentos pequenos, mas através de várias formas e de projetos como estes, é que as comunidades e os espaços territoriais aos quais pertencem passam a ser considerados como algo além, como algo que não é simples e precisa ser pensado e elaborado.

O projeto do Centro Comunitário permitiu a compreensão das funcionalidades deste tipo de edifícios e a sua posição social, ajudando a voltar o olhar para as necessidades de pequenas comunidades e sua realidade diante uma massa urbana em geral, assim como base para trazer o sagrado para a construção dos edifícios ao deparar com a crença daquele público e assim projetando edificações que correspondem a identidade de seus usuários.

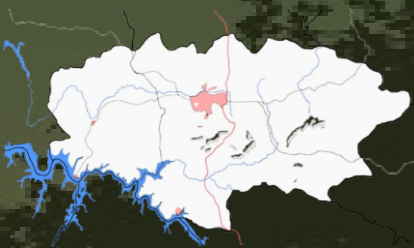
A realização deste projeto mostrou a importância que uma intervenção arquitetônica no espaço pode ter e as melhorias que pode trazer para os usuários, além de tudo, em manter e ressaltar a identidade cultural de um local. Reafirma o direito que todos possuem em exercer sua cultura, opiniões, assim como suas crenças e isso não deveria de modo algum ser impedido por falta de estrutura e planejamento urbano, é nosso trabalho como futuros arquitetos e urbanistas solucionar e projetar estes espaços e edificações para a comunidade, mostrando que a arquitetura é sim para todos.

REFERÊNCIAS

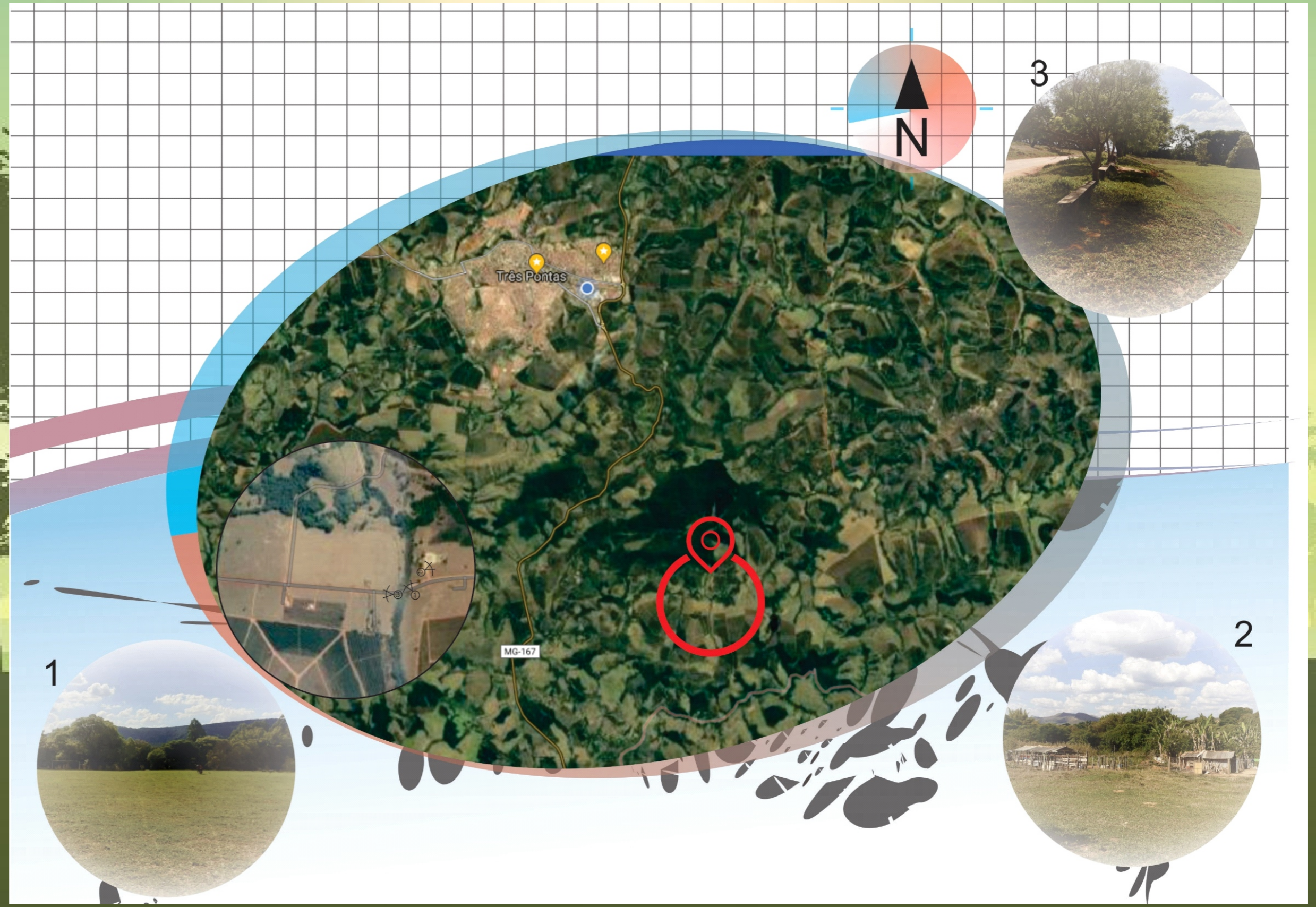
- BANDEMBURG, Alfio. **Do Rural Tradicional ao Rural Socioambiental**. Campinas-SP. v.XII, n2, p. 417-428.
- CAVALIERI, Marcia Maria. **Para além do Concreto e da Cor: A dimensão Imaterial na Arquitetura de Ayton Lolô Cornelsen**. Belo Horizonte-MG. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-AKMGGP>>. Acesso: 07.09.2019.
- FERRÃO, André Munhoz de Agolho. **Arquitetura Rura e Paisagens Culturais no Brasil a partir de uma abordagem Transdisciplinar e da visão de processos**. Campinas-SP. p/ 133-148. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/28099934>> Acesso em: 14-02-2020.
- IMPRENSA, Assessoria. **Conheça Três Pontas**. Três Pontas-MG. 2018. Disponível em <<http://www.trespontas.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/conheca-tres-pontas-terra-da-musica-e-capital--mundial-do-cafe/6497>>. Acesso: 15.10.2019.
- MELENDES, Adilson. **Projeto Design**. São Paulo. 2015. Edição 403. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/bl-arquitetura-capela-bom-despacho-mg>> Acesso em: 17-02-2020.
- MONTEIRO, Joana. **Gasto Público e Desempenho em Educação**. Rio de Janeiro-RJ, v.69, n4. p. 467-488.
- PEREIRA, Keli Cristina Alves. **Centro Comunitário Paulo Soares: Um Espaço de Apoio à Comunidade Rural de Monteiro**. Fomiga-MG. 2016. Disponível em: <https://repositorioinstitucional.uniformg.edu.br:21074/xmlui/bitstream/handle/123456789/408/TCC_KeliCristinaAlvesPereira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 01.10.2019.
- SABATÉ BEL, J.; SCHUSTER, J. M. (Ed.) (2001): **Projectant l'eix del Llobregat, Paisatge cultural i desenvolupament regional - Designing the Llobregat Corridor, Cultural landscape and regional develop-ment**. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya; Massachusetts Institute of Technology, 200 p.
- SILVA, Thiago Ferreira da. **História de Minas Gerais**. Minas Gerais. 2013. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/historia-de-minas-gerais/>> Acesso em: 12-10-2019.
- SOUZA, Rodrigo Franklin de. **Religiosidade no Brasil**. São Paulo-SP. 2019. N. 285, 286, 287, 288. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v27n79/v27n79a22.pdf>> Acesso em: 14.09.2019.
- TRAVES FILHO, Arthur C. **Transcrição entre os planos Conceitual e Material da concepção arquitetônica em Louis I. Kahn**. Disponível em: <<http://www.arquiteturarevista.unisinos.br/index.php?e=7&s=9&a=46>> Acesso em: 10-12-2019.

APÊNDICE A - Mapas Diagnóstico

Localização



O local de estudo está situado na comunidade de Pitangueiras do município de Três Pontas. A comunidade conta com uma área total de 3,89 km² e possui acessos como o da MG-167, saída da cidade de Três Pontas/Carmo da Cachoeira e acessos rurais.



Desenvolvimento econômico

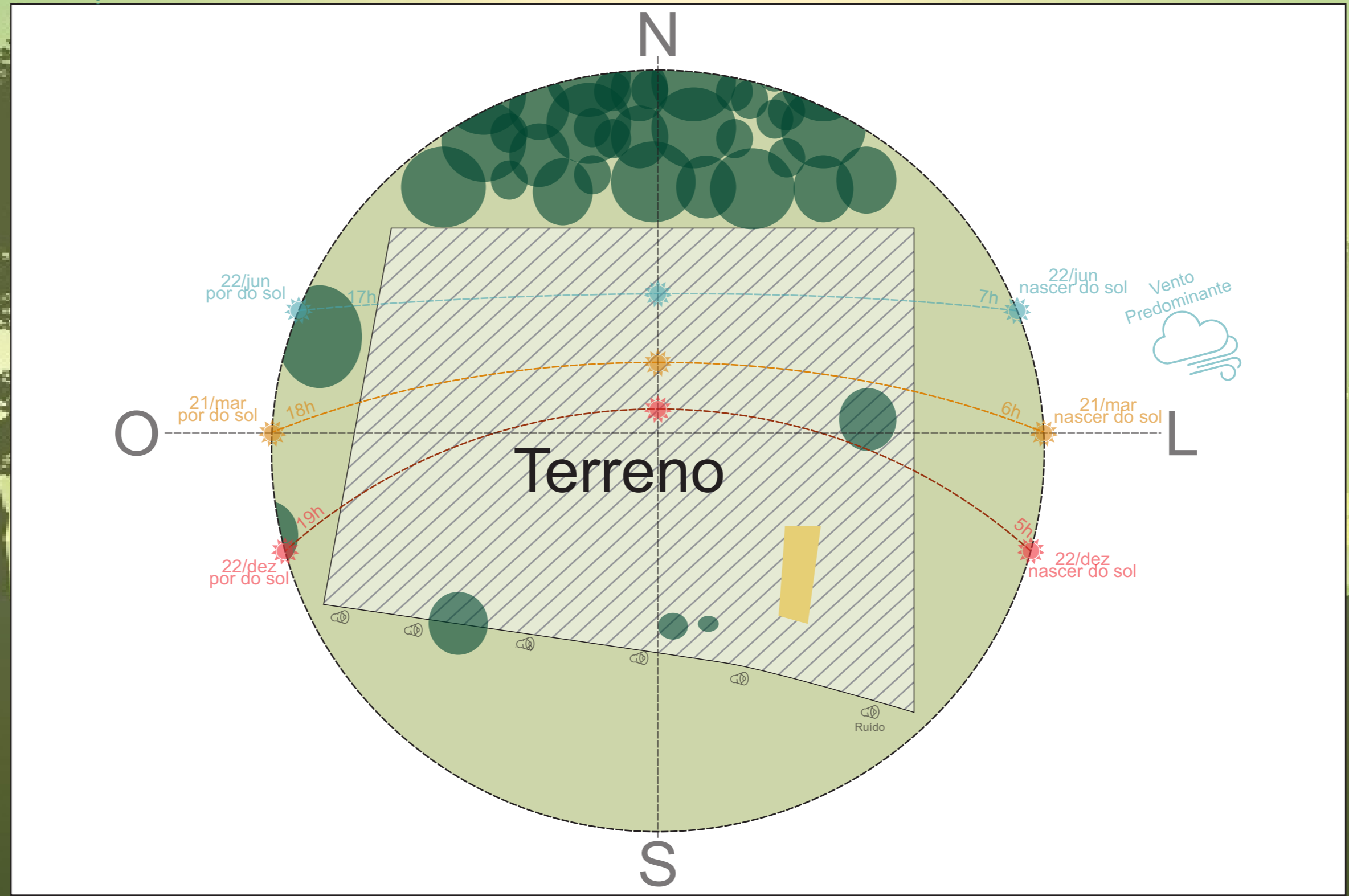
A economia da comunidade rural se apresenta por meio de uma estrutura piramidal, sob a forma de prestação de serviços para produtores de café, que possuem o cultivo ao redor, criação de galos, aves, produção de leite, derivados e outros, uso de agroquímicos, tanto para venda quanto para consumo próprio, além de ser possível a exploração da comarca.

OBS: Não há registro de fotos - devido a pandemia não foi possível o acesso nas edificações particulares assim como os demais citados.



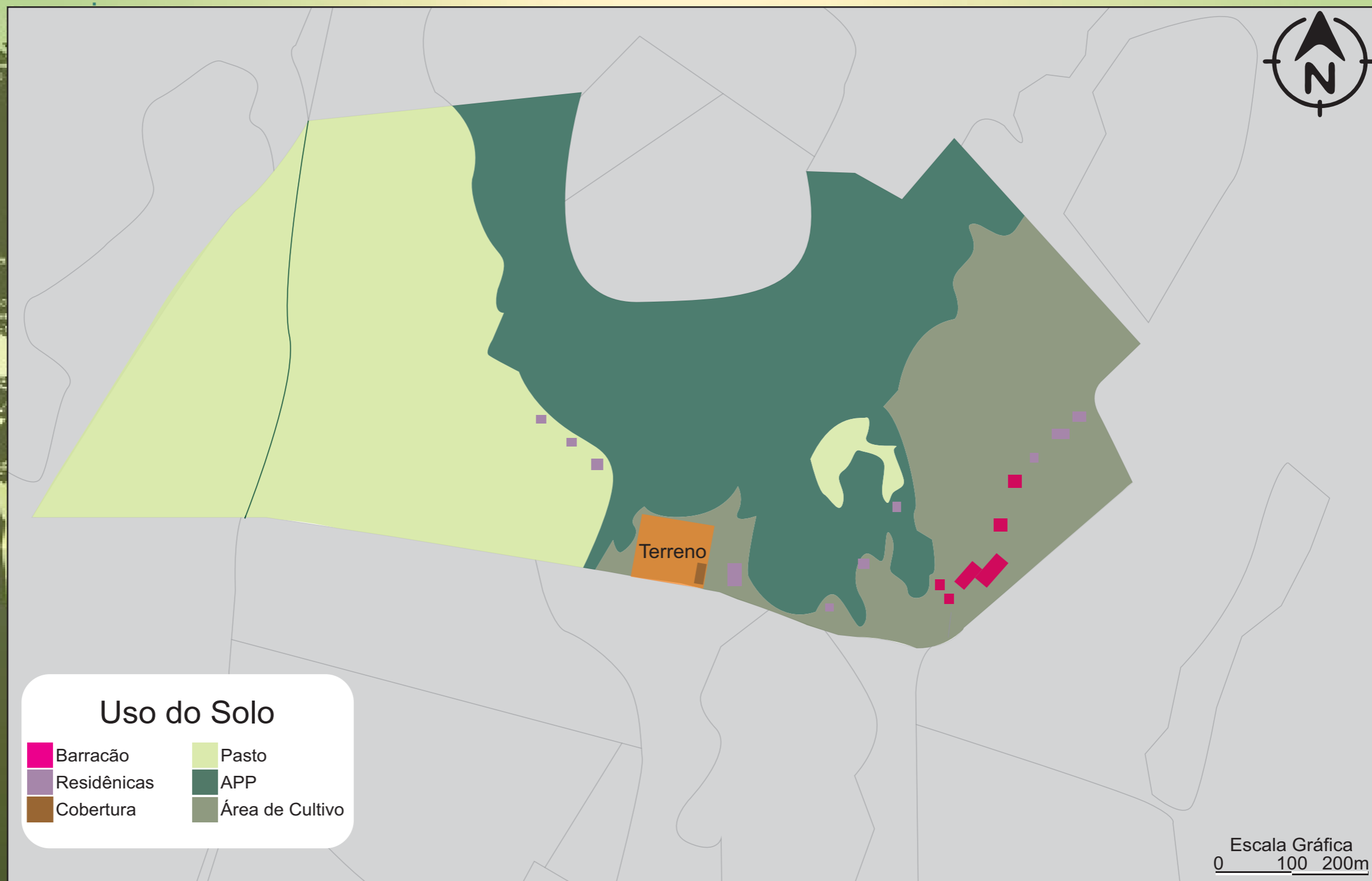
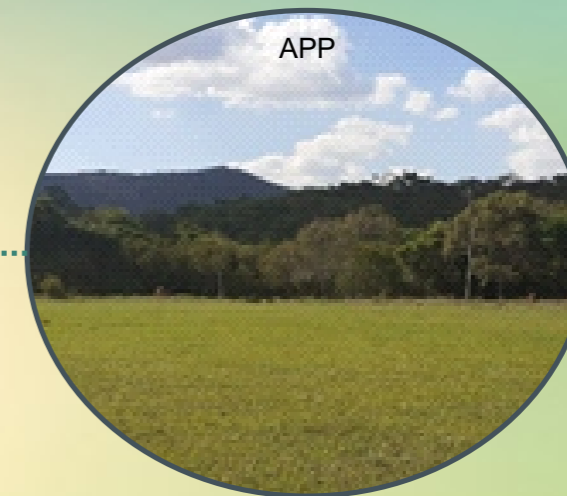
Condicionantes Ambientais

Os principais acessos são pelas estradas MG 167 e estrada rural na saída de Três Pontas; nesses pontos acontece o maior fluxo veicular dentro da área, o que os tornam principais polos geradores de ruídos. Além disso, trata-se de terreno de acesso limitado pela magnitude que transita de espaço. Porém, há uma permeabilidade para a ventilação horizontal no local, mesmo com essa condição de movimento. O terreno não possui nenhum obstáculo que impeça a circulação de vento. Pelo contrário, existe uma grande área de vegetação. Há incidência solar em todo o terreno.



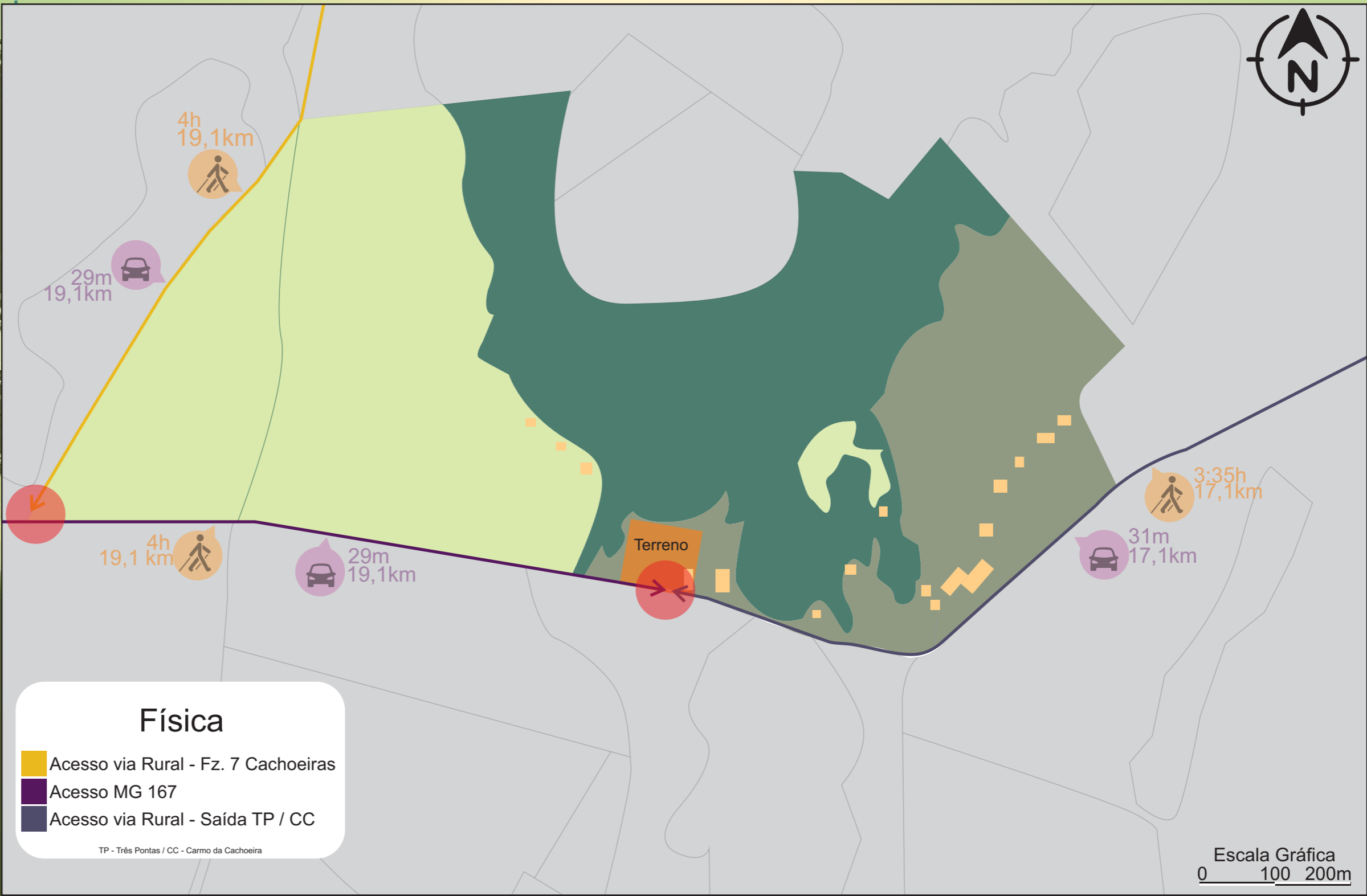
Áreas verdes - Uso e ocupação do solo

A área possui uma imensa variedade de vegetações no seu entorno. Possui as edificações predominantemente residencial de até um pavimento, suas tipologias correspondem às construções de baixa altura. O terreno ganhou vida por meio da implantação de um sistema de irrigação, permitindo o cultivo de um tipo de mandioca para produção de farinha, a única colheita desses produtos. Há uma pequena cobertura para abrigar a população para cerimônias religiosas ou atividades sociais após o futebol.



Hierarquia Viária - Física

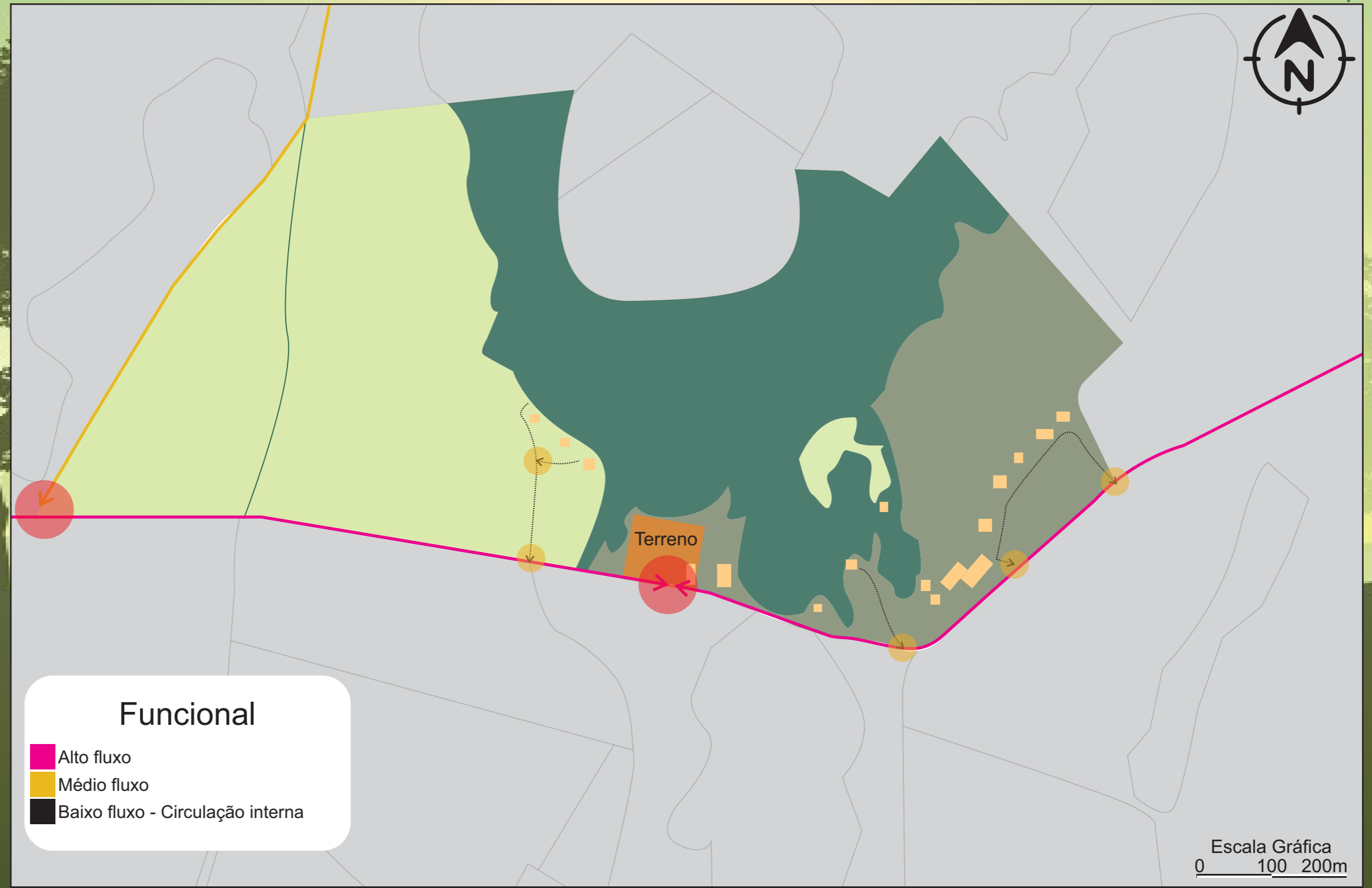
Os acessos da área de estudo possuem o fluxo para os dois sentidos da estrada larga e com uma estrutura que permite a passagem de dois veículos. Este fluxo veicular se divide em dois tipos, físico e funcional, sendo físico de acessos de entrada para dentro da comunidade e funcional os de saída para fora já esta dentro da comunidade.



Distância a pé Distância de carro Intercessão entre vias

Hierarquia Viária - Funcional

O fluxo constante se mantém na parte da manhã e no final do expediente, iniciando às 06 h da manhã e finalizando às 16 h no período da tarde. No restante do dia o fluxo se mantém praticamente parado, o que ocasiona apenas pequenos períodos de repouso. Não existe grande quantidade de veículos parados por um longo período.

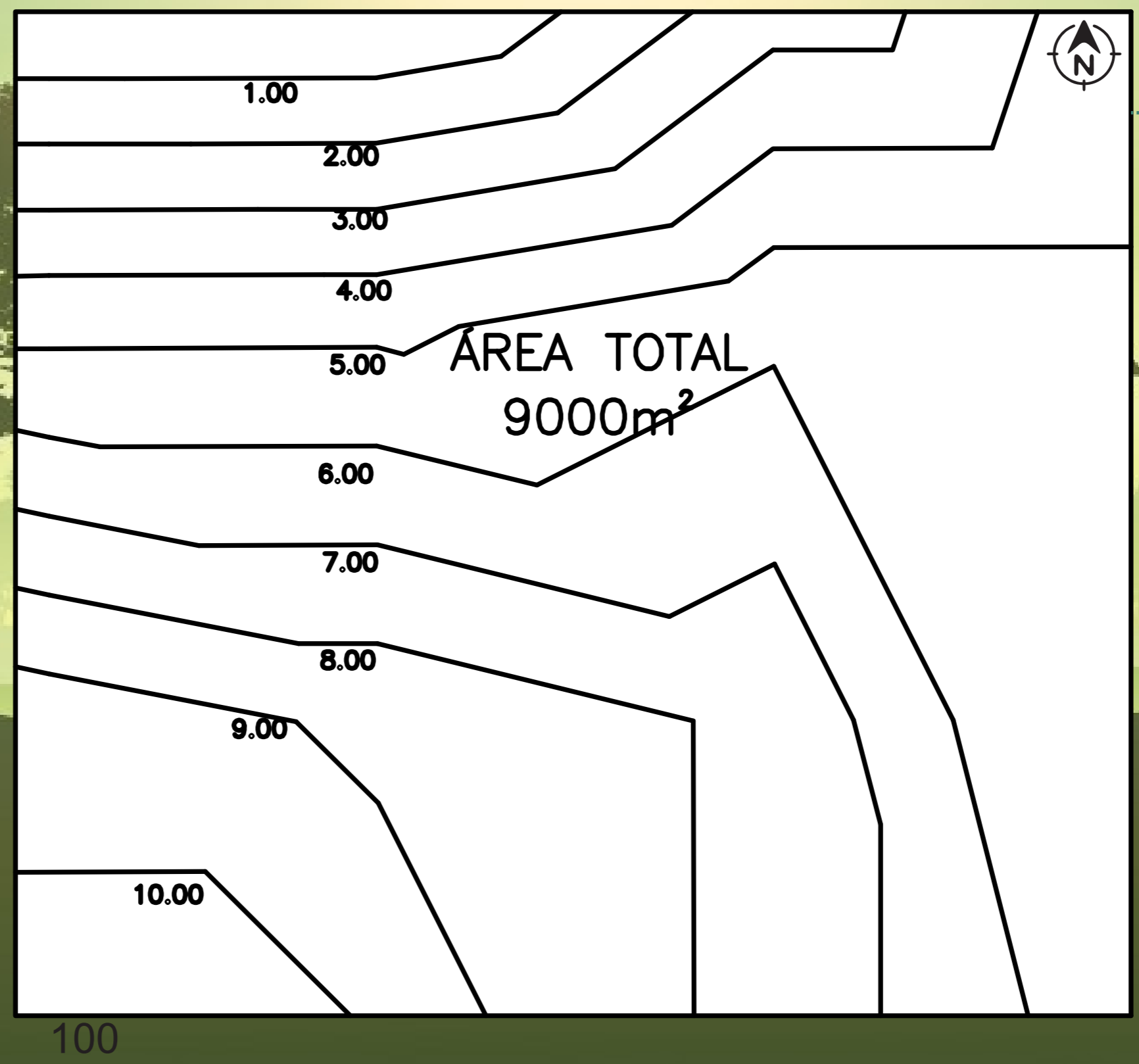
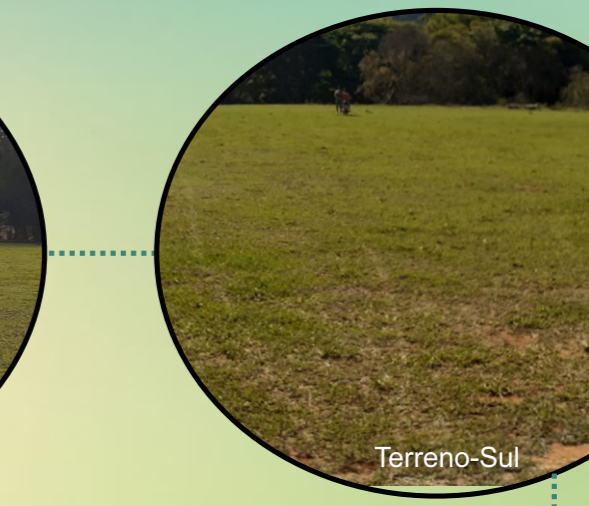
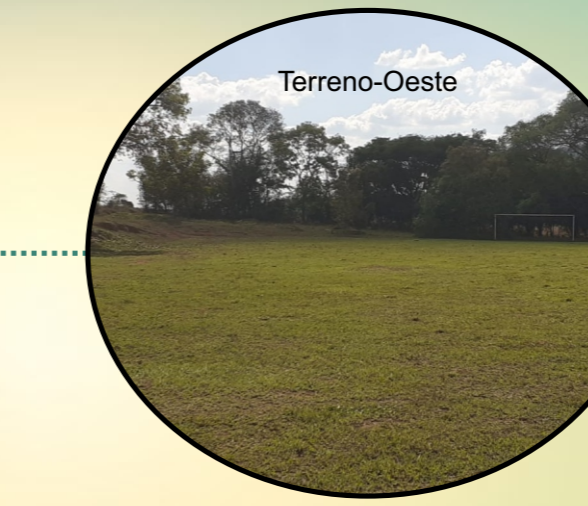


● Intercessão entre vias ● Intercessão circulação interna

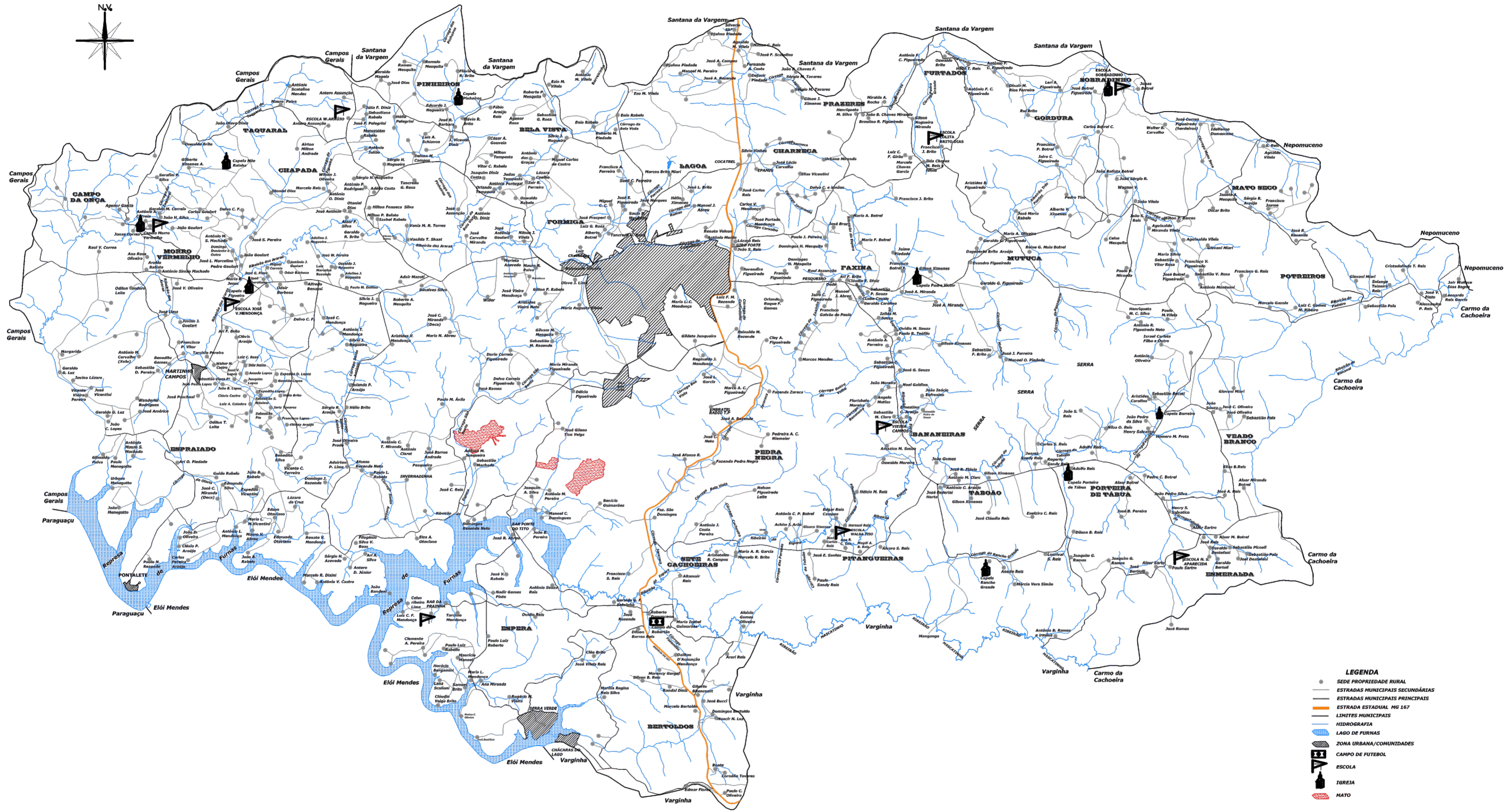
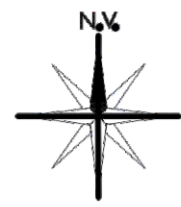
Topografia

Aspectos Físicos

- Área total: 9000 m²
- **D i m e n s ã o :** Confronta pela frente, em seu lado sul, a extensão de 100 metros; no lado leste da área conta com 90 metros; o lado oeste possui a extensão de 90 metros e o lado norte do terreno conta com a extensão de 100 metros.



ANEXO 1 - MAPA TERRITORIAL TRÊS PONTAS/COMUNIDADES



- LEGENDA**
- SEDE PROPRIEDADE RURAL
 - ESTRADAS MUNICIPAIS SECUNDÁRIAS
 - ESTRADAS MUNICIPAIS PRINCIPAIS
 - ESTRADA ESTADUAL MG 167
 - LIMITES MUNICIPAIS
 - HIDROGRAFIA
 - LAGO DE FURNAS
 - ZONA URBANA/COMUNIDADES
 - CAMPO DE FUTEBOL
 - ✠ ESCOLA
 - ✠ IGREJA
 - MATO

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS PONTAS

MAPA RODOVIÁRIO MUNICIPAL

| | |
|--|--------------------|
| AUTOR: ANTONIO GARCIA DE FIGUEIREDO NETO | ESCALA: SEM ESCALA |
| REVISÃO: SILVANA CARVALHO FIGUEIREDO | DATA: ABRIL/2007 |

CENTRO COMUNITÁRIO PITANGUEIRAS:

A IDENTIDADE CULTURAL E RELIGIOSA DE
UMA COMUNIDADE TRASPONTANA



CENTRO COMUNITÁRIO PITANGUEIRAS: A IDENTIDADE CULTURAL E RELIGIOSA DE UMA COMUNIDADE TRESPONTANA

1 INTRODUÇÃO

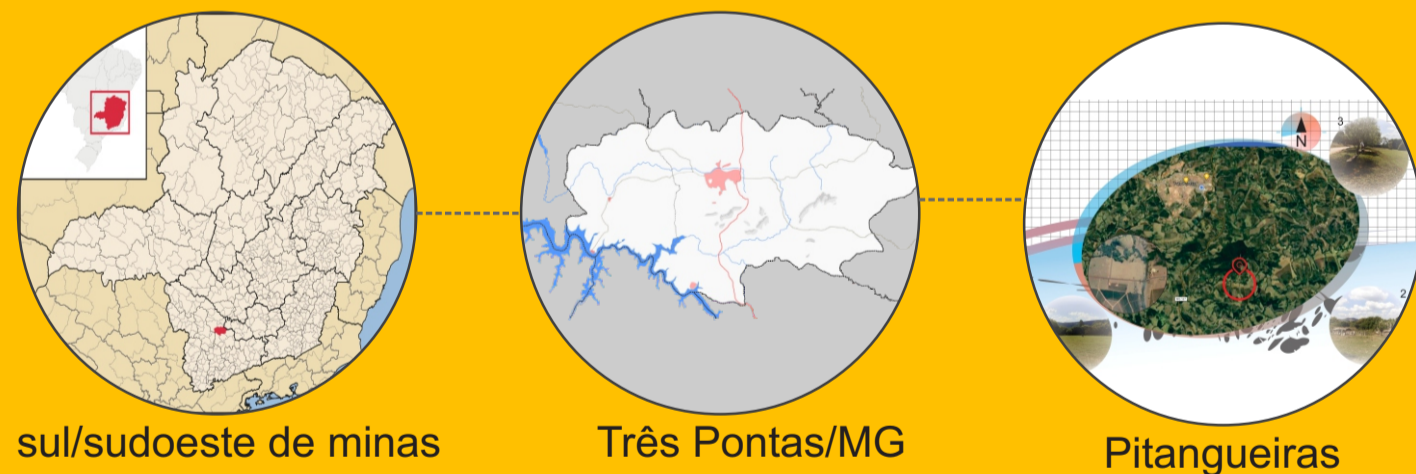
Este estudo tem como tema a erudição de centros comunitários no meio rural. Mais especificamente, teve-se como objetivo propor um projeto arquitetônico para a implantação de um Centro Comunitário, de caráter religioso, na comunidade Pitangueiras da cidade de Três Pontas-MG. A relevância da pesquisa origina-se no pressuposto social, urbano e moral, sob o ponto de vista físico-territorial da inserção das áreas rurais e suas diversas comunidades nos assuntos e planejamentos das cidades. Isto porque o rural e o urbano de um município estão interligados pela cultura de sua população que também faz parte do conjunto dos cidadãos do município. Tendo como objeto de estudo o espaço da cidade, compreendendo as regiões que consolidam seu território e sua história, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e dos diagnósticos feitos, aborda-se a questão do direito do cidadão à fruição do espaço e da cultura de seu meio com a contribuição que vem da intervenção arquitetônica. Ao identificar modos de vida, expectativas e necessidades da comunidade a "arquitetura para todos" acontece sob a forma de construção de uma resposta projetual coerente com o meio e seus valores, no caso, a religiosidade do lugar. Com isso, elabora-se, ao longo da pesquisa, uma base teórica que defende a proposta de um projeto público que constituirá o Centro Comunitário Pitangueiras: a identidade cultural e religiosa de uma comunidade rural, em Três Pontas-MG.

OBJETIVO

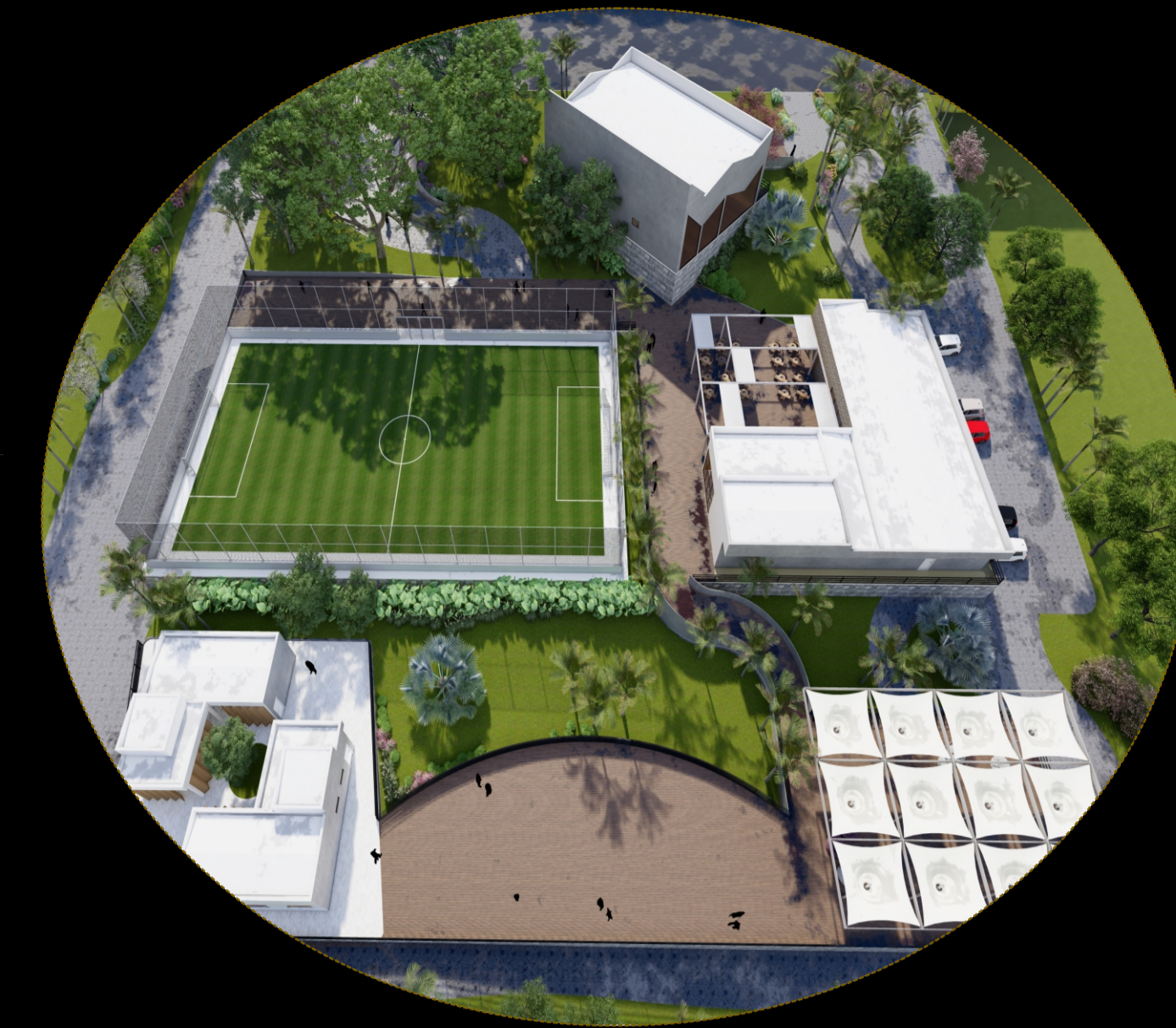
Desenvolver um projeto arquitetônico de um Centro Comunitário Religioso na comunidade Pitangueiras, de Três Pontas-MG, com múltiplas funcionalidades.

LOCALIZAÇÃO

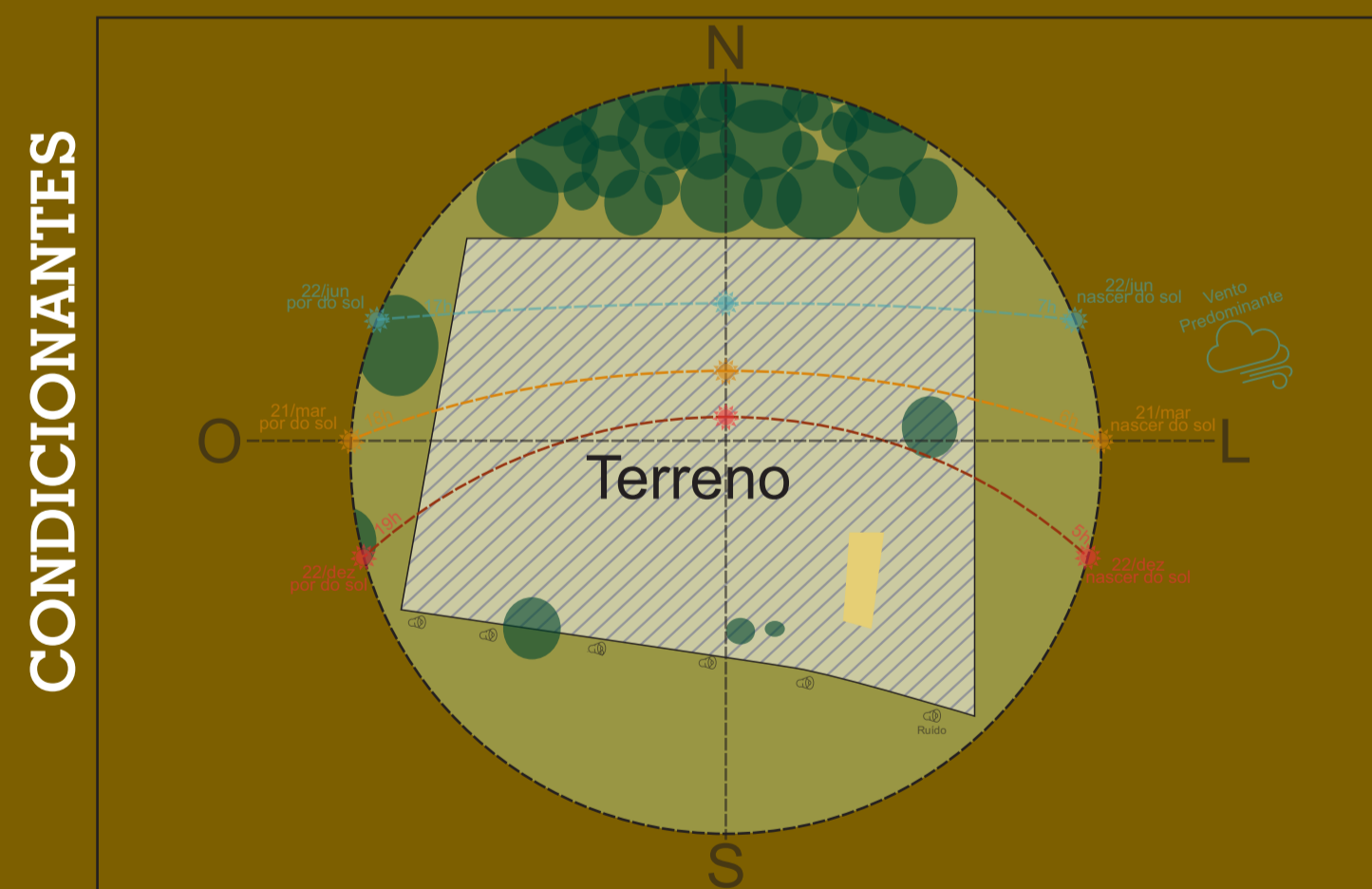
O estudo contextualiza-se na comunidade Pitangueiras no município de Três Pontas. A comunidade conta com uma área total de 3,89 km², limita-se por acessos como o da MG 167, saída da cidade de Três Pontas/Carmo da Cachoeira e acessos rurais.



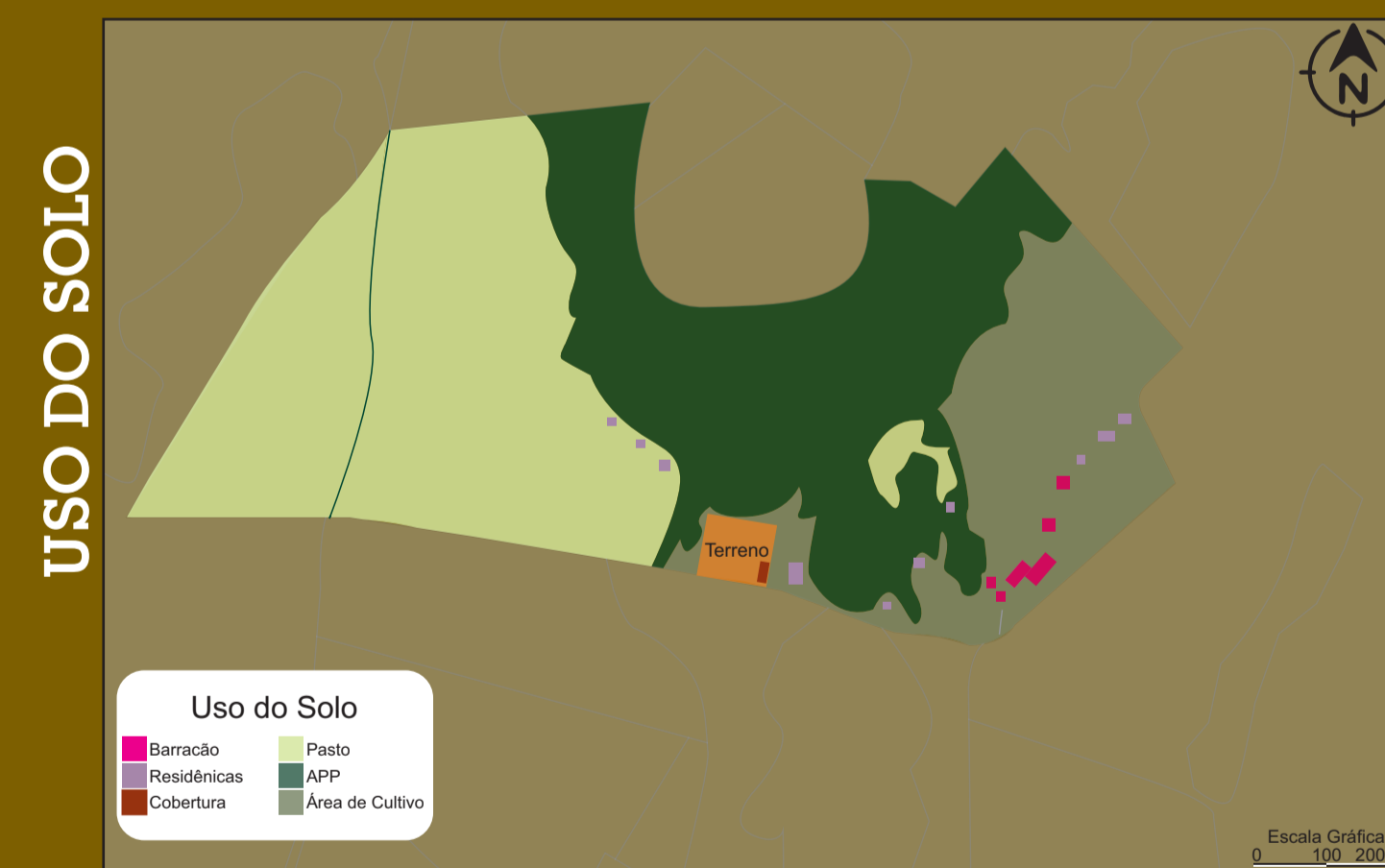
IMPLANTAÇÃO ESQUEMÁTICA



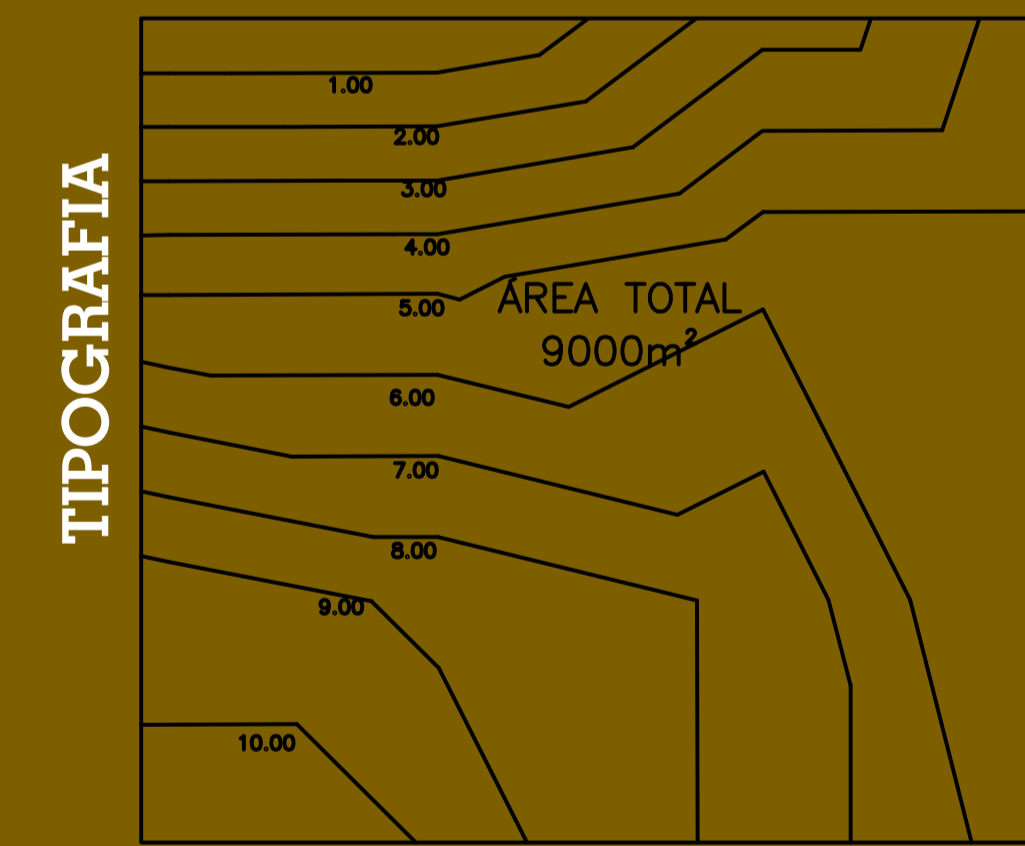
PERSPECTIVA SEM ESCALA



Como sua localização está em uma área rural, que o terreno não possui nenhum obstáculo que impeça a circulação de vento. Pelo contrário, existe uma grande área de vegetação, bem agradável de se estar mesmo sem nenhuma edificação presente, o que torna favorável uma construção que terá esse acesso de ventilação de ambos lados. Com a incidência solar permanente ali, será necessária uma estratégia de construção para que a luz natural entre, já que o terreno o permite e, ao mesmo tempo, para que a luz natural seja barrada nos horários de raios solares muito fortes. Nesse sentido, o Centro Comunitário reforça o pensamento das pessoas em permanecer na comunidade e preservar o meio natural que as rodeiam.



A área de estudo é predominantemente residencial de até um pavimento, suas tipologias correspondem às construções de classe baixa; em sua maioria, não possuem nenhum detalhamento projetual. Os demais gabaritos, se dão por galpões, para uso de armazenagens ou responsáveis por algum tipo de processo na produção de café, possuindo um pé direito mais elevado, devido sua função, o que é permitido pela legislação do município. A única construção fora desses parâmetros, é uma pequena cobertura, feita para abrigar a população para cerimônias religiosas ou atividades sociais após o futebol, mas que não foge do gabarito residencial. A infraestrutura dessa área conta com esgotamento sanitário, luz, água e telefone em alguns pontos específicos.



O acesso ao terreno se dá por três entradas. O terreno na direção do acesso da MG 167/Acesso Rural, possui um pequeno desnível. O declive presente na área acontece de 1 em 1 metro em suas curvas de níveis, ocorrendo do sentido sul para norte, conforme apresentado.

- Aspectos Físicos
- Dimensão: Confronta pela frente, em seu lado sul, a extensão de 100 metros; no lado leste da área conta com 90 metros; o lado oeste possui a extensão de 90 metros e o lado norte do terreno conta com a extensão de 100 metros.
- Área total: 9.000m²

2 CONCEITO PARTIDO ARQUITETÔNICO

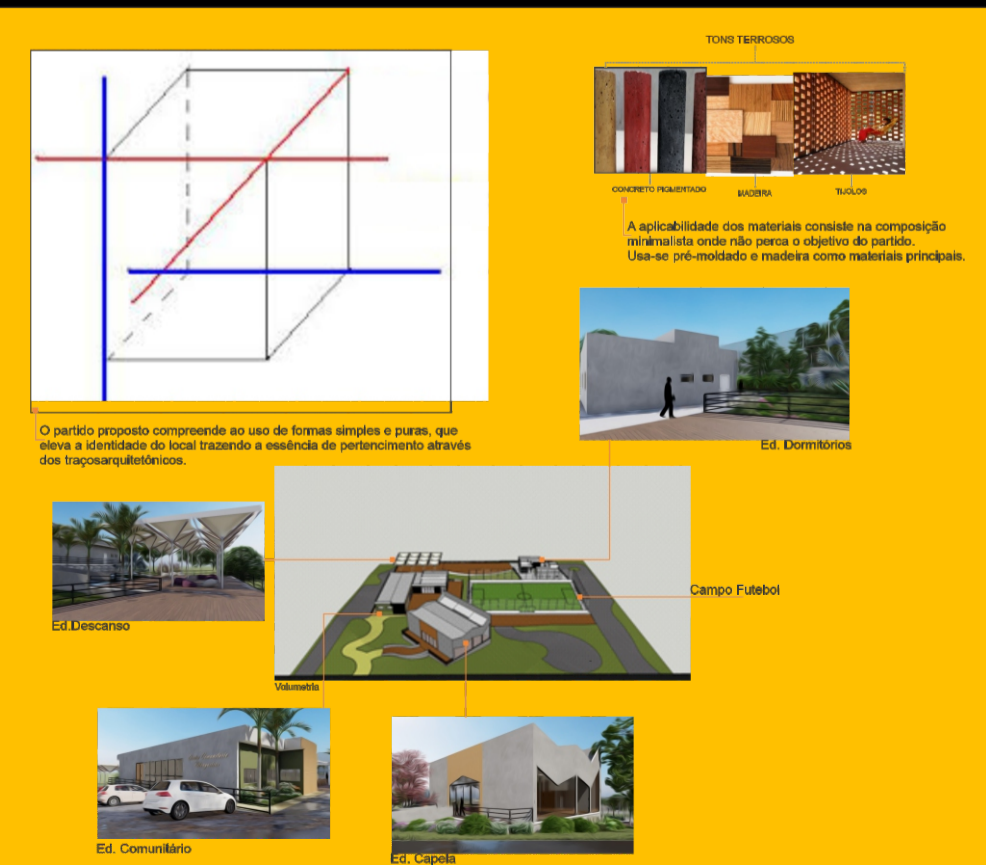
Busca-se a composição de um edifício que contenha uma conexão entre a arquitetura e seus usuários, com conectividade suficiente para produzir a sensação de pertencimento. O terreno localiza-se em uma área rural da Cidade de Três Pontas, o que fornece um visual incrível, de modo a influenciar na composição do projeto, iniciando aqui a conexão entre o espaço interno com o externo. A escolha por formas simples e puras, mas que ao mesmo tempo seja uma forma composta de modo a valorizar essas questões circundantes, foi o resultado da tentativa de mostrar essa conectividade esperada no edifício, com a identidade do local, de modo que seu resultado final conduza a sensação de acolhimento, onde os visitantes acolhem a arquitetura, e a arquitetura acolhe seu meio, sendo fornecedora de momentos para seus usuários, como afirma Pavese (1938), não nos lembramos de dias, lembramo-nos de momentos.

O conceito de múltiplo uso, torna-se a ponte para o processo de percepção projetual. A ideia consiste em mostrar o convívio existente, as crenças exercidas e a permanência dessas pessoas no local, vivenciando sua cultura: área rural, celebrações, eventos, esportes, cultivo, entre outros. Uma essência que não precisa ser modificada, muito menos a projeção de um edifício que será isolado da realidade encontrada. É necessária a composição de algo que seja um complemento ao seu local de implantação, transcrevendo a identidade do seu público nessa composição de múltiplo uso do projeto.

A identidade se evidencia na sua relação com o entorno no qual se inserem seus usuários, ou seja, a integração da implantação projetual, com sua área de inserção, além de seu público. Toda intenção proposta, consiste na formação de uma identidade formal para que, assim, seja possível observar e compreender a obra arquitetônica. Busca-se, como resultado, a composição de um objeto e suas setorizações, que permite aos seus usuários identificarem-se e se integrarem ao seu entorno, sem mimetizá-lo. Esse aspecto de buscar a identidade das pessoas e transformar em arquitetura, é um dos pontos mais relevantes desse projeto, pois além da intenção de unificar e se fazer vivo esse meio cultural, transcreve a identidade desses usuários por meio do volume arquitetônico. Além de todos esses objetivos supracitados, complementando o conceito, como toda obra é contemplada de modo particular por seus visitantes, a imaterialidade, se torna presente, mediante os materiais escolhidos para construção do centro, sua aplicabilidade e sua ausência na volumetria, fazendo com que, ao presenciarem a obra, desfrutem da sensação do imensurável, como conceituado no diagrama.

PARTIDO

O objetivo consiste na idealização de edifícios compactos e bioclimáticos que possam estimular os usuários com espaços livres dentro de suas dependências e não mais importante com a qualidade visual e volumétrica. A preocupação com as fachadas, identidade e a descompactação do tradicional Centro Comunitário, são os postos-chaves na elaboração desta proposta e aplicação dos materiais.



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
AUTORA: NATHÁLIA MARIA VICENITNI



ACESSO MG 167

IMPLANTAÇÃO GERAL
ESC: 1/200

ACESSO PRINCIPAL

ACESSO VIA RURAL -
SAÍDA TP/CC

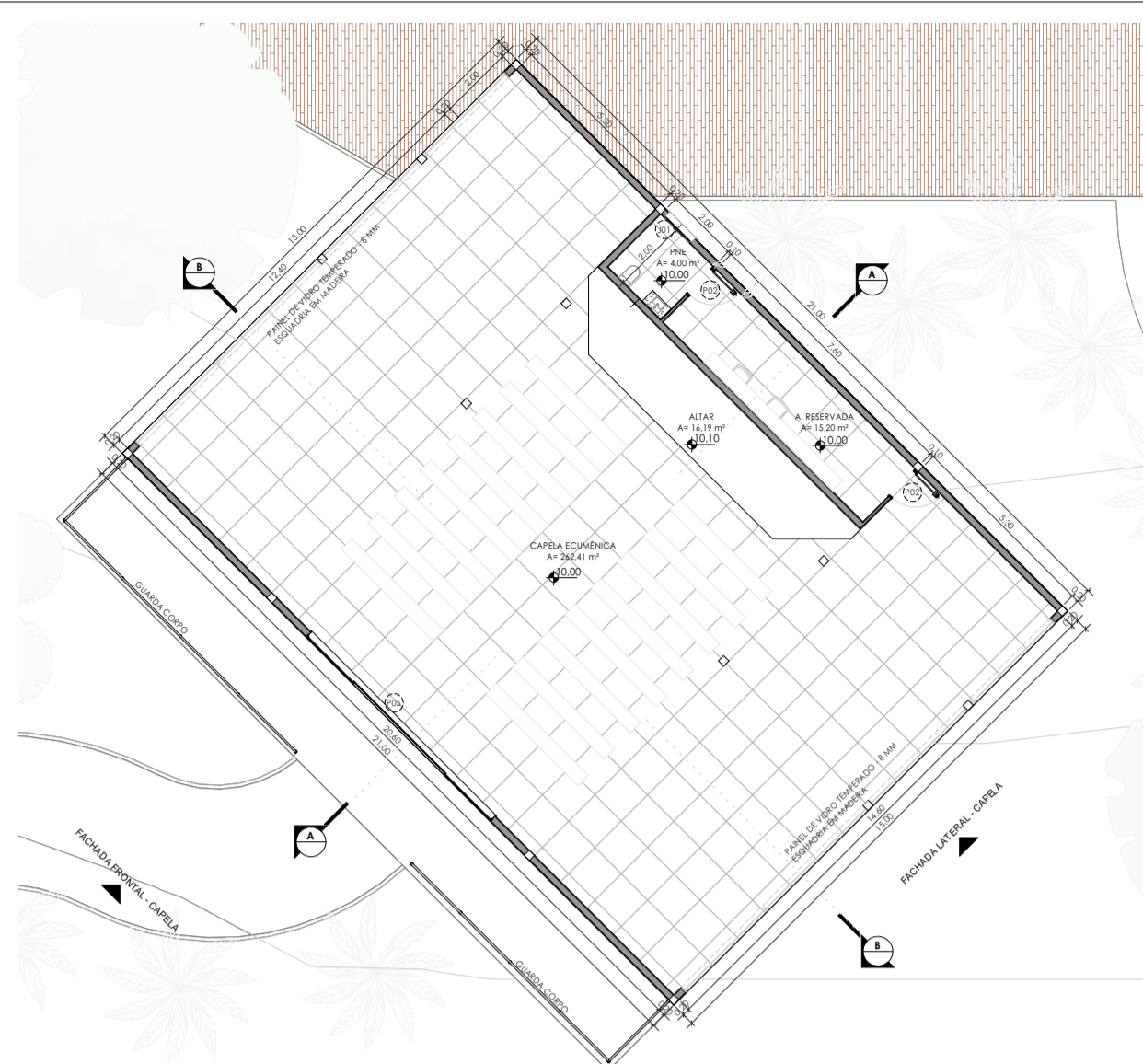
CÁLCULO DE ÁREAS

TERRENO: 9.000 M²
CAPELA: 367,50 M²
CENTRO COMUNITÁRIO: 409,0 M²
ÁREA DE DESCANSO: 192,0 M²
DORMITÓRIOS: 153,60 M²
TOTAL: 1.222,0 M²
T.O: 13,57%
C.A: 1,5%

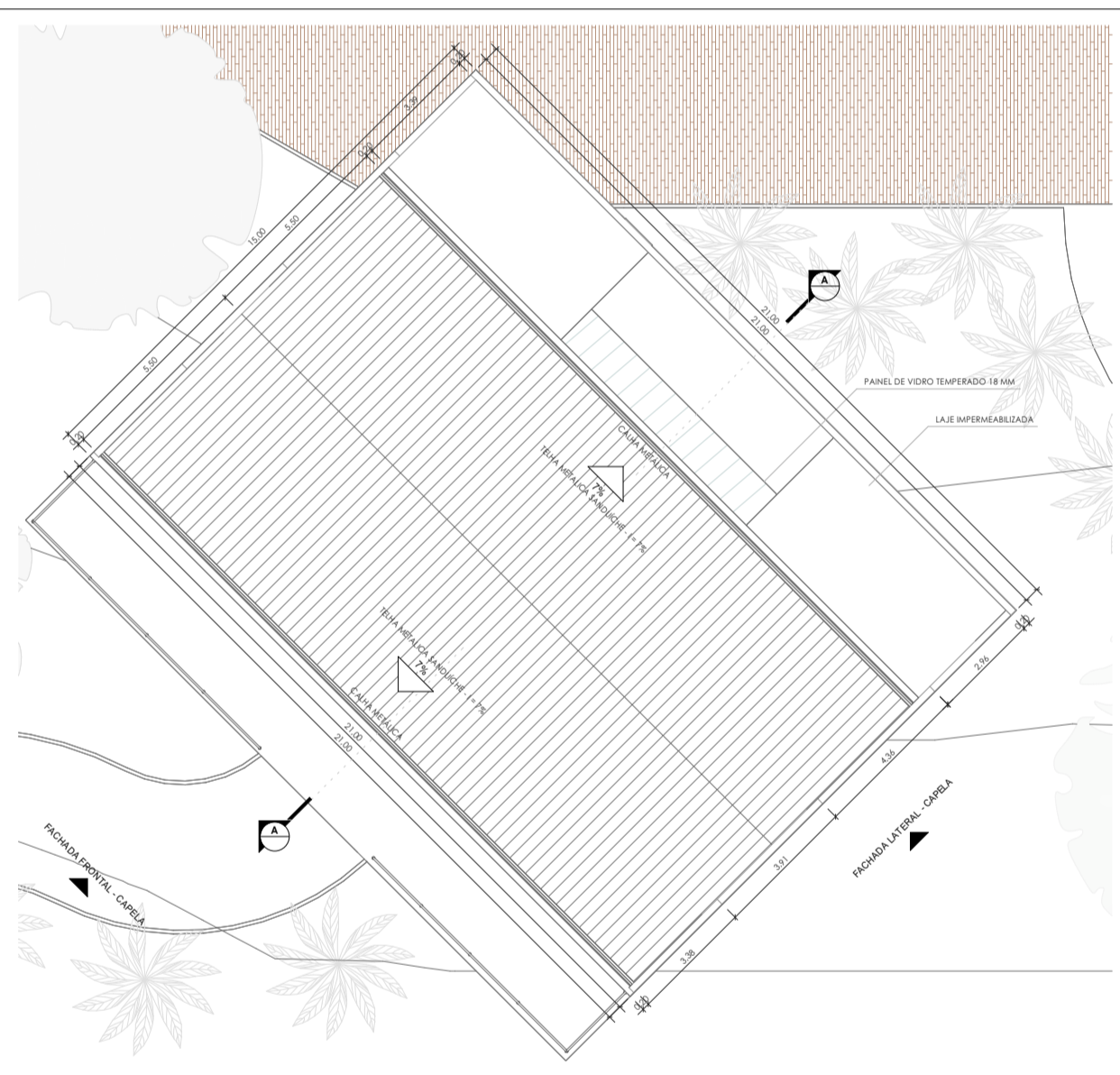
ORIENTADORA: LUCIANA BRACARENSE COIMBRA
ARQUITETURA E URBANISMO - 10 p - NOTURNO

TCC II
3 8

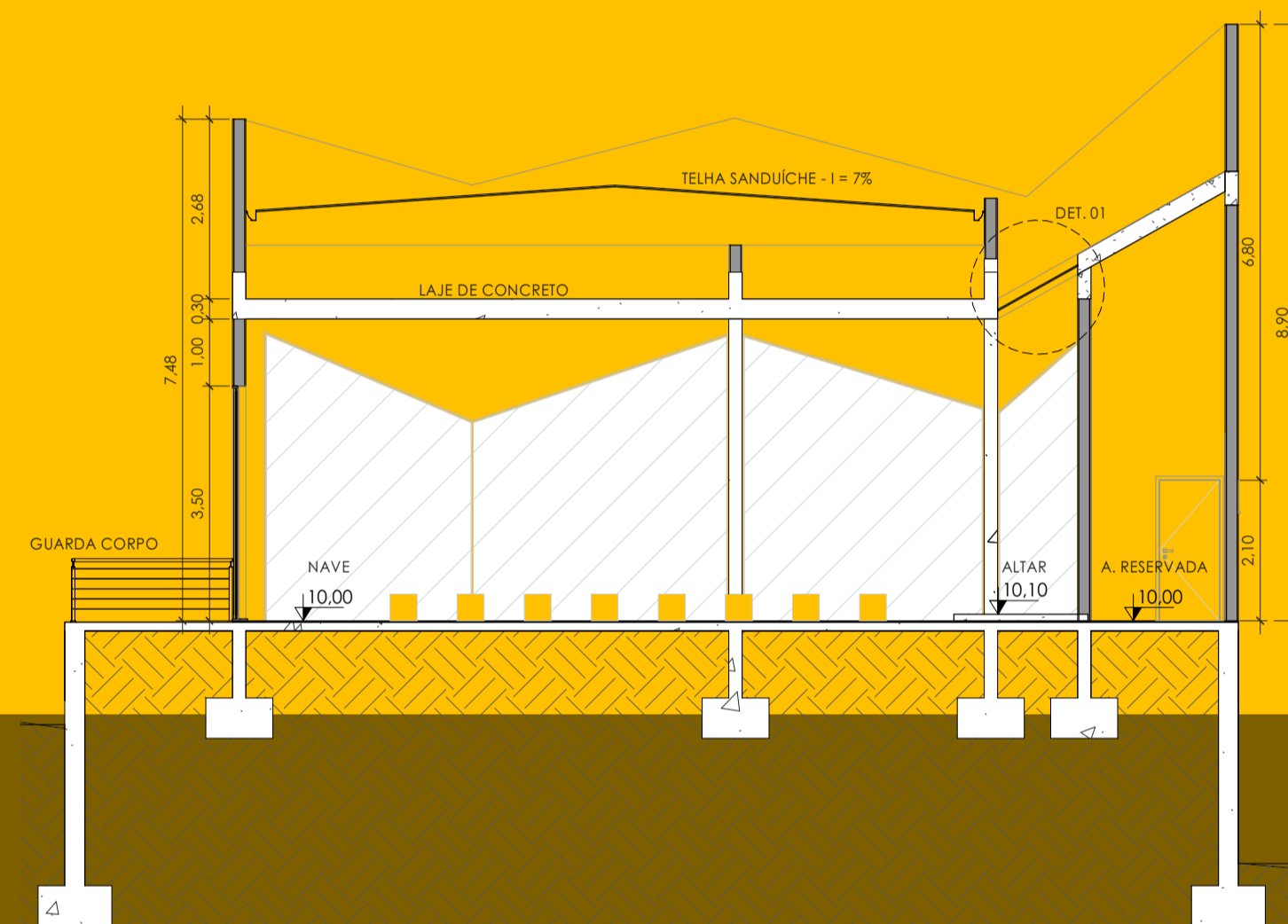
3 CAPELA



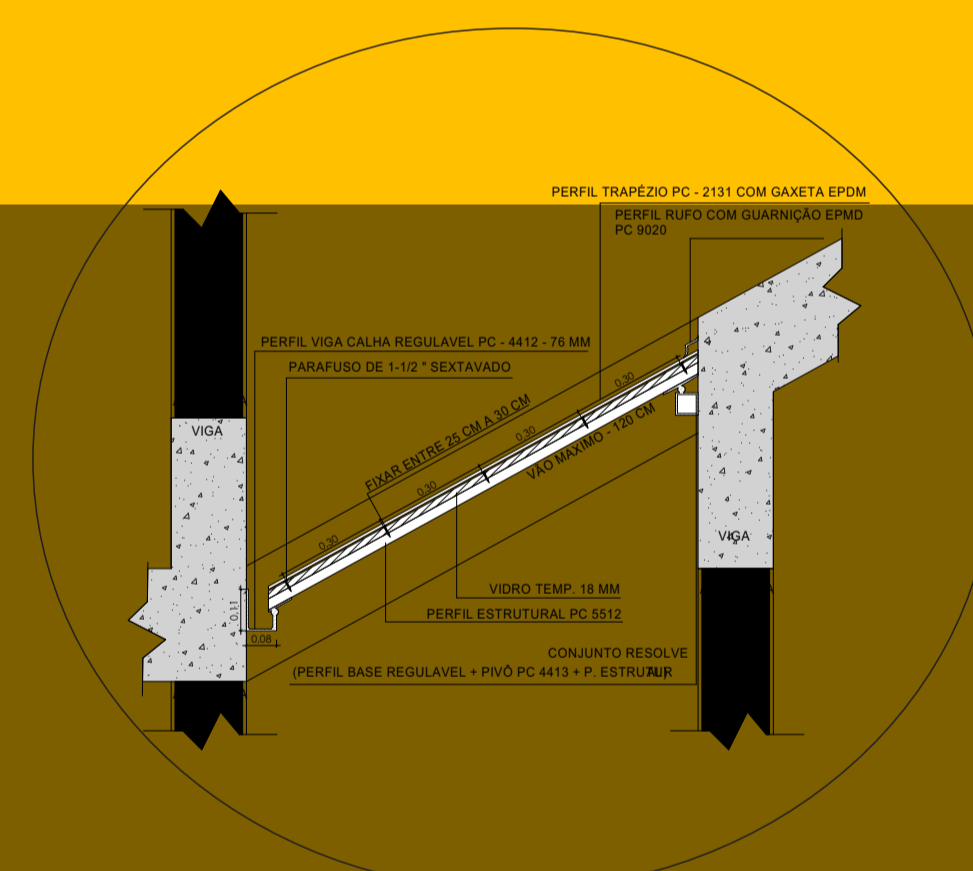
PLANTA BAIXA
Escala Gráfica
0 2,5m 5,0m



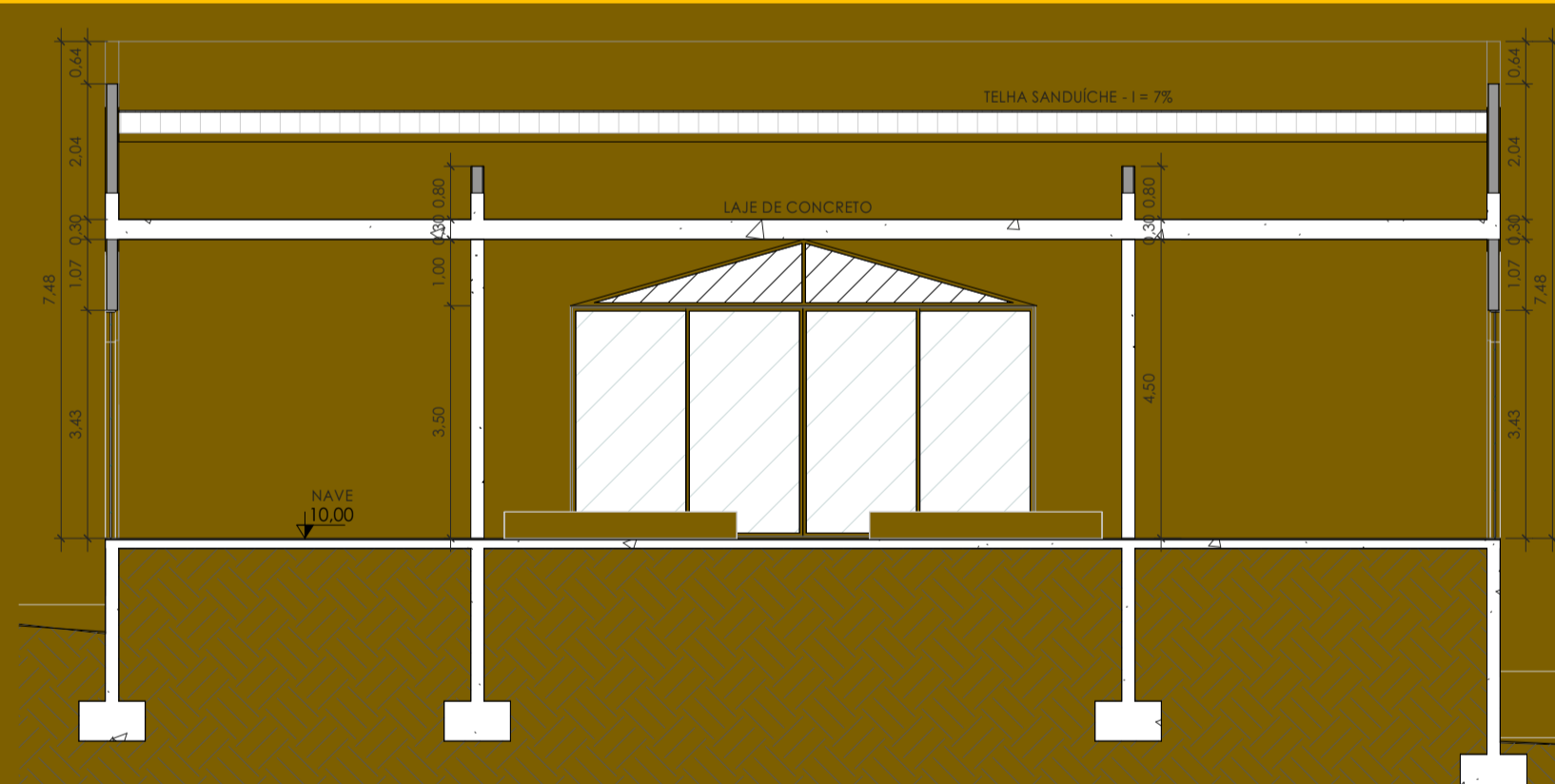
PLANTA COBERTURA
Escala Gráfica
0 2,5m 5,0m



CORTE AA
ESC: 1:100



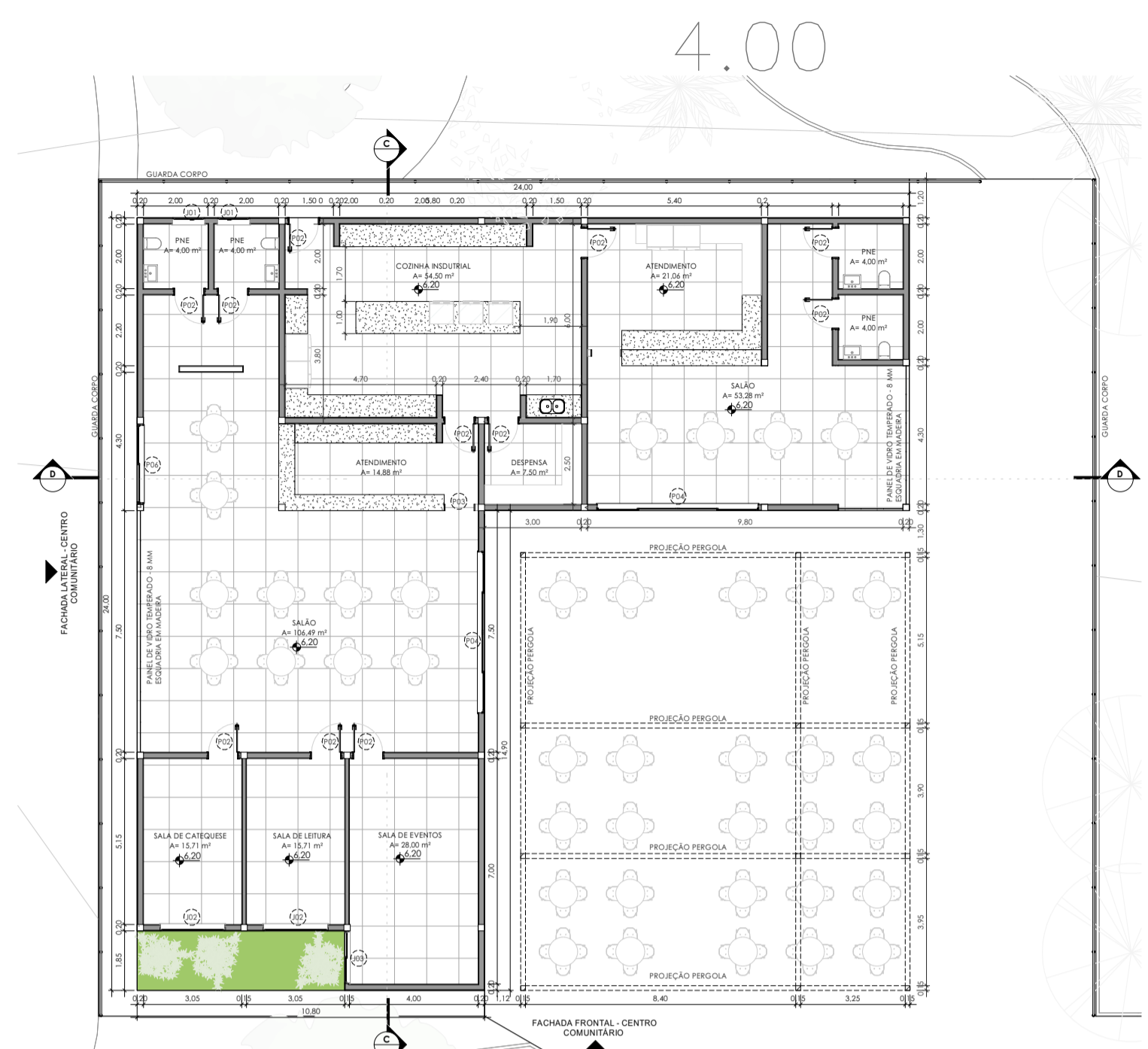
DETALHAMENTO 01: VIDRO COBERTURA CAPELA



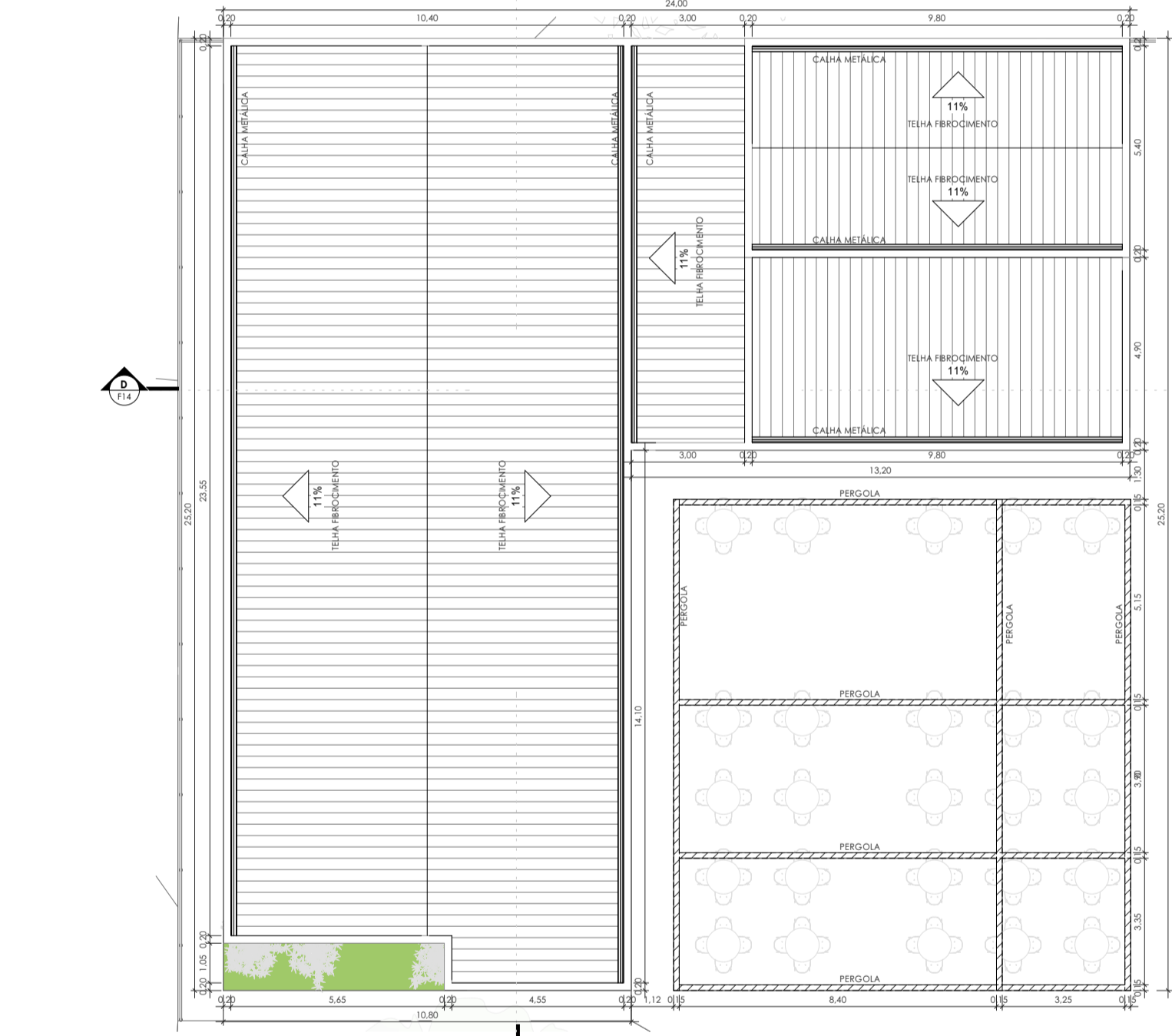
CORTE BB
ESC: 1:100



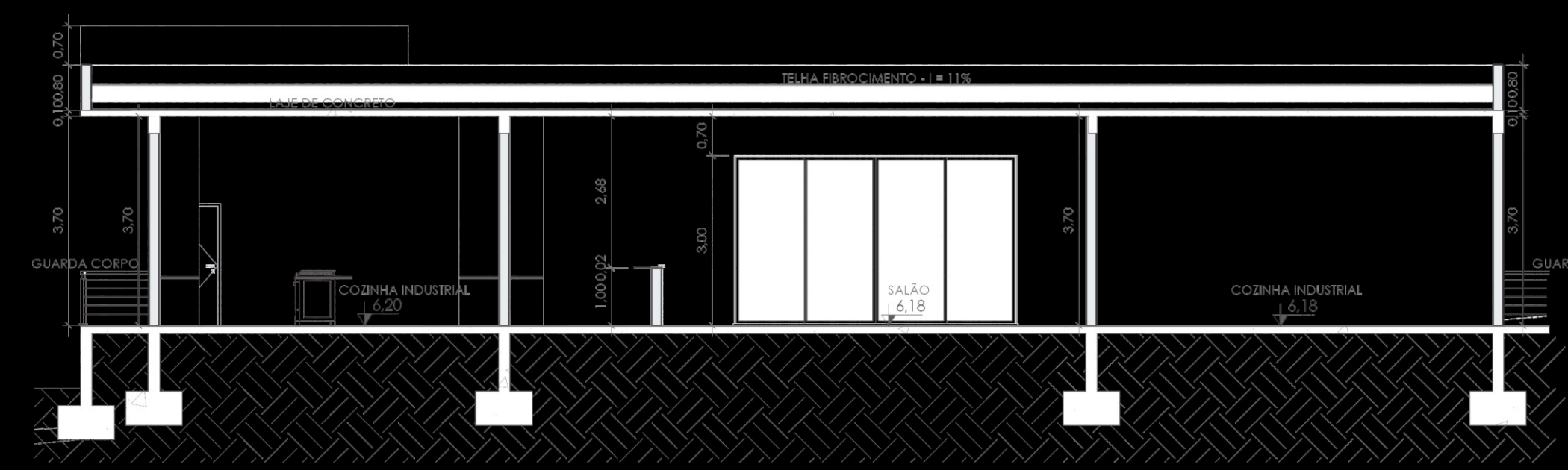
CENTRO COMUNITÁRIO ÁREA DE SERVIR



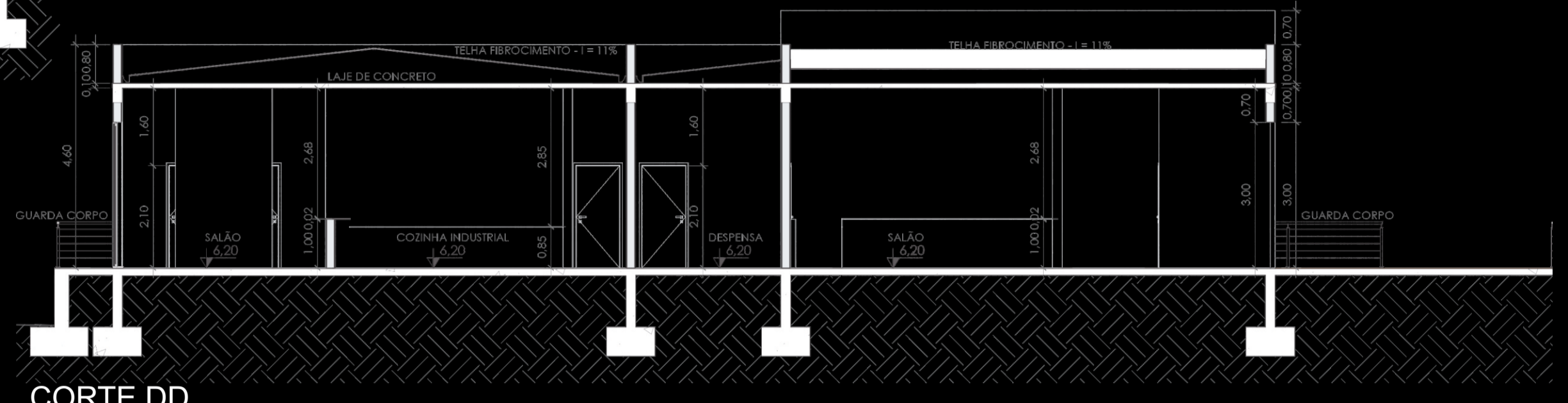
PLANTA BAIXA
Escala Gráfica
0 - 2,5m 5,0m



PLANTA COBERTURA
Escala Gráfica
0 - 2,5m 5,0m



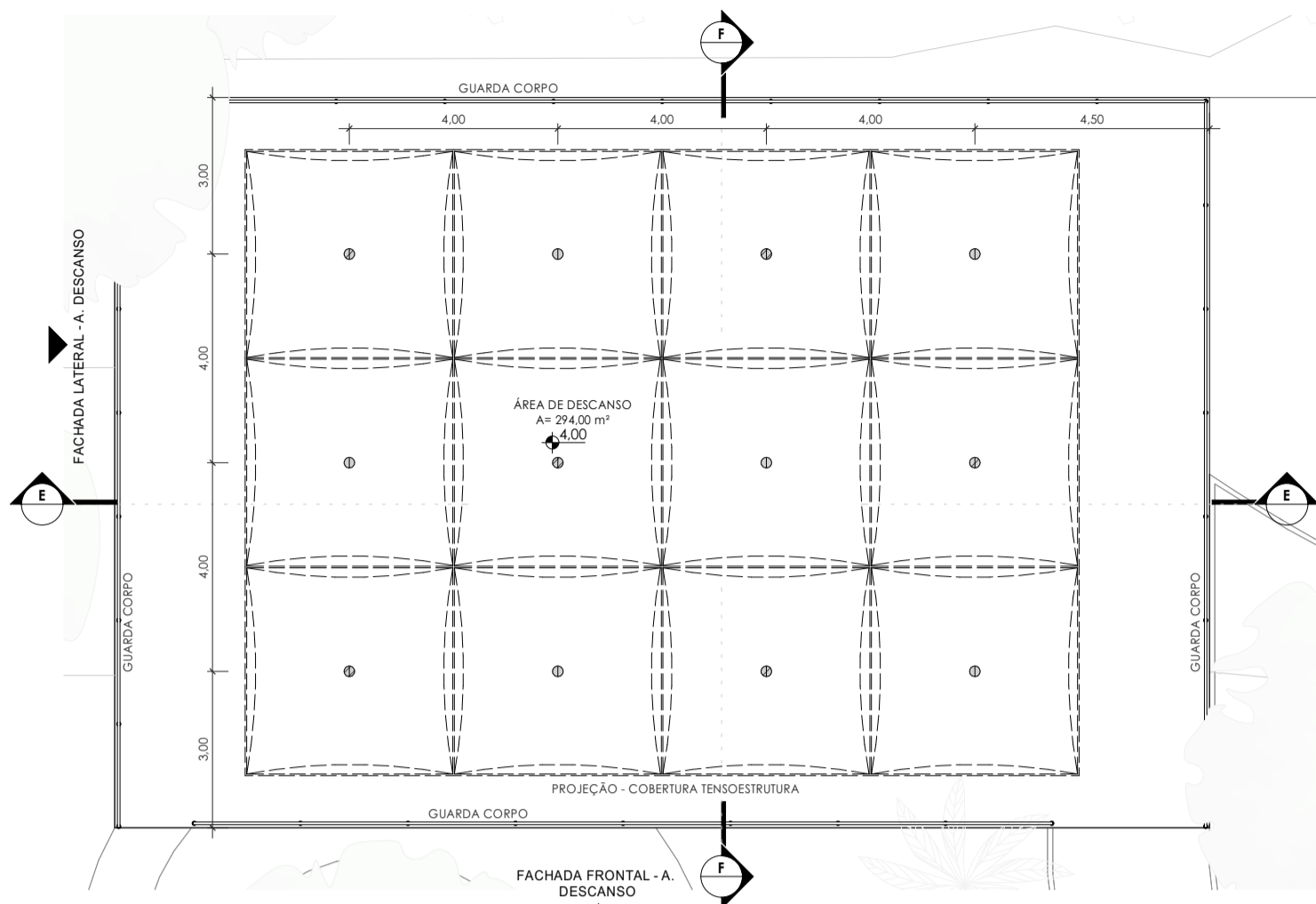
CORTE CC
ESC: 1:100



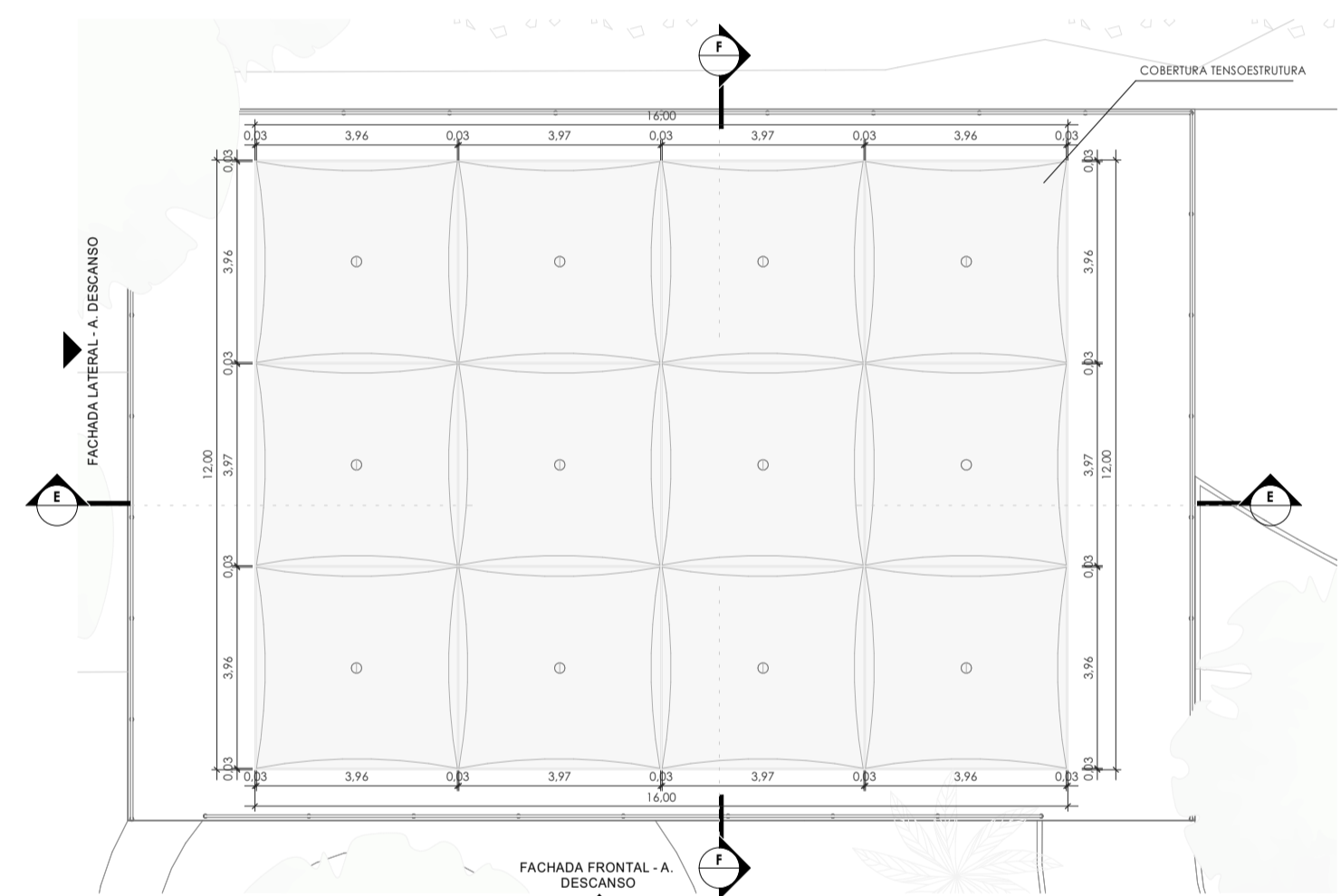
CORTE DD
ESC: 1:100



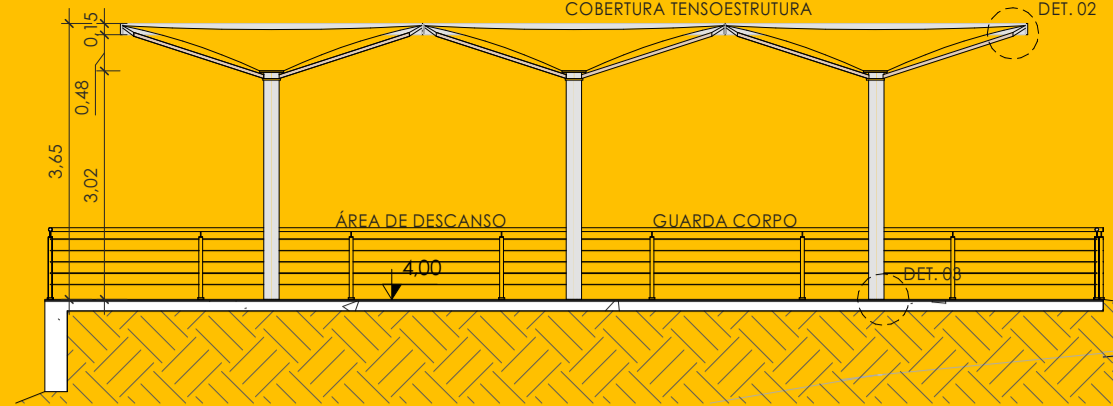
5 ÁREA DE DESCANSO



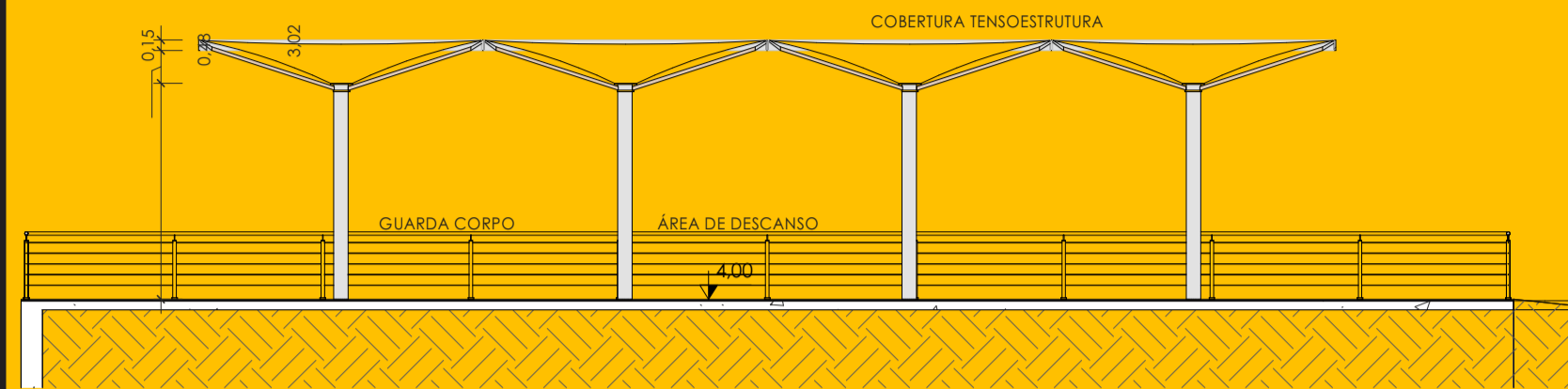
PLANTA BAIXA
Escala Gráfica
0 2,5m 5,0m



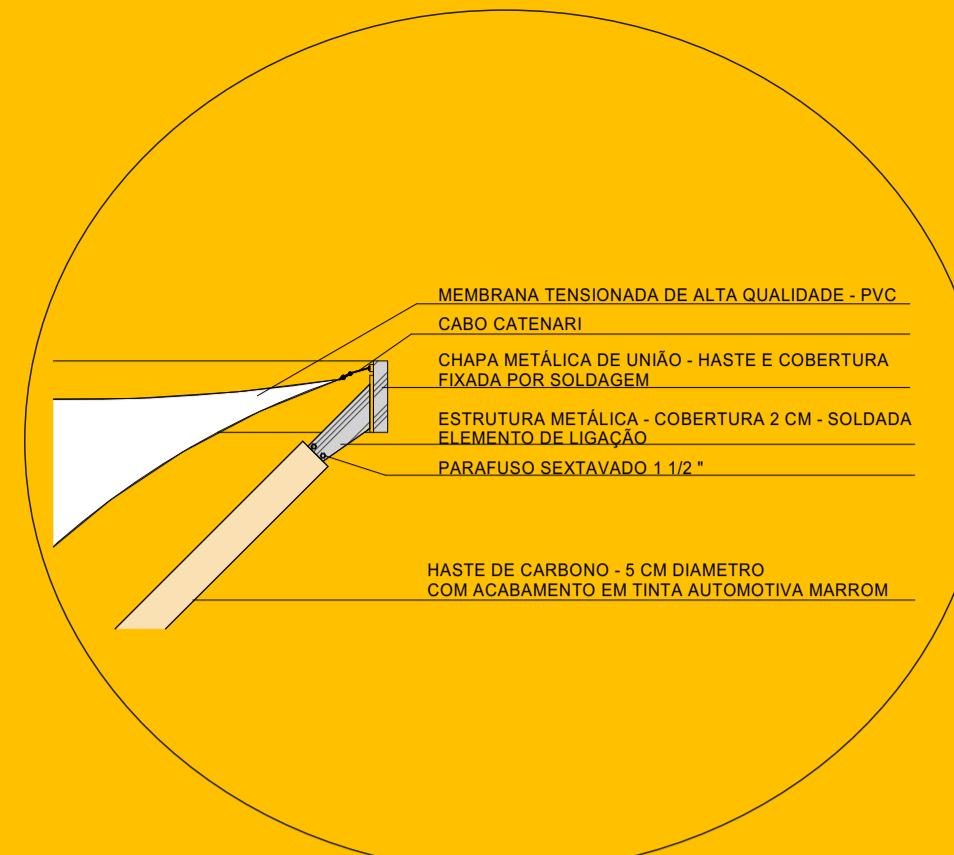
PLANTA COBERTURA
Escala Gráfica
0 2,5m 5,0m



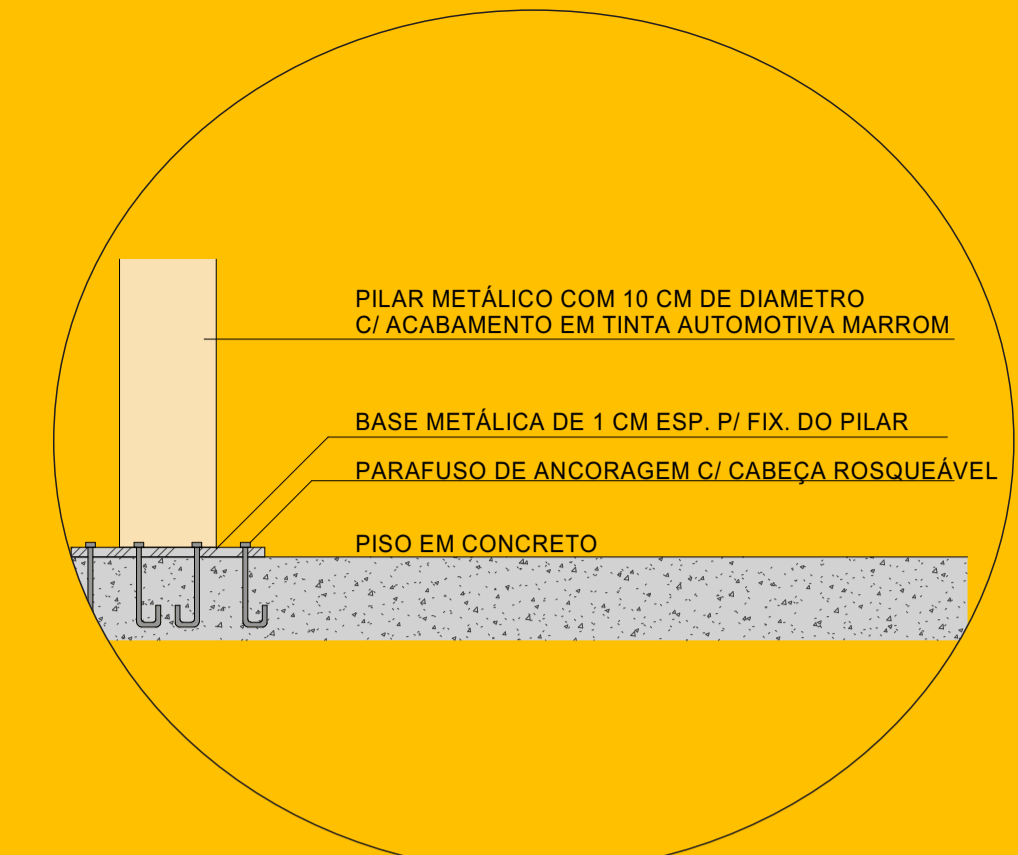
CORTE EE
ESC: 1:100



CORTE FF
ESC: 1:100



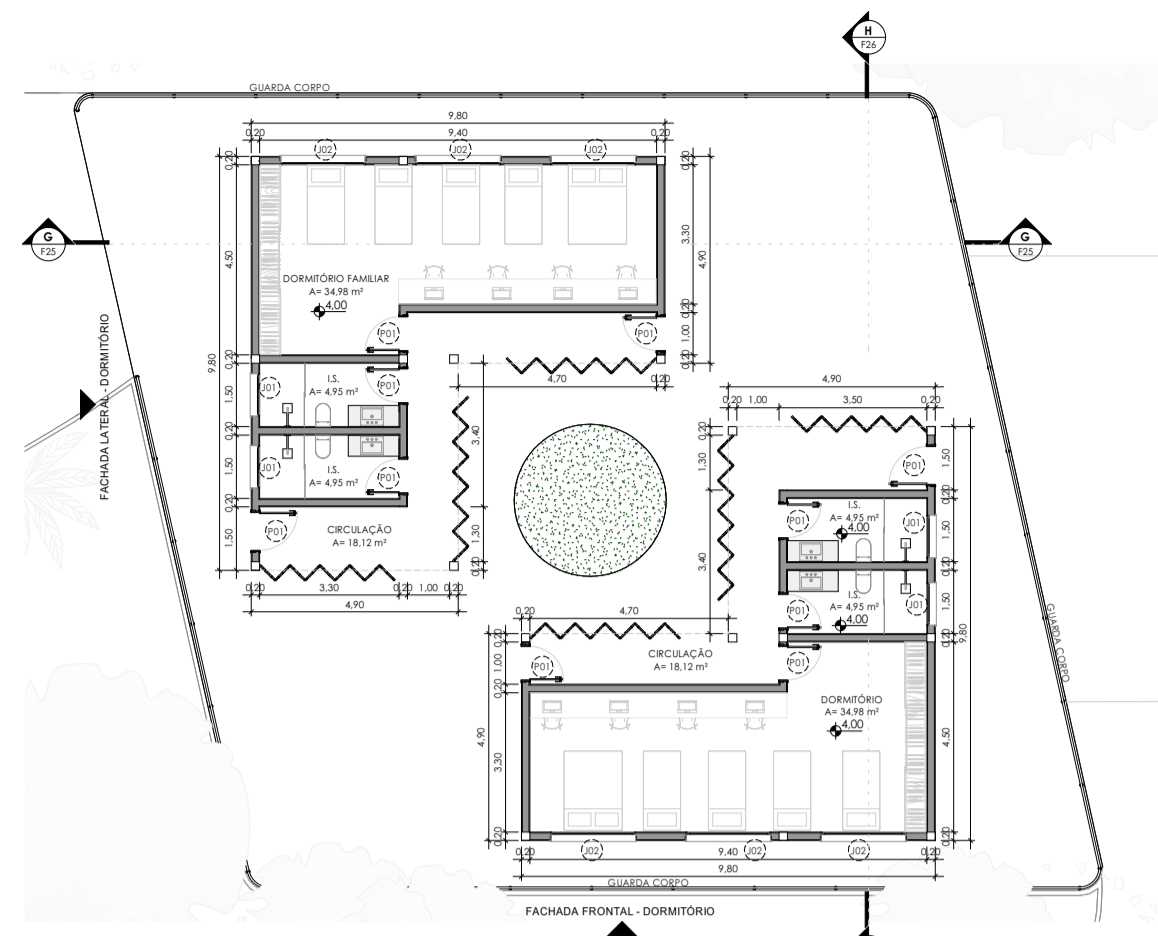
DETALHAMENTO 02: LIGAÇÃO TENSOESTRUTURA



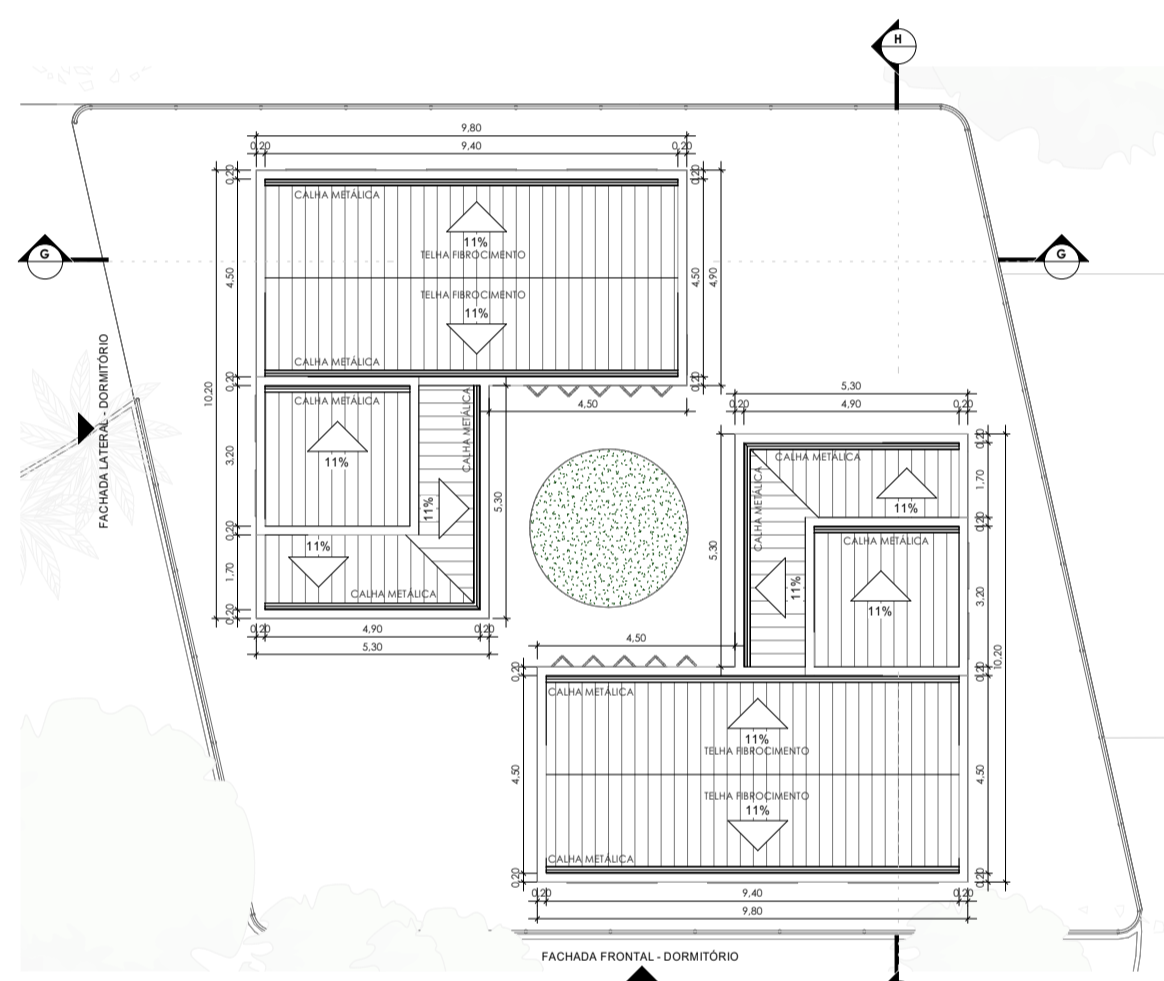
DETALHAMENTO 03: LBASE TENSOESTRUTURA



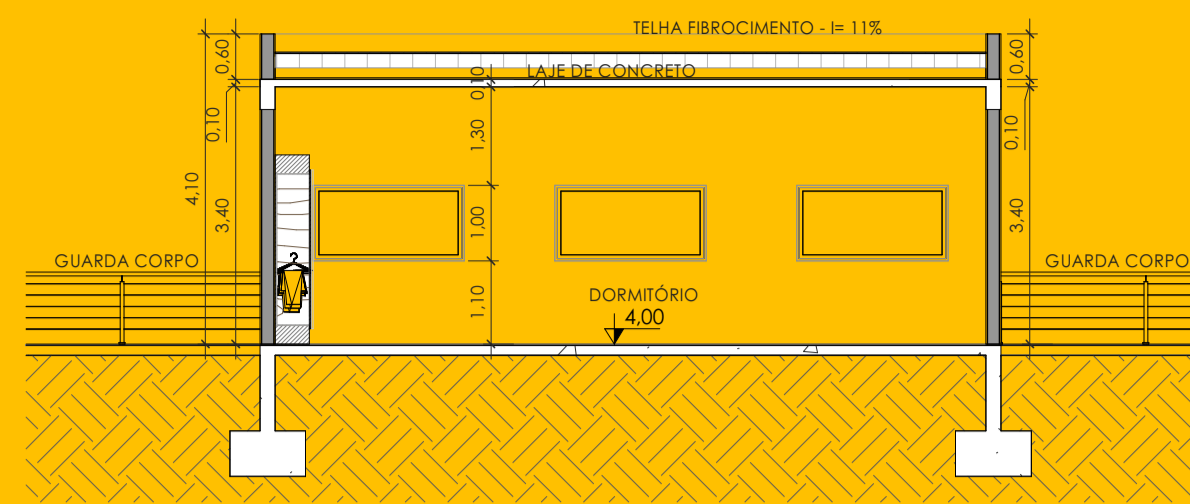
6 DORMITÓRIOS



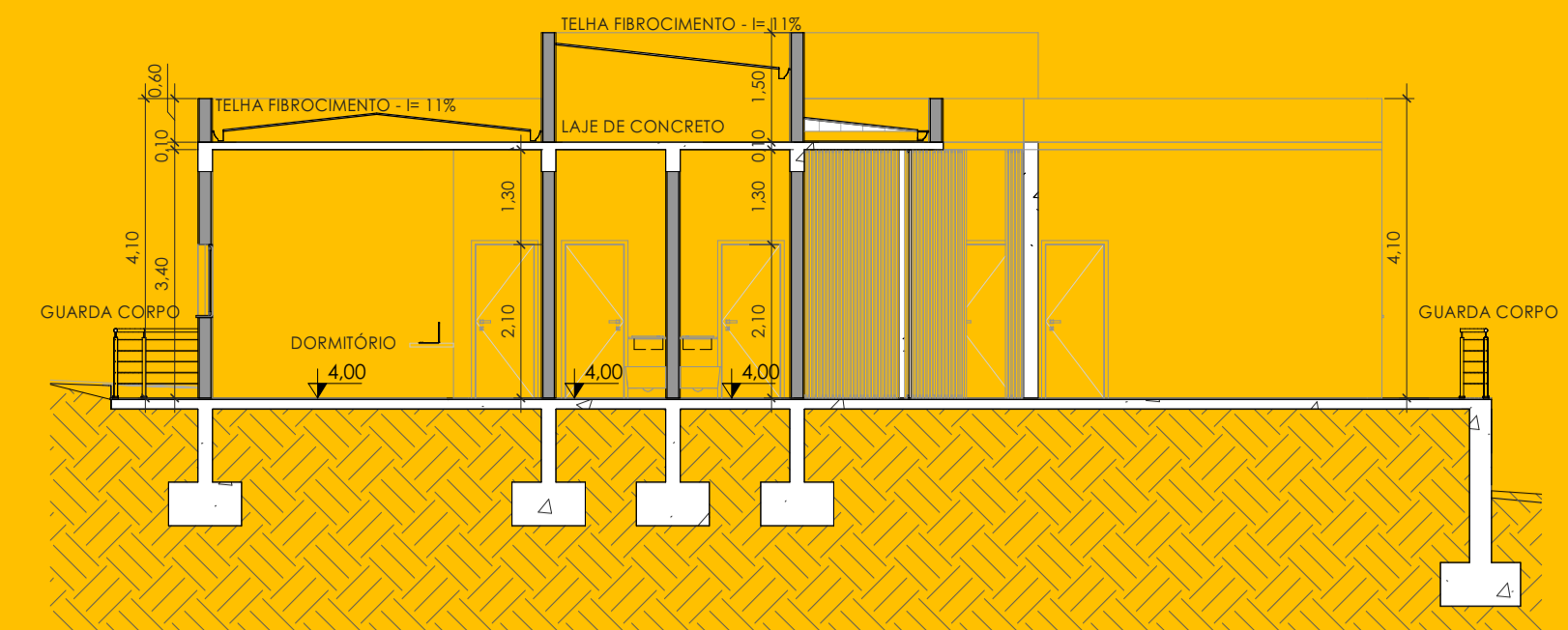
PLANTA BAIXA
Escala Gráfica
0 2,5m 5,0m



PLANTA COBERTURA
Escala Gráfica
0 2,5m 5,0m



CORTE GG
ESC: 1:100



CORTE HH
ESC: 1:100



Sabe-se que a arquitetura atua como um grande indutor social, afinal, as edificações constituem uma das necessidades básicas de todo ser humano e são elas que marcam a época e a identidade cultural de um determinado tempo.

Por meio de pesquisa teórica e de campo acerca do tema, compreendeu-se a importância de entender os indivíduos no meio coletivo e social na construção de um município. Assim sendo, foi possível reconhecer que na comunidade Pitangueiras da cidade de Três Pontas-MG é imprescindível a existência de um equipamento que atenda à população daquele espaço, pensado para eles e que, há bastante tempo tem sido ocultado pelo o contexto urbano de uma cidade.

A arquitetura e identidade destas comunidades tem sua beleza significativa e histórica em cada região que faz parte. Hoje, os projetos voltados para estes espaços, muito das vezes, são vistos como pensamentos pequenos, mas através de várias formas e de projetos como estes, é que as comunidades e os espaços territoriais aos quais pertencem passam a ser considerados como algo além, como algo que não é simples e precisa ser pensado e elaborado.

O projeto do Centro Comunitário permitiu a compreensão das funcionalidades deste tipo de edifícios e a sua posição social, ajudando a voltar o olhar para as necessidades de pequenas comunidades e sua realidade diante uma massa urbana em geral, assim como base para trazer o sagrado para a construção dos edifícios ao deparar com a crença daquele público e assim projetando edificações que correspondem a identidade de seus usuários.

A realização deste projeto mostrou a importância que uma intervenção arquitetônica no espaço pode ter e as melhorias que pode trazer para os usuários, além de tudo, em manter e ressaltar a identidade cultural de um local. Reafirma o direito que todos possuem em exercer sua cultura, opiniões, assim como suas crenças e isso não deveria de modo algum ser impedido por falta de estrutura e planejamento urbano, é nosso trabalho como futuros arquitetos e urbanistas solucionar e projetar estes espaços e edificações para a comunidade, mostrando que a arquitetura é sim para todos.

“ NÃO NOS LEMBRAMOS DE DIAS, LEMBRAMOS DE MOMENTOS ”